



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE VIDA E TRANSFORMAÇÃO: UM BIOGRAFEMA  
DE VÓ MARIA RITA NAS MINAS GERAIS DO SÉCULO XX**

**VERÔNICA ANASTÁCIA PEREIRA PERBONI**

Foz do Iguaçu  
2025



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**MEMÓRIAS, NARRATIVAS DE VIDA E TRANSFORMAÇÃO: UM BIOGRAFEMA  
DE VÓ MARIA RITA NAS MINAS GERAIS DO SÉCULO XX**

**VERÔNICA ANASTACIA PEREIRA PERBONI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Anaxsuell Fernando da Silva

Foz do Iguaçu  
2025

VERÔNICA ANASTÁCIA PEREIRA PERBONI

**VÓ RITA E A DIMÂNICA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS DE VIDA E  
TRANFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Prof. Anaxsuell Fernando da Silva  
UNILA

---

Prof. Ângela Maria de Souza  
UNILA

---

Prof. Jurandir de Souza  
UNILA

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Dedico este trabalho a minha Vó Rita e a minha  
família

## AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não seria possível sem o apoio e a presença de pessoas fundamentais em minha vida. Expresso minha mais profunda gratidão à minha família, que sempre esteve ao meu lado nos momentos de desafio e conquista.

Em especial, minha mãe Emília e minha avó Maria Rita, sem elas nada disso seria possível, agradeço também às minhas tias, irmãs e primas, mulheres que, com sua força e carinho, me inspiram diariamente. Cada uma, à sua maneira, contribuiu para que eu chegasse até aqui, seja com palavras de incentivo, gestos de afeto ou simplesmente com a certeza de que nunca estou sozinha. O amor e a cumplicidade que compartilho com vocês são um pilar essencial na minha caminhada.

E, acima de tudo, agradeço a mim mesma. Porque, mesmo nos momentos mais difíceis, quando achei que não conseguiria, encontrei forças onde parecia não haver. Entre a ansiedade e as paranoias, permaneci de pé e segui em frente. Sozinha, aprendi a continuar, e hoje chego ao final desta etapa com orgulho da minha trajetória. Um agradecimento especial ao meu cachorro Jabuticaba, entre latidos e mordidas me acompanhou nesse processo. Hanna, Matilda e Kiara, mesmo longe amo vocês.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte desta trajetória, meu sincero obrigada.

*Eu tentei compreender a costura da vida  
Me enrolei pois a linha era muito comprida  
E como é que eu vou fazer para desenrolar,  
para desenrolar.*  
**Sérgio Pererê**

## RESUMO

Este trabalho investiga a história de vida de Maria Rita dos Passos, por meio do traçado de um biografema que resgata momentos significativos de sua trajetória. A pesquisa busca compreender a relação entre memória individual e coletiva, explorando as formas como as transformações sociais impactaram sua experiência. Utilizando uma abordagem qualitativa, a metodologia se baseia na autonarrativa considerando aspectos sociais, econômicos e culturais. Os resultados revelam que a história de Vó Rita não apenas reflete sua resistência e adaptação a condições adversas, mas também evidencia processos de construção de identidades e memórias atravessadas por gênero, etnia e classe. O estudo reforça a importância da memória como ferramenta de compreensão das experiências de mulheres negras, destacando a dinamicidade na reconstrução das lembranças.

**Palavras-chave:** memória; mulheres; Vó Rita; trajetória de vida; cuidado

## RESUMEN

Este estudio investiga la historia de vida de Maria Rita dos Passos, a través del trazado de un biograma que rescata momentos significativos de su trayectoria. La investigación busca comprender la relación entre la memoria individual y colectiva, explorando cómo las transformaciones sociales han impactado su experiencia. Utilizando un enfoque cualitativo, la metodología se basa en la auto-narrativa, considerando aspectos sociales, económicos y culturales. Los resultados revelan que la historia de Vó Rita no solo refleja su resistencia y adaptación a condiciones adversas, sino que también evidencia procesos de construcción de identidades y memorias atravesadas por género, etnia y clase. El estudio refuerza la importancia de la memoria como una herramienta para comprender las experiencias de las mujeres negras, destacando la naturaleza dinámica en la reconstrucción de los recuerdos.

**Palabras clave:** Memoria; mujeres; Vó Rita; trayectoria de vida; cuidado.



## ABSTRACT

This study investigates the life story of Maria Rita dos Passos, through the tracing of a biogram that rescues significant moments of her trajectory. The research seeks to understand the relationship between individual and collective memory, exploring how social transformations have impacted her experience. Using a qualitative approach, the methodology is based on self-narrative, considering social, economic, and cultural aspects. The results reveal that Vó Rita's story not only reflects her resilience and adaptation to adverse conditions but also highlights processes of identity and memory construction shaped by gender, ethnicity, and class. The study reinforces the importance of memory as a tool for understanding the experiences of Black women, emphasizing the dynamic nature of memory reconstruction.

**Keywords:** Memory; women; Vó Rita; life trajectory; care.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Mapa de Contagem 1922 .....</b>	<b>19</b>
<b>Figura 2 – Igreja Matriz São Gonçalo do Amarante .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 3 – Conjunto Centro Cultural .....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 4 – A estação de Contagem com o trem de Passageiros.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 5 – Em azul, a linha que liga Belo Horizonte e em vermelho, o leito do antigo ramal de Contagem.....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 6 – O mapa de localização da linha.....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 7 –Anúncio de 1955 .....</b>	<b>36</b>

## LISTA DE FOTOGRAFIA

<b>Fotografia 1 – Casamento .....</b>	<b>35</b>
<b>Fotografia 2 –Vó Maria Rita .....</b>	<b>90</b>

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. ROMPENDO A VIDA</b> .....	20
2.1 “Não ficava sem doce, nem ficava azedo.” .....	25
2.2 “As madames de salto alto” .....	29
2.3 “Foi tudo depois, sabe, depois que eu casei” .....	33
<b>3. O TREM VAI E VEM</b> .....	38
3.1 “Os homem era machista, não deixava a gente trabalhar fora” .....	40
3.2 “Engraçado, né? O negócio de benzer é até engraçado” .....	44
3.3 “Mas tem tanta coisa. A gente não pode duvidar” .....	54
3.4 “Achei que a aluna não ia vir hoje.” .....	60
<b>4. AGUECER A VOZ</b> .....	63
4.1 “Bateção de tambores” .....	64
4.2 “Maria é minha secretária.” .....	68
4.3 “É o violão para cantar de ti” .....	76
4.4 “Eu vou lá pra ver Sacralia sentada no toco” .....	79
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	92

## 1. INTRODUÇÃO

### A Antropologia e o Biografema

A narrativa sobre trajetórias de mulheres negras no Brasil ocupa um espaço central na compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e culturais que estruturam o cotidiano das classes populares. A partir do conceito de biografema, tal como proposto por Roland Barthes (2004), este trabalho busca esboçar um mosaico de lembranças e experiências significativas que configuram a história de vida de Maria Rita dos Passos, minha avó. Essa abordagem permite o resgate de memórias que transcendem a linearidade temporal, evidenciando gestos, objetos e eventos simbólicos que compõem sua trajetória. Como argumenta Conceição Evaristo (2020), em “*A Escrivivência e seus subtextos*”, no livro organizado por Constância Lima Nunes e Isabella Rosado (Org.), *Escrivivência: a escrita de nós*. As memórias de mulheres negras são atravessadas por experiências de opressão e resistência, sendo fundamentais para compreender os processos de transformação social. Nesse sentido, a memória não é apenas individual, mas também coletiva, como enfatizam Janotti e Queiroz (1988), em seu texto “*Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo*”, constituindo-se como uma reconstrução dinâmica que conecta o presente ao passado e vice-versa.

O presente estudo se propõe a analisar a história de vida de Vó Rita, uma mulher negra nascida nos anos 1930, cuja experiência de vida é marcada por condições de trabalho precárias e pela lida na economia informal para sustentar seus dez filhos ao lado de seu marido. Ao examinar sua trajetória, busca-se compreender não apenas as adversidades enfrentadas, mas também os modos pelos quais ela concebe as relações sociais e sua própria subjetividade enquanto mulher negra em um período de profundas transformações históricas e sociais no Brasil. Assim, este trabalho se insere em uma discussão mais ampla sobre como as memórias individuais se articulam com os valores coletivos, evidenciando as interseções entre memória, gênero, etnia e classe.

Estudar a trajetória de Vó Rita representa uma oportunidade única de compreender as formas pelas quais as mulheres negras, historicamente marginalizadas, se inserem nos contextos sociais e culturais em que vivem. As condições de vida e trabalho enfrentadas por ela oferecem uma perspectiva singular sobre as relações sociais estabelecidas ao longo do século XX, revelando como essas relações são atravessadas pela negritude e pelas transformações sociais da época. Ademais, o resgate dessas memórias permite problematizar a relação entre a sociedade e o indivíduo, destacando como os espaços percorridos por ela são impactados pelas mudanças sociais, assim como ela mesma contribui para essas transformações. Esse trabalho

não é apenas um ato de memória pessoal, mas também um gesto político que visa traçar a história de uma mulher negra nos registros simbólicos e acadêmicos.

O objetivo geral desta pesquisa é reconstruir a memória de Vó Rita por meio de um biografema, utilizando uma abordagem que compreenda a memória como um fenômeno dinâmico e coletivo. Para isso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: analisar as perspectivas de Vó Rita sobre sua própria vida, promovendo uma autonarrativa que valorize sua reflexão sobre sua trajetória; investigar como as estruturas sociais e culturais influenciaram sua trajetória, considerando sua condição de mulher negra e trabalhadora informal e formal; e compreender as transformações nas relações sociais e nos contextos de trabalho em que esteve inserida, a partir de suas experiências e memórias.

Para alcançar esses objetivos, a metodologia adotada neste trabalho busca descrever os procedimentos e técnicas que orientaram a condução da investigação, garantindo a honestidade e a profundidade das informações coletadas. A antropologia, como a ciência que estuda a diversidade cultural e a experiência humana em suas múltiplas formas, encontra na biografia um valioso recurso para compreender o indivíduo dentro de seu contexto sociocultural. A biografia, ao traçar a trajetória de vida de uma pessoa, permite explorar como os aspectos culturais, sociais e históricos influenciam e moldam a vida e a identidade de um indivíduo. Esse enfoque biográfico oferece uma perspectiva rica e detalhada que complementa os métodos tradicionais da antropologia, proporcionando uma visão mais profunda das relações entre a experiência pessoal e os padrões culturais mais amplos. Assim, ao integrar as abordagens biográficas em pesquisas, revela como os eventos de uma vida pessoal refletem, e ao mesmo tempo, são moldados pelas dinâmicas culturais e sociais de uma sociedade, contribuindo para uma compreensão mais completa da condição humana.

Este estudo se apoia em uma metodologia que propõe a compreensão de um estudo biográfico, mas também etnográfico. A estruturação deste trabalho exige um aprofundamento etnográfico, e um dos autores utilizados é George Marcus (2001), "*Etnografía en/del sistema mundial: el surgimiento de la etnografía multilocal.*". A etnografia multisituada é colocada neste trabalho como uma justificativa dos caminhos que a pesquisa segue. A etnografia multissituada propõe uma abordagem que expande a pesquisa etnográfica para múltiplos locais e contextos, reconhecendo a complexidade das práticas culturais e sociais no mundo contemporâneo. Essa metodologia enfatiza a necessidade de seguir objetos, pessoas ou ideias através de diferentes locais para capturar a interconexão global e local das práticas culturais. No caso desta pesquisa, seguirei as memórias de Vó Rita através do tempo e espaço.

Sendo assim, se torna importante ressaltar três pontos propostos pelo autor George E. Marcus (2001), onde o próprio denomina de “Ansiedades Metodológicas”, em suas palavras “etnografia multilocal puede originar tres tipos de ansiedades metodológicas: preocupación por los límites de la etnografía, por la reducción del poder del trabajo de campo y por la pérdida de lo subalterno.” (MARCUS, 2001, p.113)

Para compreender melhor a etnografia multisituada ou multilocal é fundamental promover a expansão da análise desses pontos. No primeiro ponto, a etnografia multisituada reconhece que não há uma separação nítida entre a sociedade global e a sociedade local; tudo está interligado. O primeiro ponto pode ser pensado como um exercício de mapeamento local, mas a análise desse mapeamento necessita de um olhar fora desse local, pois o sistema global influencia o sistema local.

O segundo ponto é a redução de poder do trabalho de campo, George Marcus (2001) aponta a preocupação de que a má interpretação da etnografia multisituada possa reduzir o poder do trabalho de campo, já que os pesquisadores dividem seu tempo e atenção entre múltiplos locais, não tendo uma imersão profunda em um único contexto. No entanto, isso pode ser resolvido com a compreensão de que o enfoque da pesquisa já estabelecida pode alcançar a profundidade de entendimento em um único local, e a necessidade de cobrir múltiplos locais é para capturar a interconexão global, sem perder o foco. O terceiro e último ponto estabelecido, é a perda do subalterno, a etnografia multisituada questiona a perspectiva de superioridade do pesquisador sobre o “subalterno”, o entrevistado. Conhecer o ponto de vista do subalterno também faz parte da descentralização do poder que exercemos sobre o campo, proporcionando uma visão mais completa da realidade do outro.

Esses três pontos são cruciais para a compreensão do trabalho, pois lidam com barreiras que são enfrentadas ao desenhar o campo etnográfico. Investigar e analisar a trajetória de vida de uma mulher que enfrentou adversidades ao longo do tempo é essencial para entender aspectos cotidianos das mulheres do século XX. Por isso, mapear um local geograficamente, sem se prender a esses espaços físicos, é vital. A redução do poder do trabalho de campo permite explorar outros espaços, mantendo a qualidade do trabalho e ampliando a discussão. O ponto mais importante é a perda do subalterno. O diálogo que pretendo construir com minha avó visa descentralizar o poder e imaginar a memória em construção. Como uma viagem no tempo, isso nos transporta para aquelas memórias, enriquecendo nossa compreensão.

O trabalho segue uma linha biográfica da trajetória de uma pessoa, por este motivo me apoio no conceito de biografemas, que me foi apresentado através do trabalho de Rebeca Azevedo - “Católico, gay e soropositivo: Um biografema sobre a vida”. O conceito biografema

foi proposto por Roland Barthes (2004), “*Roland Barthes por Roland Barthes*”, para se referir a pequenos detalhes biográficos que capturam a essência de uma pessoa, sem precisar de uma narrativa completa, cronológica e linear. O biografema foca em momentos específicos, gestos, objetos ou eventos que têm significado simbólico ou revelador, oferecendo uma visão mais profunda da identidade e subjetividade do indivíduo. Barthes (2004) estava interessado em como esses detalhes podem ser usados para criar uma leitura mais rica e complexa da vida de alguém que podem ser carregados de significado e contribuir para uma compreensão mais complexa das nuances de sua vida, sem depender de uma narrativa biográfica tradicional.

Colocando em diálogo a experiência dos encontros com minha avó, será possível compreender os espaços que ela percorreu ao longo de sua vida e observar as relações sociais nesses contextos. As transformações sociais produzem consequências importantes na estrutura e dinâmica individual, assim como a sociedade não pode ignorar as mudanças individuais. Prestar atenção aos detalhes pode levar este trabalho a descobertas inesperadas, pois há muitos aspectos da vida de minha avó, Maria Rita, que não podem ser separados.

Este quadro social que dá sustentação à manutenção dessas memórias está presente nas composições coletivas. Um espaço social e cultural onde o indivíduo estabelece suas relações de parentesco e amizades, ao mesmo tempo que essas memórias são compartilhadas, criando laços fortes que transformam as lembranças pessoais em uma memória coletiva. Mesmo que a memória possa falhar, este trabalho é uma tentativa de explorar a realidade entre as ficções das lembranças que se formaram ao longo do tempo.

Em síntese, o biografema, se resume nas palavras de Rebeca Azevedo (2003): é “uma experimentação do que é proposto por James Clifford: uma interconexão entre ficção e realidade” (2016). Sabiá me conta sua história e através dela escrevo, como num devir (1996), sua própria narrativa transforma-me e por meio desta é que transcrevo minhas percepções e interpretações daquilo me foi dito.” (Azevedo, 2023). Por este motivo, trago o biografema e a teoria do etnografia multisituada como uma parte essencial do método, a escolha dessas técnicas foi baseada na natureza do problema de pesquisa, visando garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, dessa forma pretende guiar os diálogos do trabalho de campo, me atentando aos detalhes que podem passar despercebidos, mas são tão importantes quando a narrativa completa.

Embora essas teorias venham de campos e contextos diferentes, elas podem ser vistas como complementares em certos aspectos da análise cultural e da compreensão de práticas sociais. É possível encontrar pontos de convergências entre a teoria de Roland Barthes (2004), Biografemas e a etnografia multisituada de George E. Marcus (2001). O primeiro ponto de



convergência é a fragmentação e a multiplicidade de perspectivas. A prática dos biografemas tenta capturar aspectos diversos de uma pessoa, apresentando múltiplas perspectivas e fragmentos de uma identidade. A etnografia multisituada busca compreender os fenômenos sociais através de múltiplas perspectivas, capturando a complexidade dos significados da vida social em diferentes locais. Sendo assim, os conceitos reconhecem que a complexidade de uma pessoa ou fenômeno não pode ser alcançada a partir de uma única perspectiva ou narrativa.

O segundo ponto é o desafio de uma narrativa linear. Os dois autores desafiam formas tradicionais de realizar uma biografia e uma etnografia, tentando escapar dessa narrativa linear tradicional. Barthes questiona a narrativa linear tradicional da biografia ao focar em fragmentos que não seguem uma ordem cronológica. Marcus (2001), por sua vez, traz esse desafio ao mapear fenômenos através de múltiplos contextos e tempos. Ambos abordam a necessidade de explorar narrativas não lineares para capturar a complexidade da vida humana e das práticas sociais.

O terceiro ponto é a ênfase na subjetividade e no significado cultural. George E. Marcus (2001) busca entender os significados culturais e sociais a partir de diferentes contextos e pontos de vista. Barthes (2004), ressalta a subjetividade e os pequenos detalhes que revelam a essência cultural e pessoal de um indivíduo. Neste ponto, os dois autores têm um ponto de convergência que se completa, acrescentando interpretações em suas teorias. Um valoriza mais a subjetividade e o outro o significado cultural, mas ambos entendem que a compreensão profunda requer uma abordagem sensível às nuances e aos detalhes.

O último ponto traz a interdisciplinaridade e a flexibilidade metodológica. Marcus propõe uma etnografia multisituada de forma flexível e interdisciplinar, incorporando métodos e teorias para estudar fenômenos complexos. A análise de Barthes (2004) dos biografemas é igualmente interdisciplinar, utilizando elementos da literatura, história e semiótica para entender a identidade. As duas abordagens são abertas e flexíveis, permitindo a integração de múltiplos métodos e perspectivas para uma análise mais rica e profunda.

Com essa discursão sobre a utilização de biografemas e a etnografia multisituada, é possível integrar as teorias de Kimberlé Crenshaw e Conceição Evaristo, trazendo à tona uma análise interseccional das práticas culturais e sociais. Crenshaw (1991), em *"Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color"*, argumenta que para compreender as experiências de mulheres negras é necessário considerar a interseção de múltiplas identidades e opressões – como raça, gênero e classe – que moldam suas vivências de maneira complexa e única. Isso ressoa diretamente com a ideia de biografemas, que, ao

detalharem momentos da vida individual, refletem as intersecções de diversas esferas da identidade.

Da mesma forma, Conceição Evaristo (2020), em *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, destaca como a escrita e a oralidade das mulheres negras são formas de resistência cultural, que transcendem as limitações impostas pela sociedade dominante. A oralidade, nesse contexto, assume um papel essencial, pois é por meio da palavra falada que as memórias coletivas são preservadas e transmitidas, garantindo que as histórias de luta e resistência não sejam apagadas pela narrativa hegemônica. A oralidade opera dentro das culturas que ainda não foram atravessadas pela escrita, mas, no caso das mulheres negras, a oralidade não apenas antecede a escrita mas se entrelaça com ela, tornando-se um instrumento de preservação de vivências que resistem ao silenciamento histórico.

Evaristo (2020) afirma que "a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos", o que pode ser entendido como uma forma de resistência que se dá também no contexto da biografia e da etnografia, ao narrar histórias de resistência dentro das intersecções de opressões. Nesse sentido, a oralidade é um eixo central dessa resistência, pois, antes de ser escrita, a história já circula entre as comunidades, fortalecendo os laços coletivos e desafiando a imposição da narrativa dominante.

Ao integrar as abordagens de biografemas e etnografia multisituada com essas teorias, se cria uma possibilidade de análise mais rica e matizada. A etnografia multisituada de Marcus (2001), com sua ênfase em contextos culturais diversos, permite que a análise de pequenos detalhes pessoais seja colocada em uma rede mais ampla de significados culturais, onde as múltiplas identidades e experiências de mulheres negras e marginalizadas podem ser melhor compreendidas. Assim, ao considerar as interseccionalidades presentes nas narrativas pessoais e culturais, é possível proporcionar uma análise mais profunda das complexidades das vidas humanas e das práticas sociais que escapam das abordagens tradicionais.

A condução desta pesquisa assume um caráter de Biografema de Roland Barthes (2004), onde o campo etnográfico se firma inicialmente na narração das memórias de Vó Rita. Essas lembranças são ativadas através de diálogos gravados que tomam caráter de conversas. Como disse o escritor libanês Khalil Gibran, "A lembrança é uma forma de encontro". As lembranças têm o poder de nos conectar com pessoas, momentos e lugares do passado. Mesmo que fisicamente estejamos separados de alguém ou de algo que foi importante para nós, a memória atua como um meio de reencontro. Ao lembrar, revivemos emoções e experiências, permitindo-nos sentir novamente a presença e a essência do que foi vivido. A importância e o poder das

memórias em nossa vida mostram como elas podem nos proporcionar um senso de proximidade e continuidade, mesmo na ausência física. A memória, portanto, é apresentada como uma ponte que nos permite revisitar o passado e manter vivos os laços afetivos e experiências que nos marcaram. A forma como a pesquisa será conduzida inclui a deslocação até a casa da Vó Rita e a presença no período da tarde, conversando e elucidando o caminho dessas memórias, ou melhor, indo de encontro com as lembranças de sua vida. À medida que as narrativas dessas memórias envolvem a transmissão de um saber e a exibição de uma postura que tende a produzir, ao invés de apenas sistematizar, busca-se perceber não apenas o que foi dito, mas também compreender a complexidade das narrativas que Vó Rita compartilha.

## 2. ROMPENDO A VIDA

No dia 22 de maio de 1933, em uma manhã de segunda-feira, nascia Maria Rita dos Passos, a terceira filha de Otaviano dos Passos e Joaquina Virgolina de Jesus. Inspirados em Santa Rita de Cássia, padroeira das causas impossíveis e protetora das famílias, deram-lhe um nome que para eles refletiam esperança e resiliência. Nascida em uma família, onde o pai de Maria se identificava como descendente de ex-escravos, a vida de Maria Rita foi marcada pelo trabalho árduo desde a infância, uma realidade comum para muitos na Contagem Rural de sua época.

Contagem, oficialmente independente desde 1911, era um lugar marcado por fazendas e pela história colonial, que envolvia o trânsito de mercadorias e pessoas escravizadas. Localizada a apenas 15,5 km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, a cidade desenvolvia-se devagar, ainda carregando as marcas de seu passado rural. Para Otaviano, o pai de Maria Rita, a ideia do “tal progresso” permanecia como um sonho, algo que ele esperava ver transformando o local onde vivia e trabalhava.

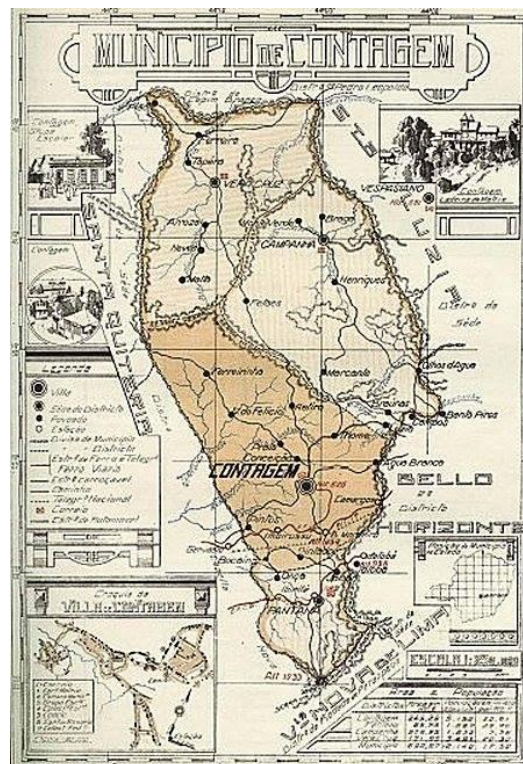


Imagem 1: Mapa de Contagem 1922  
Fonte: Acervo Ralph Mennucci Giesbrecht

Maria Rita passou sua infância na Fazenda Samambaia, pertencente à família Camargos, onde ajudava no trabalho desde pequena. A fazenda, estava localizada onde hoje se encontra a Via Expressa que liga as cidades Contagem e Betim a Capital Belo Horizonte. A fazenda foi o cenário de seus primeiros anos e lugar de suas brincadeiras. Maria adorava brincar de boneca e

era conhecida por sua calma, características que compunham a leveza de uma infância vivida em meio aos desafios da vida rural.

A Fazenda das Samambaia ficava longe do centro de Contagem, que ainda se consolidava como cidade. As casas eram distantes umas das outras, e as crianças não podiam andar sozinhas, com receio de topar com animais selvagens. “A infância foi boa, né? Onde a gente morava, não tinha criança por perto. As crianças estavam longe. Fazia bastante arte”, recorda Maria Rita. Em casa, o rigor dos pais fazia parte da rotina, mas ela se comportava bem, sem teimosia, como conta.

Um dos momentos mais ternos de sua infância foi o sonho de ganhar uma boneca. Sua família não podia comprá-las, e as crianças faziam suas próprias com sabugo de milho, pano ou papelão. Certa vez, sua madrinha lhe deu uma boneca de papelão no Natal. Ela passou um dia inteiro radiante, mas, no dia seguinte, chorou ao ver que o brinquedo não resistiu ao clima da região.

“Não existia boneca, né? Era só... tinha alguma boneca, mas de papelão. Mas a gente não iria comprar. Eu estava louca por causa de uma boneca. [...] Aí, quando foi uma ocasião, a minha madrinha, minha mãe contou à minha madrinha, que eu era louca, com boneca. Aí, chegou no Natal, ela comprou boneca e me deu boneca até bonita. Mas, as bonecas eram de papelão. A gente não sabia o que era papelão, né? Sabia de nada, e eu fiquei muito entusiasmada com a boneca. Brinquei sentadinha lá no cantinho, fazendo casinha com a boneca. E de noite, eu fiz a casinha, arrumei direitinho, deixei a boneca deitada, dormindo. [...] E, veio uma chuva e molhou a boneca a tudo. Depois do tempo, quando eu levantei de manhã, vou pegar a minha boneca, vou brincar. Perdi a boneca. Desmanchou tudo. Molhou, papelão molhado. Aí, foi um dia inteiro, pra mim chorar. Ri um dia inteiro, eu chorei o dia todo, por causa da boneca. Não tinha como comprar outra. Fiquei sem boneca do mesmo jeito.”

À medida que Maria crescia, as responsabilidades aumentavam: ela ajudava tanto nas tarefas domésticas quanto na roça, plantando e colhendo. Mas o que mais gostava era ir à escola. Nas décadas de 1930 e 40, o ensino era dividido em duas etapas: o fundamental, que durava de 4 a 5 anos e era obrigatório, e o supletivo, com cerca de 6 anos. A escola mais próxima ficava no centro da cidade, e Maria, como todas as crianças da região, precisava caminhar até lá. O centro de Contagem era simples, marcado pela igreja São Gonçalo e três casas. Uma delas abrigava o armazém de Sô Randolpho, onde Maria e os colegas compravam merenda, rapadura e pé de moleque antes das aulas. As crianças costumavam brincar na frente do armazém, aguardando o início das aulas. Para não chegar atrasadas, perguntavam assim: “Sô Randolpho. Quantas horas? [...] Aí falava assim: - É meio-dia, macaco assovia, panela no fogo, barriga vazia”. Fiquei sabendo, então nós tínhamos que correr pra não poder chegar atrasada.”



Imagem 2: Igreja matriz São Gonçalo do Amarante  
– Centro de contagem  
Fonte: Pagina facebook: Cidade de Contagem



Imagem 3: Conjunto Centro Cultura  
Fonte: Thelmo Lins

Maria Rita não era teimosa, mas fazia suas travessuras, na verdade apenas uma vez, como conta, junto com sua amiga Nessia, que já faleceu. Naquele tempo era comum a venda de groselha como uma bebida, assim como se vendem água de coco, Maria e Nessia não tinham dinheiro para comprar, até que surgiu oportunidade e tiveram um ideia. No caminho da escola passavam na frente da casa de Mané Pinto que criava galinhas no quintal a solta, elas avistaram um galinha e decidiram segui-la, até que perceberam que a galinha tinha um ninho atrás de um moída e havia botado vários ovos. “Aí falei com a Nessia assim. - Sabe o que nós vamos fazer? Vamo pegar os ovos, levar e vender por Só Randolpho, pra poder comprar groselha”

“Assim nós fizemos. Mãe, não podia saber disso não, né? Se soubessem, chamavam Mané Pinto ia cortar nos no chicote . Aí a gente toma aquele ovos, colocamos na sacolinha, leva pro Só Randolpho. - Nós trouxemos uns ovos aqui, se quer comprar ovo. - Pra quê? - Ah, pra poder comprar merenda? - Não tem dinheiro. - Aí, eu compro, sim. Levou lá pra dentro, veio e trouxe o dinheirinho, deu no as pratinhas. Então, fui para escola. Na volta passamos lá de novo, compramos groselha.” “Chegou uma meia garrafa, uma garrafa grande que tinha, assim do tamanho dessas garrafas de água sanitária. Então, toda alegre, bebendo tudo, né? Porque não podia trazer para casa, ainda tinha que passar água para lavar a boca, que ele pintava a boca. Aí, bebemos groselha, ficamos assim. - Olha, você não conta a sua mãe não, né? - Você também não conta a em, não, né? - E se contar, nós vamos apanhar, muito. E ela vai lá no Mané Pinto, sabe? Se nós pegamos mesmo os ovos, ele não viu, não”.

Com uma família de regras estritas e pouca tolerância para erros, onde a religião influenciava diretamente a criação dos filhos e as normas da casa, a honestidade sempre foi um dos principais valores ensinados desde a infância. Por isso, Rita, atormentada pelo peso na consciência, não conseguiu guardar o segredo de sua travessura e acabou confessando o que havia feito.

“Ficou, ficou muito tempo. Quando foi um dia, nós resolvemos contar. O que nós tínhamos feito. A única coisa errada que nós fizemos. Durante o tempo de aula. Aí, nós contamos. - Mas nu é possível, Maria, que você deve ter coragem de fazer isso. Mãe, nós queríamos comprar uma groselha e não tinha. Mas você não podia ter feito isso, não podia. Contou a mãe da Nessie. Ó, a Nesinha, sabe o que Maria me contou, que elas estão pegando os ovos lá, das galinhas do Mané Pinto para comprar groselha. Eu acho que a Neve apanhou, mas eu não apanhei, não. - Certo, vocês não vão fazer isso mais, não. - Nós não vamos fazer mais, não, mas não fizemos mesmo. A única coisa errada que eu fiz foi isso. Até hoje quando eu passo lá na rua, eu lembro da... Não tem a casa dele lá. Eu passo lá e falo assim, olha lá, a casa dos Mané Pinto”

Apesar do tempo insistir em apagar lembranças, Maria ainda recorda com carinho de sua avó, Maria das Dores. Desde muito nova, Maria adorava visitar a casa da avó, localizada na Avenida João Pinheiro. Ali, sua avó cuidava de uma menina chamada Iracema, que tinha um transtorno mental ainda desconhecido na época. “Ainda na casa da vovó tinha uma menina que ela criou, uma neta. Ela tinha um problema, mas eu não sei mais. Acho que ela era mental. Acho que ela não estava muito bem da cabeça, não sei. A vovó então criou ela. Mas tinha um luxo com essa menina.” lembra Maria. Na época, os transtornos mentais eram pouco compreendidos, e diagnosticados como os registrados no DSM só começaram a aparecer depois que o primeiro manual de diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) que foi publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) em 1953. O acesso a cuidados de saúde mental era escasso, a buscar por profissionais de saúde especializados carregava um forte estigma social, ainda com uma distância de 176 KM, a cidade de Barbacena possuía um dos maiores manicômios do País, o Hospital colônia de Barbacena inaugurado em 1903.

No entanto, Iracema nunca foi tratada com diferença em relação aos outros, sem que isso fosse visto como algo positivo ou negativo. Maria relembra que, até na hora das broncas ou palmadas, as duas eram tratadas da mesma maneira. A região de Contagem, rica em biodiversidade do cerrado e da Mata Atlântica, oferecia fartura em frutas silvestres como a gabiroba, que crescia em abundância nos quintais. Era costume de Maria Rita e Iracema saírem juntas para coletar gabirobas, um gosto simples que encantava as tardes após o almoço.

“Eu acho que eu mais Iracema fomos catar gabiroba. Aí chegamos, fomos lavar a mão. Vovó que deixava nós ficar sem lavar a mão. O de comer, tinha esse negócio de lavar a mão, né? Tinha que lavar a mão. Aí nós só, lavamos a mão. Não sei o que arrumamos, nós duas, caímos dentro do tanque. Esse é esse tanque de cimento, né? Caímos dentro do tanque. Aí foi aquela “gritalhada”, duas meninas gritando. Ah, mas vovó veio de lá só assim. Já estava de bunda pra cima mesmo, né? Três palmadas

em uma, umas três palmadas na outra, pra depois tirar nós pra almoçar. - Tão chorando lá. Ai, vai enxugar essas lágrimas e vem almoçar.”

E assim Maria foi crescendo, infância alegre mas uma vida com bastante dificuldade. Maria lembra que a fazenda onde passou a maior parte da infância não fica muito longe de onde mora atualmente. “A gente morava aqui na frente, olha. Um pouquinho pra lá do metrô. Eu acho que ainda tem a fazenda lá. É, é, é, chamava Samambaia. Fazenda da Samambaia. É, é, é, encostadinha ontem a Maria Geralda trabalhava. Eu quero dar uma olhada nela na Fazenda lá, nu sei se venderam, né? Fazenda do Avelino Camargos.”

Não se sabe ao certo como Otaviano dos Passos, pai de Maria, iniciou seu trabalho na fazenda, mas sua relação com Avelino Camargos, o proprietário da fazenda e padrinho de Otaviano, trazia resquícios de uma prática de apadrinhamento entre o patrão e os filhos dos funcionários. A mãe de Otaviano, que já conhecia a família Camargos, aceitou o convite para que Avelino fosse o padrinho do filho, um gesto que, à época, transcendia a fé e tinha conotações de segurança e lealdade. Para trabalhadores que serviam às famílias de fazendeiros, essa escolha significava mais do que proteção espiritual: era uma espécie de pacto de subserviência. Ao aceitar que o "patrão" fosse padrinho, esperava-se que o filho pudesse garantir um emprego no futuro, mantendo o vínculo familiar dentro do ciclo de trabalho que estruturava a vida nas fazendas e perpetuava a dependência econômica entre as gerações.

É, meu pai trabalhava aqui. Ele era padrinho, meu pai trabalhava pra ele. Mas É, carreiro, né? Porque ele tinha que levar a lenha pra Belo Horizonte. Em um tempo em que não existia nada, só existia fogo, fogão de lenha, né? E ele ficava carriando lenha. Todo dia ele levava uma carroçada, um dia ele levava a outra.

A fazenda, inicialmente simples, foi construída aos poucos. No começo, a família de Maria vivia em uma casa modesta, até que seu pai conseguiu economizar o suficiente para comprar um terreno no bairro Eldorado, em Contagem, o que mais tarde garantiria uma casa própria para seus netos e bisnetos. Em uma trajetória marcada pela superação, foram necessárias quatro gerações para que a família preta e pobre de Maria conquistasse estabilidade e dignidade.

A trajetória de que se segue na vida de Maria conecta-se diretamente às reflexões de Gilberto Freyre (1933) em *“Casa Grande & Senzala”*, especialmente no que tange às relações de poder e dependência que estruturam a sociedade rural brasileira. Freyre (1933) destaca como o sistema patriarcal das fazendas criava relações de dependência econômica e social entre os proprietários de terra e as famílias trabalhadoras, perpetuando essas estruturas por gerações. O apadrinhamento de Otaviano por Avelino Camargos é um exemplo dessa prática, que, embora tivesse um significado religioso, funcionava como um mecanismo de controle social. Ao aceitar



que o “patrão” fosse padrinho de seus filhos, famílias como a de Otaviano buscavam garantir proteção e oportunidades, mas ao custo da manutenção de laços de lealdade e subordinação.

Além disso, a trajetória de Maria reflete o movimento de transição entre a vida rural e urbana, um tema também abordado por Freyre (1933). A mudança da fazenda para o bairro Eldorado simboliza um esforço de mobilidade social, comum às famílias trabalhadoras que buscavam romper com a dependência direta dos grandes proprietários. Contudo, o legado do trabalho árduo e das relações assimétricas construídas na fazenda permanece como uma marca dessa vivência, evidenciando como essas dinâmicas moldaram o futuro de gerações.

## 2.1 “Não ficava sem doce, nem ficava azedo.”

Quando a casa grande foi finalmente erguida, a proprietária, Dona Lilia, se mudou para lá, e as tarefas da fazenda se intensificaram. Maria, ao lado dos irmãos, ajudava o pai com as plantações de feijão e milho, onde ele preparava as covas, e as crianças seguiam plantando. Em certo momento, Dona Lilia pediu para que Maria permanecesse na casa principal, auxiliando nas tarefas domésticas, que incluíam a limpeza dos azulejos, principalmente após as filhas de Dona Lilia terem se casado. Assim, Maria trabalhou ali até o casamento, vivendo as contradições de uma vida de trabalho árduo e a promessa de um futuro melhor para sua família.

“Já estava trabalhando lá, né? Tinha 12 anos, a gente na quele tempo, era muito franzina. Comecei a ajudar, a fazer a limpeza da fazenda. Acabei ficando, pegando a cozinha, fiquei cozinheira. Fazia de tudo. Fazia de tudo. A gente não era grande, tinha muito trabalho, né? Fazia comida, fazia café, fazia lanche. A gente fazia tudo. Muito biscoito, né? A dona era muito quitandeira, mas tinha semana que a gente tirava só pra fazer biscoito.”

Na rotina da fazenda, as mulheres eram frequentemente encarregadas de funções ligadas ao cuidado e à manutenção da vida doméstica. Como Angela Davis (1981) observa em *“Mulheres, Raça e Classe”*, o trabalho doméstico é desvalorizado por ser visto como uma extensão natural do papel feminino. Na prática, porém, esse trabalho era essencial para sustentar as bases econômicas e sociais do patriarcado. As mulheres negras, em particular, foram historicamente colocadas em posições ainda mais precarizadas, acumulando subordinação de gênero e exploração racial.

Como analisa, Angela Davis (1981) as dinâmicas de gênero estão profundamente entrelaçadas com raça e classe, configurando sistemas de opressão que transcendem o espaço doméstico e produtivo. No contexto das fazendas, a divisão de tarefas segundo o gênero não apenas organizava as atividades cotidianas, mas também consolidava estruturas patriarcais e raciais. Essas dinâmicas naturalizaram a subordinação das mulheres, contribuindo para sua

exclusão econômica. O trabalho feminino era desvalorizado tanto material quanto simbolicamente, reforçando a ideia de que era natural e, portanto, menos digno de reconhecimento ou remuneração adequada.

Maria, desde muito cedo, foi colocada na posição de realizar trabalho doméstico, servindo aos patrões de seus pais. Embora tenha aceitado essa situação em alguns momentos, essa não era a vida que desejava. Seu profundo anseio de continuar estudando foi frustrado pela decisão de seu pai, que a impediu de prosseguir nos estudos e a encaminhou para trabalhar como empregada doméstica para Dona Lilia. Esse cenário ilustra a reprodução de hierarquias de gênero e raça, em que escolhas fundamentais para a autonomia das mulheres eram negadas.

Com a interseccionalidade como chave de análise, Davis (1981) revela como patriarcado, racismo e capitalismo operam juntos para criar e perpetuar relações desiguais. No caso de Maria, a fazenda não era apenas um espaço de produção material, mas também de reprodução ideológica, onde as mulheres, especialmente negras, eram posicionadas como inferiores. Esse sistema consolidava exclusões que ressoam até os dias de hoje, exigindo uma análise crítica e multidimensional para sua superação.

Na época, a falta de estabelecimentos próximos, como padarias e vendas, fazia da produção caseira uma necessidade. Trabalhando na fazenda para Dona Lilia, Maria aprendeu diversas receitas tradicionais, como broa de fubá, biscoito frito e doces caseiros. Esse processo não só lhe proporcionou habilidades culinárias, mas também fortaleceu o vínculo com a família empregadora. Maria recorda as experiências ao lado da patroa, onde aprimorou as receitas e, aos poucos, adquiriu confiança para replicá-las.

“Lá eu fui lá que eu aprendi. Eu aprendi muita coisa com a Mãe também. Essas coisas mais grossas, né? Uma broa de Fubá, um Biscoito frito. Essas coisas eu aprendi a fazer. Mas quando eu cheguei lá na fazenda, como dizem, aperfeçoei, aí era fazendo de tudo, né? O que aprendi, olhando ela a fazer, a gente fazia assim. Aí nesse meio tempo, a moça se formou. A moça, aí, veio embora para casa. Ficou eu e ela. E a mãe dela, né? [...] Aí a medida quando ela saía, ficava aí eu e a moça. Ah, vamos fazer o doce de leite que a mamãe fez? E ela falava comigo, só para ver se nós sabe. Aí tinha muito leite, muito vaca. Aí nós fizemos aquele doce que ela fez, aí a gente fazia assim. Quando ela chegou, - Ah, mamãe, olha o que o eu mais a Rita fez. O que você fez? Aí nós fizemos o doce que a senhora me ensinou. Ah, não é possível? Aí ela viu, ó que delícia ficou, como é que vocês fizeram? Ah, ficou certinho, ficou ótimo, pode continuar. É assim que a gente aprendeu.”

A relação entre Maria e a família da patroa se desenvolvia em uma dinâmica onde o vínculo afetivo muitas vezes substituíam o pagamento formal por seu trabalho. A convivência diária e a proximidade com a família contribuíram para que a patroa se isentasse da obrigação

de um salário fixo, compensando Maria apenas com pequenas quantias. “Ai, eu não sei, acho que recebia. Até que ela me dava um trocadinho. Eu dava lá pra casa,” recorda Maria, destacando que as moedas recebidas ajudavam sua mãe com a compra de mantimentos, ilustrando a precariedade e informalidade que muitas empregadas enfrentavam. O trabalho era pago com experiência e proximidade, ao invés de dinheiro, o que refletia as relações desiguais de trabalho e dependência econômica que prevaleciam na época entre patrões e empregados.

Aos 15 anos, Maria já assumia responsabilidades que ultrapassavam sua idade. Em meio a um cenário socioeconômico difícil, ela vivia o dia a dia como uma adulta, dedicada aos afazeres na casa da patroa. Ao recordar esse aniversário, Maria narra um momento em que a patroa precisou sair e, em sua ausência, ela sentiu uma rara liberdade. “No dia que ela saía, a gente aproveitava assim pra trocar um pano de armário, né? Parece que quando a patroa não tá, a gente fica mais esperto.” A experiência não apenas reforça sua resiliência, mas simboliza a capacidade de Maria de aproveitar os pequenos instantes de independência, ressaltando também sua maneira de valorizar momentos de liberdade.

“Aí de repente... Fiquei moça, completei 15 anos. Eu lembro de 15 anos, eu lembro. Esse dia de 15 anos ela até saiu. Não sei quem é, a dona que estava doente, mas ela teve que sair. Ela falou, - Rita, vou ter que sair, hoje eu não podia sair pra gente fazer um almoço. E eu vou ter que sair. - Não tem portanção não. Aí ela saiu. No dia que ela saía a gente aproveitava assim pra trocar um pano de armário, né? Que diga, a gente parece que quando a patroa não tá, a gente fica mais esperto. Aí... Eu fiquei lá alegre e sossegada”

Mas na década de 30 a limitação tecnológica dos aparelhos domésticos, que na época era o cotidiano, atualmente é visto como um desafio. Sem acesso à eletricidade, a sociedade daquela época adotava métodos alternativos para preservar alimentos. Maria, relata que as carnes, por exemplo, eram cozidas e armazenadas em banha, uma prática comum para evitar o desperdício em um tempo em que geladeiras eram inexistentes. A carência de tecnologia também se estendia à comunicação: os rádios eram raros e tinham um alcance limitado. Apesar das dificuldades, esses métodos tradicionais faziam parte de uma rotina em que a autossuficiência e a criatividade eram essenciais para a sobrevivência.

“Tudo era feito na gordura,[...] você mata um porco, o que tinha era porco, mata, preparava a carne, fritava, era bem fritinha, depois de cozida, colocava dentro da gordura, não podia ficar destampada, tinha que pôr a gordura para tampar ela. Fritar, não deixar com água, e a água que faz azedar, era assim, engraçado, a gente fazia doce, né? Não ficava sem doce, nem ficava azedo.”

Os ensinamentos de Maria não se limitaram ao passado. Seus conhecimentos em limpeza, cuidado e preparo de refeições foram transmitidos de geração em geração, tornando-

se parte do legado que ela deixou para suas filhas e netas. Por meio dessa transmissão, Maria não apenas perpetuou suas práticas, mas também fortaleceu os laços familiares e garantiu que seus saberes continuassem vivos no cotidiano de sua descendência.

O aprendizado culinário, transmitido por mulheres da família, representa mais do que uma prática cotidiana: é um espaço de transmissão de saberes, autonomia e resistência em contextos de opressão. Jeanne Bovet (1977) no texto, “*A mulher e o trabalho*”, suas reflexões sobre a divisão sexual do trabalho, destaca que atividades atribuídas historicamente às mulheres, como a culinária, têm sido desvalorizadas pelo sistema patriarcal, apesar de serem fundamentais para a manutenção social e cultural.

Na perspectiva de Bovet (1977), as práticas culinárias transcendem o mero aspecto utilitário e atuam como um campo de reprodução simbólica e cultural. O ato de cozinhar e compartilhar conhecimentos perpetua práticas ancestrais que reafirmam identidades familiares e comunitárias. Essas práticas se configuram como estratégias de resistência, desafiando uma lógica que marginaliza o trabalho doméstico feminino.

Embora frequentemente subestimado, o trabalho doméstico — e, em particular, o preparo de alimentos — carrega uma dimensão de poder cultural. Ao transmitir receitas e técnicas culinárias, as mulheres preservam saberes que conectam gerações e fortalecem laços comunitários. Essas práticas não apenas resistem à invisibilidade imposta, mas também reinventam tradições em resposta às adversidades. Assim, a cozinha torna-se um espaço onde as mulheres exercem agência e mantêm vivas práticas ancestrais que subvertem a opressão.

A análise de Bovet (1977) permite compreender o trabalho culinário como um mecanismo de negociação de poder. Ainda que muitas mulheres encontrem prazer na prática da cozinha, para muitas outras, especialmente aquelas racializadas e de classes populares, esse trabalho se insere em uma lógica de subalternidade. A interseccionalidade de Crenshaw (1991) ajuda a compreender como gênero, raça e classe estruturam a experiência dessas mulheres, que muitas vezes exercem a culinária não apenas em suas casas, mas como empregadas em espaços onde o afeto pelo ofício não elimina as relações de exploração. A cozinha, nesse contexto, se torna um território ambíguo, onde se misturam prazer e necessidade, resistência e submissão, reprodução e reinvenção de práticas culturais. Assim, mesmo ao realizarem algo que gostam, essas mulheres lidam com desigualdades históricas que definem quem tem o direito de cozinhar por escolha e quem cozinha por obrigação.

## 2.2 “As madames de salto alto”

Belo Horizonte, uma cidade planejada para ser a capital de Minas Gerais, foi inaugurada em 1897, ainda incompleta. Naquele período, o Brasil passava por transformações econômicas significativas, resultado da abolição da escravidão e da Proclamação da República. Na tentativa de romper com o passado colonial, o que não deu certo, a arquitetura da cidade foi inspirada em modelos europeus, com influências neoclássicas e neogóticas. A construção de BH seguiu ao longo dos anos, refletindo o crescimento da cidade.

Embora a Fazenda de Samambaia não fosse longe da capital, a locomoção até lá era sempre motivo de alegria para Maria. Ela relembra: “Tava formando Belo Horizonte também. [...] Belo Horizonte estava até muito bonito, né? Que Belo Horizonte agora vai fazer tristeza, né? Aquela época não, hein? Entusiasmava com Belo Horizonte.” Enquanto a vida na fazenda era marcada pelo trabalho árduo, ir à cidade<sup>1</sup>, para vender os produtos no mercado era um evento especial, aguardado com expectativa.

O trem de ferro era a principal forma de transporte para as pessoas de Contagem e arredores, especialmente para viagens a Belo Horizonte. Maria recorda que o trem passava pelo centro da cidade<sup>2</sup>, parando em estações estratégicas, saindo da estação Bernardo Monteiro, indo até Contagem, passando pela Gameleira, e seguindo por outras estações, cujos nomes ela não se recorda. Esse transporte era essencial para levar os produtos agrícolas ao mercado e fazer compras, já que o comércio local ainda não estava bem estruturado. Viajar no trem era uma experiência coletiva, unindo as famílias que buscavam sustentar a vida no campo e garantir os suprimentos necessários para o dia a dia.



Imagem 4: A estação de Contagem com o trem de Passageiros, em foto possivelmente dos anos 1950  
Fonte: Extraído do site [www.folhadecontagem.com.br](http://www.folhadecontagem.com.br)

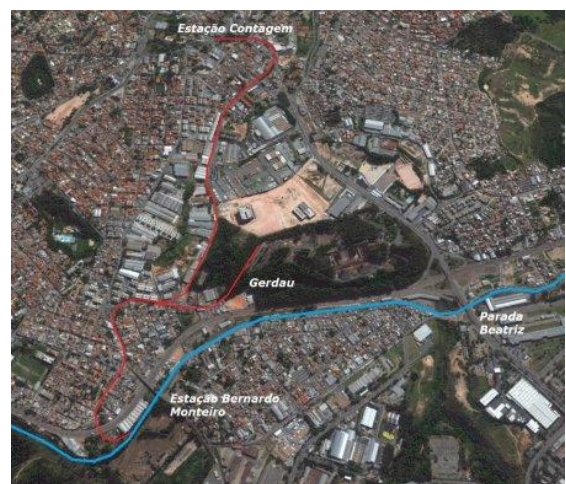


Imagem 5 : Em azul, a linha que liga Belo Horizonte a Garças e em vermelho, o leito do antigo ramal de Contagem

<sup>1</sup> Ir à Cidade: significa ir a Belo horizonte

<sup>2</sup> Centro da cidade: ir a Belo Horizonte

Fonte: Rafael Nogueira de Morais, 2016

Maria relembra que a organização para ir até Belo Horizonte começava no dia anterior, quando separavam as mercadorias que seriam vendidas. No dia seguinte, acordavam cedo e seguiam rumo à estação de trem, desembarcando na estação Gameleira com balaios cheios de frutas, verduras, doces, biscoitos, queijos e outros produtos feitos nas fazendas e nas casas dos moradores. O Mercado Central, inaugurado em 1929, assim como a própria Capital, foi inaugurado sem que as obras estivessem totalmente finalizadas. Na época, era o único mercado público que oferecia uma grande variedade de suprimentos. Toda a mercadoria levada era vendida em poucas horas. Maria conta, de forma curiosa, que as freguesas, todas de salto alto, passavam pelas barracas, e os produtos iam se esgotando rapidamente. “As mulheres eram muito chiques. A gente ia lá em Belo Horizonte, por centro. Você não vê pessoas assim, igual era, né? É só as madames de sapato alto. A gente queria ir só pra ver. Um bicho bobo, menino, né? Para ver as donas, ver as madame”

“As donas lá de contagem, falava assim. "O fulano", "Oi", "Amanhã você vai no belo?" "Vou, você já arrumou as traíás?" "Eu estou arrumando". A mercadoria chamava traia. Diferença, né? Você já arrumou sua traia? Já, eu vou também amanhã para ver o horizonte. O belo, o horizonte não. Manhã eu vou para o belo. Não é coisa esquisita, né? Não, a gente não fala. É a tradução, né? É o modo que a gente sabia falar.

“[...] a gente vendia tudo. Tudo que levava. Fruta, verdura, era a fruta do campo, né?. E levava o que tinha em casa. Tudo vendia. A gente falava que era vender na pedra. Acho que era assim mesmo, pedra. A gente põe e coloca os balaios. As donas iam passando e comprando. E assim, assim o mercado também foi melhorando, né? Até que chegou nesse ponto que está. A dificuldade foi melhorando.”

As narrativas que Maria concede, retratam as dificuldades cotidianas enfrentadas na época, mas com uma visão positiva sobre os desafios. A falta de transporte eficiente, como o bonde que nem sempre estava disponível, havia um ônibus subúrbio, mas era necessário esperar por horas, a espera do ônibus significa que o trabalho em casa ficaria sem fazer. Mesmo após um longo dia de trabalho, não havia descanso, pois havia a preocupação em garantir que tudo continuasse a produzir para o dia seguinte, o que lhes restavam era seguir andando até a estação de trem ou como muitas vezes retomar a andando até as suas casas. São lembranças de uma época em que a vida cotidiana era marcada por um esforço físico constante e pela superação das dificuldades. Uma vida dura de muito trabalho, mas também de resiliência e esperança de tempos melhores.

“Nem descansava. Foi bem engraçado. Mas foi um tempo bom. Foi bom. Que mais. Ali no Cabana<sup>3</sup>, tinha uma ponte e a linha do trem passava em cima daquela ponte. [...] Aí vinha, passava o fim da ponte. Até chegar aqui no Água Branca. [...] chegava em Contagem para depois voltar. Não tinha dois trens assim, um vai e outro volta, não. Era muito só. Toda dificuldade. Mas você não achava bom, achava alegre aquela andação, né? Não era ruim não.”

O trabalho incessante de plantar, colher e vender, juntamente com as lutas diárias de caminhar longas distâncias ou esperar pelo ônibus, eram enfrentados com uma resiliência inabalável, muitas vezes entrelaçados com uma sensação paradoxal de alegria, como se a própria luta, embora incessante, conferisse um propósito e um significado à rotina. Mesmo diante da constante exigência física e emocional, a capacidade de perseverar se transformava em uma forma de resistência, revelando uma força interior que transcendia a adversidade. A saudade daquele tempo, embora marcado por desafios, traz consigo uma lembrança de um tempo bom, em que, apesar das dificuldades, havia um sentido de pertencimento e continuidade.

A memória do trem que passa sobre a cabeça de Maria, com seu incessante vai e vem, assume um caráter simbólico, representando a contínua interação entre o trabalho, a rotina e a própria vida. Embora a linha do trem passasse fisicamente abaixo da ponte, a percepção de Maria, imersa no som e no movimento do trem, transformava aquele gesto em uma metáfora da sobrecarga e da repetição que marcavam sua existência. O trem, com seu movimento imutável e impessoal, torna-se o reflexo de um esforço sem fim, que ultrapassa as fronteiras da simples tarefa diária e se inscreve na construção de sua própria identidade. A sensação de que o trem estava sobre sua cabeça traduz o peso constante do seu cotidiano, ao mesmo tempo que sugere uma força maior que impulsionava a vida, com a rotina e o trabalho como pilares de sua resistência e resiliência.

O tempo foi passando, e a vida seguiu seu curso. O progresso começou a dar as caras, e Belo Horizonte foi crescendo, transformando-se na cidade idealizada pelos arquitetos, com casas, prédios, praças, hospitais e farmácias compondo o cenário urbano. Entre os principais hospitais da época estavam a Santa Casa e o Pronto socorro. Quando necessário, Maria e sua família recorriam a esses hospitais em busca de consultas. Contudo, as limitações da infraestrutura hospitalar eram evidentes: as prioridades eram os casos de emergência e aqueles que podiam pagar pelo atendimento. Diante dessas dificuldades, muitos acabavam recorrendo às farmácias, onde era possível obter consultas rápidas e práticas, mesmo que improvisadas.

---

<sup>3</sup> Bairro de Belo Horizonte

Essas farmácias desempenhavam um papel essencial para a saúde da população, especialmente para os mais humildes, que enfrentavam barreiras no acesso ao sistema de saúde formal.

Isso era farmácia, que a gente saía do mercado. Sempre a gente ia na farmácia [...] Um remédio, Bicarbonato, melhora, essas coisas assim, que por aqui era difícil. Já vinha trazendo tudo. Esqueci o nome. A gente tinha muito, tinha poucos médicos, a gente se virava mais com as farmácias. [...] Então, todo mundo ia comprar remédio, ah não tem, nós vamos para a farmácia, lá tinha bons médicos. A gente chegava, queixava o que tinha, o farmacêutico, escutava e tal, e lá dava gente o remédio certinho.

Em uma vaga de memória, Maria conta que também trabalhou na construção de Belo Horizonte quando ainda era pequena, seu tio era servente na construção da Avenida Amazonas, cujo faz ligação entre as cidades Belo Horizonte e Contagem. Na época, a empresa que cuidava da construção chamava-se Minas Moderna. O seu tio levou Maria e alguns de seus irmão para ajudar a catar as pedras, os trabalhadores ia abrindo o caminho da avenida quebrando as pedras, as crianças ia colocando nas latas, quando chegava o caminhão os trabalhadores jogavam dentro da caçamba e começava tudo novamente, enquanto isso o caminhão ia descarregar as pedras em outro lugar. O pagamento era todo sábado, e todos ansiavam por esse momento para poder entregar para a sua mãe o dinheiro de uma semana de trabalho.

“[...] Avenida Amazonas só tinha o nome. Tavam fazendo a Avenida Amazonas, abrindo a rua, começando a pôr os asfalto. Tinha que tirar aquelas pedras, aquilo era tudo tirado da mão, no braço. Tinha o caminhão que era, acho que era da prefeitura, um caco, que ia pegando aquelas borras de pedras, aquelas pequenas, para levar para o outro lado. Eu trabalhei nesse lugar também, para encher as latas. As latas de 20 litros. Eles punham encarcerados, assim ó, a gente vinha com a pazinha enchendo, aí os homens vinham chegando, eles jogavam em cima do caminhão, despejando e pondo lá, para a gente tomar a encher, o dia inteiro. Há que alegria, o dia que recebia o dinheiro. Nossa senhora, chegava em casa correndo, pra da minha mãe, vinha com o dinheiro assim fechadinho na mão. Acho que os dedos deviam estar até doendo, medo de perder. Eu não tinha uma bolsa, né? Mas a gente não tinha ideia de levar um lenço pra amarrar. A hora que o patrão pagava a gente, cabe aqui na mão, então trancava a mão. A gente queria ter ideia, né? Se não, perdia. E aí, aquela era Minas, chamava Minas Modernas. Minas Modernas era, né? Que chama, chama agora. Avenida Amazonas, né? Minas Modernas. Meu tio parece que se ele era encarregado lá, o que que era? Aí, levamos nós, aquele tanto de menino, para encher lata. Porque se fosse encher as latas, perdia tempo, né? Aí, enquanto eles iam despejar, não sei aonde, a gente enchia aquelas outras que ficaram mais lá. Mas aí, que ele chegava no sábado, era um trocadinho, né? Pagava direitinho.”

Maria desempenhou muitos trabalhos ao longo de sua infância, mas o que mais gostava era de ajudar as mulheres a baterem o barbatimão, uma atividade fundamental no processo de



curtir couro. A árvore do barbatimão, com sua casca rica em taninos, era essencial para esse ofício artesanal. Maria tinha uma tarefa de grande responsabilidade: buscar água fresca na mina para cessar a sede das mulheres. Bastava chegar com as cabaças cheias para que logo fossem esvaziadas, exigindo novas viagens à mina.

O trabalho era extenuante e durava o dia todo, sob o sol intenso. As mulheres batiam os troncos do barbatimão com força até que as cascas se soltassem, enquanto Maria corria para garantir o abastecimento de água. Apesar do esforço físico e do calor, essa experiência ficou marcada na memória como uma época em que o trabalho em comunidade reforçava os laços de amizade e dava significado ao cotidiano.

“Aqui também, a gente, aqui na Água Branca, trabalhou muito também, é bateção de casca, casca de barbatimão. Você já viu falar? O pessoal falava que era pra curtir couro, couro de boi, pra poder fazer sapato. Batia o pau, tirava a casca e tinha onde eles entregaram aquela casca pra curtir o couro. Aquele tanto de mulher matou fora, Tinha os homens para cortar. - Você conhece a árvore de Barbatimão. - Não, nunca vi. - Serve de remédio para inflamação. Aqui para cima era tudo isso, só tinha matou. Eu era mininoda, aí eu vinha mais para pegar água e colocar as madeiras atrás das mulheres, porque era um varal assim, vamos supor, igual essa mesa, né mas era um pau redondo ficava a porquinha no chão botava aquele pau, a marrava e ali as mulheres punham o pau de barbatimão em cima, e eu com um soquete (som de batidas na madeira) Batendo, aí ela soltava toda, tirava a casca e jogava o pau pra lá, parecia até um divertimento. Era o dia inteiro, aí fazia os montão, o caminhão vinha de tarde, pegava e levava. Não sei pra onde. Pra curtir pra... dizem que era, pra curtir pra fazer sapato. Agora não tem... não tem barbatimão, não tem mais nada, né?”

Tudo eu ia, eu dava conta. Ah, o pessoal me chamava Dindinha. Eu tinha um apelido de Dindinha. - Dindinha vai? Não. Ah, não, tem que ir. Dindinha tem que ir pra apanhar água pra nós. Ah, água, a gente tava lá em cima no final da Água Branca ali, BR, né, a água era aqui, [...]. E a mina, teve a mina até pouco tempo, aquela água clarinha. [...]. Aí vinha com as cabaças, enchia. Era só quando chegava lá, elas bebiam e voltavam para buscar mais. Aí tinha sempre umas três cabaças, né?. [...] E a água não esquentava, né? Ficava fresquinha, né. Quando acabava, vinha para buscar mais. Enquanto não estava buscando água, estava botando os montinhos assim [...].”

### 2.3 “Foi tudo depois, sabe, depois que eu casei”

Em um momento Maria deixa sua infância de lado e se transporta para o presente, parada olhando para o céu e refletindo sobre o fim do mundo, observando as transformações que o progresso trouxe. Ela compara o mundo de sua juventude com o atual, refletindo que, em poucas décadas, o "progresso" levou ao desgaste ambiental e social. O crescimento urbano e industrial

trouxe benefícios, mas também destruição: "A gente está acabando com o mundo," diz. Essas memórias revelam uma percepção crítica sobre o impacto da modernidade, um contraste entre a simplicidade do passado e as complexidades do presente.

“O mundo é velho, as providências são... Foi tudo depois, sabe, depois que eu casei, eu estava com 20 anos, não tinha nada disso. To nada surgiu. Um ano, quer dizer que o progresso tem uns 60, 70 anos. Verdade. Né? Verdade. Mesmo que pensemos, olha lá, que engraçado, sabe? Ficam falando que o mundo vai acabar, vai acabar não. O mundo é novo, é isso mesmo. Estar destruindo tudo, olha como é que está. O mundo é esse, a gente ficou muito nessa coisa, vamos progresso, progresso, e em 60 anos a gente acabou com o mundo. E acabou, você viu? Que durou, anos, acabou.”

Não que a memória de Maria faltasse, pois opina de forma decisiva como as coisas poderiam ter sido feitas diferentes. “Podia ter feito um... Uma área assim... Uma área cultivada, né? Só de fruta, gabioba, manga, pequi, caju, goiaba, mangava, piqui, paticum, fruta do campo”. O sonho de ver a urbanidade mais solista com a natureza fica apenas nos pensamentos de Maria, “a paisagem teria ficado linda, com as casas no meio das plantações”. Contudo, o “progresso” que Maria relembra não permitiu isso. A sociedade em busca de melhoria na vida, ficaram obcecados pelo progresso, destruindo algo valioso, sem perceber que o simples cuidado com a natureza era essencial.

Maria lembra-se de como a casa de seus pais era cercada de plantas, com um pé de cacto enorme que florescia lindamente, e do outro lado, um pé de panaceia. A frente da casa tinha um jardim maravilhoso, com flores e até banana. Seu pai sempre dizia: "tem pra comer, tem pra vender." Ele cultivava verduras e frutas, que sempre estava disponível para alimentar a família, sem precisar comprar cultivado com o suor do trabalho. O dinheiro é importante, mas a verdadeira riqueza estava na terra que oferecia sustento direto, e isso se perdeu com o tempo.

O modelo do desenvolvimento progressista trouxe conforto e comodidade para a sociedade, mas também cobrou um preço alto. O progresso, embora associado à geração de riqueza, resultou no desaparecimento de práticas essenciais que garantiam o sustento direto das comunidades. Hoje, é evidente que a dependência da terra e da agricultura poderia ter sido mais valorizada, pois a verdadeira riqueza não reside apenas no dinheiro, mas naquilo que a terra nos oferece de forma sustentável.

Essa reflexão encontra eco nas ideias de Nego Bispo (2022), que em sua obra enfatiza a importância dos saberes ancestrais em “*Epistemologia da terra*”. Ele argumenta que a verdadeira riqueza está na relação harmoniosa com a terra, valorizando práticas tradicionais que sustentam tanto a vida quanto a cultura das comunidades. Para Bispo, o avanço da

modernidade é uma forma de "desenraizamento epistemológico", que desvaloriza os conhecimentos locais em favor de um modelo econômico predatório.

Além disso, o progresso moderno alterou profundamente os modos de organização social e os padrões de consumo, rompendo com práticas tradicionais de subsistência. Nego Bispo aponta que esses padrões impostos não apenas desestabilizam modos de vida sustentáveis, mas também perpetuam uma forma de colonialismo que silencia os saberes locais. Assim, a valorização do que a terra oferece se torna uma forma de resistência ao modelo hegemônico, ressignificando o progresso como algo que deve ser construído em equilíbrio com a natureza e as culturas ancestrais. Ao refletir sobre o impacto social e ambiental das transformações modernas pode-se reconsiderar os caminhos do desenvolvimento, buscando alternativas que integrem sustentabilidade, justiça social e respeito pelos saberes tradicionais.

O trabalho intenso fazia o tempo passar sem que Maria percebesse, e, de repente, ela já era moça. Foi então que decidiu buscar algo além da rotina, e resolveu arrumar um namorado. Foi nesse contexto que conheceu aquele que viria a ser seu futuro marido, Simão Jacinto Pereira. Maria relembra, com um sorriso nostálgico, os desafios desse período.

“O tempo foi passando e foi se acalmando, né? Depois inventei de arrumar namorado, né? Eu falei, agora arrumo um namorado. Eu pensava assim, como é que eu vou falar com a dona Lília, que arrumei namorado? E o pai bravo lá. Ele era bravo e não gostava que a gente namorava, não é? Aí foi, foi. Eu criei coragem para falar com ela. - Ah, então você está com o namorado aí? Não é? - O moço que mandou um recado para mim. E mandou falar comigo assim. - O que é que ele mandou falar com você? - Ah bem, falou aí, sim, sim. - Ah, era bom rapaz. - Você marcou o dia de falar com ele? - Falei mais ele viajou, só quando voltar.”

A curiosidade não me deixava em paz, e insisti para saber qual havia sido o recado que Simão enviou. Com um leve riso, Maria cedeu: “ ‘Mas o que que ele mandou falar?’ – ‘Mandou falar que gostou de mim, achou eu muito bonita e queria falar comigo’. Falei, ‘tá’. A simplicidade e a leveza desse início guardam memórias de um tempo em que as relações eram construídas com olhares cuidadosos, coragem para enfrentar as expectativas e, claro, o peso das tradições familiares. Depois de um tempo, Simão voltou de sua viagem, ele trabalhava no Rio de Janeiro como mestre de obra para um Engenheiro. Não perdeu muito tempo e foi conversar com os Pais de Maria.

“Quando voltou, assim ele fez, foi lá, conversou, meu pai é muito bravo, - Mas depois eu te dou resposta, você tem que lá falar com a patroa dela, não é? - Já mandei um recado para ela, que domingo eu vou dar uma passadinha, assim fez. Aí chegou lá, recebi e tal, ficou sentado lá na varanda, conversando bastante. Eu fiquei cuidando da minha obrigação, de vez em quando eu dava uma chegadinha lá, com um cafézinho. Aí

eu fiz café, arrumei a mesa direitinho, lá, comendo todo o meu café, agora nós, Simão, agora nós vamos lá no quintal, para vocês supar uma laranja, tal. Tem muita laranja, tinha outras frutas, aí fomos eu e ele, lá no quintal comer uma fruta. Tinha muita fruta lá, né, laranja, goiaba, aí eu comi foi goiaba, eu gostava de goiaba. -Agora eu tenho que ir embora, naquela época eu não ficava até tarde, assim, que era tudo a pé.”

“Depois inventou em me pedi em casamento, aí eu já estava com 19, 18, 19, acho que 18, 19 anos, ele voltou, -E agora eu quero uma decisão séria de seu pai, de casamento. Nossa senhora, meu Deus do Céu, deu certo. Mas ficou naquele negócio, depois de dou a resposta, a mãe falava assim, aí eu por mim, está tudo certo, não tem nada que ver. Ficou, ficou, ficou, até que deu resposta, aí depois que deu a resposta. Tive que marcar, - Agora eu vou viajar, quando eu voltar, marca a data do casamento, é aqui a decisão.”

Maria Rita se lembra com carinho do dia do seu casamento. "Foi assim, como eu falo", ela diz. Casou-se no dia 2 de maio, na Igreja de São José do Calafate, com uma cerimônia que aconteceu cedo, às quatro horas da tarde. Após a celebração, voltou para a fazenda onde trabalhava e, mais tarde, foi para a casa da mãe, onde passou a noite e celebrou com uma festa simples, mas cheia de significado.

No dia seguinte, saiu pela manhã e foi para a casa da sogra, onde passou o dia arrumando os últimos detalhes. "Minha mala já estava na fazenda, porque eu trabalhava lá, mas tínhamos umas coisinhas para ajeitar aqui", conta. Depois de organizar tudo, passaram o dia na casa da sogra, resolveram algumas pendências e, no outro dia, seguiram viagem para começar uma nova etapa da vida a dois. “E assim eu fui rompendo a vida,” conclui, com o olhar cheio de memórias.



Fotografia 1: Fotos dos noivos Maria Rita e Simão Jacinto  
Fonte: acervo da família



de laços com a comunidade e, acima de tudo, pela tentativa de transformar as incertezas em oportunidades.

Foram recebidos calorosamente por Dona Maria, esposa do engenheiro que era patrão de Simão, um mestre de obras atuante no Rio de Janeiro. A recepção marcou o início de uma convivência respeitosa e de apoio mútuo. Pouco tempo depois, Simão retornou ao trabalho, deixando Maria livre para explorar o bairro e conhecer os vizinhos, construindo novas relações e adaptando-se ao cotidiano do novo lar.

“O meu marido começou o serviço, foi na terça ou quarta. Foi para o serviço e eu fiquei em casa, andando, conhecendo alguém na rua, conversando e tal. E assim foi, foi, a casinha estava muito arrumadinha, porque ele alugou do moço, ele tinha comprado as coisas, estava tudo em ordem. E aí eu comecei também a fazer, a conversar com o povo, conhecer. De repente, no fim da semana, a gente foi para a igreja, para a missa, conhecer o padre, que tinha lá, era muito alegre.”

Após quatro meses morando no Rio de Janeiro, Maria Rita precisou regressar a Minas Gerais para o casamento de sua irmã mais velha, Neuza Maria. O evento, marcado pela alegria e pela reunião familiar, deixou memórias que, embora não tão vívidas com o passar do tempo, ainda guardavam o encanto de um momento especial.

Na volta ao Rio de Janeiro, Maria Rita não estava sozinha. Zica, irmã de Simão, que havia retornado a Minas anteriormente para ter seu bebê, aproveitou a oportunidade para viajar com Maria Rita. Com um recém-nascido nos braços, Zica encontrou conforto e apoio na companhia da cunhada para enfrentar o longo trajeto de volta. Mas isso, ocorreu um fato que Maria Rita gosta muito de relembrar. O dia em que o correio não entregou a carta a tempo, fazendo com que ela ficasse esperando sozinha na estação. Quando chegaram à estação no Rio, o marido de Zica foi buscá-la de carro, deixando Maria Rita com uma mala pesada, sem saber ao certo o que fazer. “O que o marido dela fez? Chegou lá na estação, lá no rio, invés dele, esperar que eu pegasse o meu trem, que eu também não sabia direito, né? Não, pegou a Zica com o menino e tudo foi no carro, e falou aí ó, o simão já vai chegar, você fica esperando ele, que agora ele chega”.

Sem telefone para avisar ou qualquer notícia de Simão, Maria Rita esperou na estação, “Eu fiquei lá esperando, do esperando, do esperando aquela mala pesada. Aí eu falei meu Deus, aí eu tô pensando assim, meu Deus, agora como é que eu vou fazer? Pra mim pegar o trem”, até que um funcionário da ferrovia, o "guarda-chaves", ofereceu ajuda. Ele guardou sua mala grande e orientou que ela viajasse apenas com a bolsa para facilitar o trajeto. Quando o trem chegou, Maria Rita embarcou rumo a Marechal Hermes, “Quando chegou lá em Marechal, não consegui descer, o trem andava assim, meu Deus, Deus é quem vai me ajudar aqui agora” Um

senhor que estava no trem sugeriu que ela descesse em Madureira e pegasse um ônibus para Marechal. “Pois é, só tinha que ter descido lá atrás, não conseguiu. Agora a senhora desce em Madureira, vê se encontra uma condução, um carro, uma coisa, para levar a senhora em casa. Assim eu fiz.”

Desci do trem, que eu vi as escadas, que eu atravessei por outro lado e perguntei ao senhor, a gente encontra carro, um taxi, qualquer coisa, ele falou assim, - E minha filha, tudo aqui é difícil, não tem carro, mas ela vai tentando que encontra, mas a senhora vai para o marechal, a senhora sai daqui, a senhora está vendo lá aquela estátua de soldado, - Estou. - Então o ponto do ônibus é lá, a senhora atravessa, vai aqui, tal, tal, chega lá só de espera, o ônibus que já vem um ônibus com o nome de marechal, o senhora vai pegar ele e pede para quando chegar a senhora descer, assim eu fico. E como é que a senhora faz quando chegar em Marechal. -Lá em Marechal não tem erro nenhum, porque lá eu já conheço isso tudo lá. Assim eu fiz, eu peguei o ônibus e pedi o motorista quando em tal lugar a senhor, pára pra mim, parou, me chamou, era atencioso. Aí eu descí, lá em Marechal, hein, acabei de romper o resto da pé, quando eu cheguei lá foi um susto, todo mundo assustou, porque eu não sabia que eu ia a carta, não cheguei, eu falei, - Mas eu mandei a carta pra você que eu ia chegar hoje, você não me buscou na estação, -Você não precisa ficar brava, não porque eu não fui, porque não recebi a carta.

Apesar do cansaço e da dificuldade, Maria Rita conseguiu chegar ao destino. Ao chegar em casa, todos ficaram surpresos. A carta, que avisava sobre sua chegada, só chegou dois dias depois. Mesmo com o desencontro, Maria Rita, com sua determinação habitual, transformou mais um contratempo em aprendizado, reforçando sua capacidade de adaptação e superação.

“ [...] ‘Como é que você fez pra chegar até aqui?’ Falei, ‘Vim pedindo a Deus, pedindo a mão um e outro, cheguei, e agora as coisas ficou lá’, ‘Ah! você deixou lá guardada’, ‘deixei, o moço me deu um papelzinho, né’. Entreguei para Simão o papel ‘Não, eu vou buscar agora, hein’. Conversamos um bocadinho e foi num instantinho, desceu de trem e trouxe as malas. Essa peleja, tudo, foi só isso que eu esbarrei lá, mas faz gente, tem que aprender, né, as coisas.”

### 3.1 “Os homem era machista, não deixava a gente trabalhar fora”.

Maria Rita foi se acostumando com a cidade e a rotina, havia uma senhora que trabalhava com costura e deu oportunidade para Maria, que ia fazer arremate nas peças até que foi ganhando conhecimento o suficiente para ajudar com outras áreas da costura. Mas não durou muito tempo, logo as pessoas ficaram sabendo que Maria Rita era uma ótima doceira e as encomendas começaram a chegar.

“De repente engravidei, já fui logo fazer as roupinhas de bebê, fiz muita roupinha, graças a Deus, fiz um enxovalzinho grande, sabe o que deu pra quase todas



essas meninas vesti do enxoval do Carlim. Eu fui fazendo bordando, camiseta, manta, agora as mulheres não fazem nada mais, né, e tinha uma mala cheia de roupa, tudo e tal, e aí eu guardei. Aí deixa guardar pra todo mundo ver o que eu tinha feito.”

O nascimento do primeiro filho é sempre cercado de grande expectativa. Quando chegou momento de Carlim nascer, Maria Rita já havia finalizado todo o enxoval. Pouco se sabe, contudo, sobre os detalhes daquele nascimento, “Nasceu e tudo bem. Tudo certo. Ficou aquele problema de... Agora a gente tem que ir lá para batizar, mas nunca que a gente pode.”

A sogra de Maria Rita, Dona Maria Bernarda de Jesus, conhecida pelo netos como Dindinha, insistia para que Maria e Simão voltassem a Minas Gerais para batizar o menino, mas as obrigações de trabalho no Rio de Janeiro tornavam impossível abandonar tudo para realizar a viagem. A situação gerou grande descontentamento em Dona [nome a ser inserido], que começou a enviar cartas frequentes pedindo que o casal retornasse definitivamente para Minas. Com o passar do tempo, a insistência transformou-se em cobranças e, por fim, em críticas contundentes a Maria Rita por não ter batizado o menino.

“Sempre tem uma coisa, né? Mas o meu marido já sabia que ele estava com vontade de vir, minha sogra. Ficava só escrevendo cartas, escrevendo cartas. Eu tinha que ir embora, ficar lá, não sei o que. Eu ia ficar todo mundo perto, todo mundo junto. Naquela chamação. Toda semana chegavam cartas. Aí depois que o menino foi ficando maiorzinho, as cartas dela era só pra xingar. Me xingando pelo menino e está sem batizar, a última carta perguntou se eu queria que buscasse o menino, que não parecia ser tão rezadeira, que o menino nasceu e o menino não foi batizado.”

De tantas cartas enviadas pela sogra, suas ordens acabaram, de forma quase divina, sendo atendidas. Simão foi dispensado do trabalho, recebendo o acerto completo, como Maria Rita costumava relatar: “Um dia ele chegou e disse: ‘Agora sim, agora deu certo para mamãe.’ E eu perguntei: ‘Por quê?’ Ele respondeu: ‘Porque me mandaram embora.’ Então eu disse: ‘Olha, que bom! Agora a gente vai de vez, né?’”

O período vivido no Rio de Janeiro foi breve, mas repleto de acontecimentos significativos. O retorno para Minas Gerais aconteceu logo após Simão receber a rescisão do contrato de trabalho, momento que marcou a decisão da família de recomeçar em outra cidade. Com os recursos obtidos, organizaram rapidamente a mudança: reuniram seus pertences e os levaram para a estação D. Pedro II, onde foram deixados para posterior envio. Esse momento traz a despedida de um capítulo e a esperança de um recomeço.

Chegando a Minas Gerais, enfrentaram o desafio imediato de não terem onde morar. Nos primeiros dias, a família encontrou abrigo provisório na casa da sogra de Maria Rita, evidenciando o apoio entre os parentes nesse período de transição. Poucos dias depois, Simão

segiu até a estação Central, em Belo Horizonte, para buscar os pertences que haviam sido enviados do Rio de Janeiro.

“Aí, assim que ele recebeu a saída, né? A gente pagou as coisas pra trazer, que trouxe tudo, né? Trouxe as coisas. As coisas ficou na estação. A gente veio, mas já deixou tudo lá. É assim, a gente põe na estação e depois despachava. Mas veio tudo direitinho.”

Ainda sem um terreno para construir a casa própria, Maria Rita e Simão começaram a busca por um lugar para morar. Encontraram uma residência modesta, localizada onde atualmente passa a linha do metrô, que na época ainda não existia. A casa era extremamente precária, com goteiras no telhado e paredes sem reboco, mas Simão, com dedicação e habilidade, realizou os reparos necessários, transformando-a em um espaço habitável para a família.

Além das melhorias na estrutura da casa, o cuidado com o quintal trouxe uma nova vida ao ambiente. Maria Rita e Simão plantavam, organizavam e mantinham tudo em ordem, tornando o lugar mais agradável e acolhedor. Essa dedicação conquistou a simpatia da proprietária do terreno, que apreciava o zelo com sua propriedade. Aos sábados, era comum que ela viesse visitar a família, sentando-se para tomar café acompanhado de broa de fubá. Esses momentos de convivência simples revelavam a satisfação de ambas as partes: a proprietária, feliz com o cuidado da casa, e a família, grata pela oportunidade de construir um lar provisório enquanto sonhavam com algo definitivo.

“Todo sábado ela ia pra lá pra poder tomar café com bolo fubá. Você vê como eram as coisas, né? A dona falava assim: ‘todo sábado eu venho mais do meu marido e os meus meninos, tomar um café com broa de fubá’.”

“Aí eu fazia a broa cedo, aí chegava pra fim da tarde, aí já estava fria, né? Se comia, precisava de ver. Nem sei quanto cobrava. Não tinha tempo pra lá. Acho que ela nem me cobrou. Parece que não. Me cobrava o meu ou não. A gente tava cuidando direitinho da casa, da horta, né? Pra ela. Ficamos lá, não lembro mais quantos meses. Não foi muito tempo não, porque aí eu fiquei lá e construí aqui, construí, dia de sábado para domingo”.

Maria Rita e Simão viveram assim, aos poucos, até conseguirem construir sua casa própria com a ajuda de amigos nos finais de semana. Compraram um terreno no bairro recém-nomeado Água Branca, nome que surgiu devido à grande quantidade de bicás que existiam na região. A casa, que Maria Rita ainda chama de lar, foi erguida de forma gradual. Primeiro, fizeram o contrapiso de uma vez só, e, em seguida, começaram a levantar as paredes. “Aí a gente construiu os quartos, o banheiro. Dois quartos, depois foi a sala, o banheiro e a cozinha. E fomos fazendo aos pouquinhos. A gente fez o contrapiso em uma vez só, e construímos um

pedaço, deixou o outro pedaço. E depois fomos fazendo, devagarinho”. Maria Rita compartilha com muito orgulho a história da construção da casa que ainda é seu lar.

O retorno para Minas também marcou um momento importante para a sogra: a realização do batizado de Carlinho, o filho mais velho de Maria Rita e Simão. Foi um evento especial, muito aguardado pela família, que celebrou a ocasião com grande alegria. Mais do que uma cerimônia religiosa, o batizado simbolizava um novo começo, reafirmando os laços familiares e as raízes que os uniam. Ao mesmo tempo, Maria Rita seguia determinada a construir, tijolo por tijolo, não apenas a casa onde viveriam, mas também uma vida repleta de significado para sua família. Cada conquista, por menor que fosse, representava um passo adiante na construção de um futuro melhor.

“Aí na chegada, assim que a gente chegou, fomos batizados com o Carlinho, senão minha sogra dava um troço. Ele batizou, foi no Calafate também, sei lá, foi. Batizou lá na mesma igreja, porque aqui tinha um começo de igreja, a gente tinha igreja ainda não. Aí nós batizamos lá no Calafate. Foi sua avó, mais seu avô que foram os padrinhos. É, os meus pais. E com isso a gente fomos fazendo devagarinho, chegava sábado, ele trabalhava fora, né?”

O retorno a Minas também trouxe consigo a incerteza de conseguir um emprego. Na época, como Maria Rita destaca, “os homem era machista, não deixava a gente trabalhar fora”. Por isso, Simão não podia perder tempo e logo foi em busca de um trabalho. Com a construção das cidades de Contagem e Belo Horizonte a todo vapor, o que mais havia eram vagas para mestres de obra. Enquanto isso, Maria Rita ficava em casa, cuidando do filho e dos afazeres domésticos, mas, como ela mesma menciona, sentia a necessidade de contribuir para a casa. Então, além de lavar roupas para fora, não deixava de fazer doces para vender e ajudar com as despesas da família. Logo os outros filhos nasceram, foram dez filhos no total: Carlím, Maria Regina, Maria Emilia, Maria Helena, Conceição, Ana Maria, Alda Maria, Maria Badia, Ricardo e Claudia Maria. Apesar das dificuldades, conseguimos educar os filhos. Cada um foi encontrando seu caminho, trabalhando e estudando. “E assim a gente foi rompendo a vida. A peleja, né?”

Com os olhos cheios de lágrimas, Maria Rita recorda com saudade seu filho Carlinho, que, após uma árdua batalha contra o câncer de laringe, partiu em uma tarde serena, no dia 12 de novembro de 2019. Sua mãe, sempre ao seu lado, permaneceu firme e presente até o último suspiro, mas, infelizmente, o amor, por mais imenso que fosse, não pôde salvar. O vazio da despedida se fez profundo, uma dor que atravessou sua alma, marcando para sempre o silêncio daquela tarde que, embora tranquila, carregava a angústia de uma perda irreparável. “O Carlím

me ajudou muito. Me ajudou demais, fazia o que era mandado, ia pra escola, chegava, arrumava a cozinha, fazia de tudo. Não tinha disso. Saia para vender os doces e trazia tudo certinho”

### 3.2 "Engraçado, né? O negócio de benzer é até engraçado"

Desde pequena, Maria Rita acompanhava sua mãe à igreja, enquanto seu pai, embora não fosse fã de frequentar, sempre reservava momentos em casa para suas orações. “Meu pai não tinha de ir a missão, não. Ele era rezar, fazia oração. Eu não sei porquê, porque não gostava de ir. Tenho uma vez ou outra. Agora, minha mãe já era religiosa. Era mais religiosa. E, assim, a gente foi acompanhando, né? Levava a gente, era longe, mas levava”. Na escola, no entanto, a religião estava presente de forma obrigatória, com aulas de catequese e crisma. Porém, com a reformulação do sistema educacional brasileiro, esses ensinamentos religiosos foram gradualmente excluídos do currículo obrigatório das instituições de ensino. Hoje, embora o Brasil, como Estado, reconheça a importância de respeitar a diversidade religiosa e garantir liberdade de crença, na prática, essas condições nem sempre são aplicadas. O racismo religioso, segue sendo uma realidade, especialmente contra religiões de matriz africana, cujos praticantes enfrentam preconceito, discriminação e, muitas vezes, violência, mesmo em um país que se declara laico e diverso.

A vida simples de Maria Rita era marcada pelo ritmo do trabalho e pela fé que dava sentido à rotina. Ir à igreja não era apenas um compromisso espiritual, mas também o ponto alto da semana, um momento de descontração e socialização. Era ali que encontrava amigas, vizinhos e familiares, renovando laços e fortalecendo a convivência comunitária. O hábito de rezar o terço nas casas das comadres, tão presente em sua vivência, ajudava a tecer a organização social do bairro, criando redes de apoio e união.

Desde a infância, a religião foi um pilar em sua vida, o batismo, o casamento e a missã. Sua mãe, devota, liderava o momento do terço antes de dormir, insistindo para que todos participassem. "Não dorme, sei fazer o nome do Pai", repetia, garantindo que a devoção fosse mantida. Todos os irmãos, homens e mulheres, seguiam o catolicismo com fervor, frequentando missas e rezando juntos em casa ou nas reuniões que aconteciam no bairro Água Branca.

O Água Branca, ainda em seus primeiros anos, era palco dessas práticas religiosas que reforçavam o senso de comunidade. “A gente né, chegava a hora de rezar, saía um, ‘Olha, eu vou rezar, vamos também?’, ‘Vamos’, ‘Olha, eu vou também’, ‘Vamos também’, aí formava aquele tanto de gente, vinha aqui pra rezar, gente ia embora de tarde da noite. Não tem mais. Vinham aqui no Água Branca nas casas”, relembra Maria Rita. Além dessas noites de oração, conduzidas pela comunidade, o tio Beto era um homem muito religioso, que casou a irmã da

mãe de Maria, “[...] era com ele é que arrumava tudo de religião aqui no Água Branca, batizado, casamento, oração para fazer, tudo que precisava de desenvolver na igreja, que a gente precisava era com ele, era muito religioso, muito atencioso nas coisas, e tudo tem que marcar nas igrejas”. Maria Rita descreve esses tempos como uma mistura de alegria e simplicidade, em que a solidariedade e a espiritualidade se entrelaçaram. Hoje, ela reconhece que muito disso se perdeu, “uma vida alegre, difícil e fácil, porque a união era melhor”, mas as memórias dessas reuniões continuam vivas, marcando a história de uma vida construída com devoção e laços comunitários.

Nas comunidades onde Maria Rita viveu grande parte de sua vida, as benzedeadas desempenhavam um papel fundamental, indo além da função de curandeiras. Elas eram depositárias de um conhecimento ancestral que entrelaçava fé, práticas familiares e saberes empíricos transmitidos oralmente ao longo das gerações. Em contextos de vulnerabilidade, onde o acesso a serviços médicos era limitado, essas mulheres não apenas ofereciam alívio para dores físicas e espirituais, mas também fortaleciam laços comunitários e mantinham vivas práticas culturais profundamente enraizadas. Como aponta Gilson Xavier de Azevedo (2017), em seu trabalho *“As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina populares”*. “o ato de benzer não é apenas um gesto de cura, mas um vínculo social que reafirma laços comunitários e resgata saberes que resistem à modernização” (p. 63). Assim, recorrer a uma benzedeadas não era apenas uma escolha terapêutica, mas também um ato de pertencimento e confiança em um sistema de cura que transcendia o corpo, envolvendo relações sociais, memória e identidade. Conforme discutido por Azevedo (2017), os termos “benzeção” e “benzedura” referem-se ao ato ritualístico realizado pelas benzedeadas, enquanto “benzer” é o verbo que designa a ação de realizar esse ritual. Essas práticas são profundamente enraizadas na cultura popular e desempenham um papel significativo nas inter-relações entre cultura, religião e medicina populares.

Maria Rita cresceu nesse ambiente, onde as práticas de benzedura<sup>4</sup> estavam profundamente enraizadas na cultura local e permeavam o cotidiano das famílias. As rezas murmuradas, os gestos ritmados e o uso de elementos como ramos de arruda e água benta não apenas aliviavam dores e enfermidades, mas também fortaleciam laços comunitários, reafirmando a conexão entre o material e o imaterial, entre o corpo e a fé. Para muitas famílias,

---

<sup>4</sup> Benzedura: <sup>1</sup> Os termos “benzeção”, “benzedura” e “benzer” possuem o mesmo significado no contexto das práticas populares de cura e proteção espiritual. “Benzeção” e “benzedura” referem-se ao ato de realizar a benzeção, enquanto “benzer” é o verbo que designa a ação de realizar o ritual. A escolha entre esses termos pode variar de acordo com a região e o uso popular.

as benzedeadas não eram apenas curandeadas, mas também guardiãs de um saber ancestral, responsáveis por proteger, abençoar e perpetuar tradições que resistiam às transformações sociais e religiosas. São, como destaca Gilson Xavier de Azevedo (2017), "guardiãs de um conhecimento que atravessa gerações, combinando fé, rituais transmitidos oralmente e uma profunda conexão com a natureza" (p. 47).

Maria Rita não sabia que carregava em si o dom de benzer<sup>5</sup>. Por anos, viveu sem compreender o potencial que a tornava especial, uma menina calma e tranquila, cuja presença inspirava serenidade. A descoberta foi tão inesperada quanto transformadora. Vinda de uma família profundamente religiosa, sua ligação com a fé sempre foi evidente, mas ela jamais imaginou que a espiritualidade também a tornaria uma ponte entre o sagrado e a cura. Aos poucos, ela compreendeu que o dom não era algo planejado ou escolhido, mas, sim, uma vocação que nascia de dentro. Benzer, para Maria Rita, é mais do que repetir orações ou fazer gestos simbólicos; é um ato de amor, um cuidado que fortalece os laços comunitários e faz dela uma figura essencial em momentos de necessidade.

"Engraçado, né? O negócio de benzer é até engraçado", diz Maria Rita, rindo de forma serena ao lembrar sua trajetória como benzedead. Sua relação com o dom sempre foi marcada pela simplicidade, sem qualquer pretensão de grandeza. Para ela, benzer era uma extensão natural do cuidado e da fé que carregava, uma forma de retribuir à comunidade aquilo que a vida lhe oferecia.

Seu primeiro ato de benzeção<sup>6</sup> aconteceu quando tinha apenas 13 anos. A ocasião veio por meio de Dona Lilia, sua patroa já com a idade avançada, estava um pouco mal de saúde, pediu que Maria lhe benzedesse. Com um pouco de hesitação ela se rendeu, pegou um ramo de alecrim e um pouco de água, repetindo as palavras que a Dona Lilia dizia. "Eu não sabia direito o que estava fazendo", lembra Maria Rita com um sorriso, "mas eu sabia que tinha que fazer com fé".

"[...] Eu não sabia dizer nem nada não, né? Aonde eu trabalhava tinha a filha e a mãe. A mãe já estava bem velha. E às vezes ela ficava assim decadente, sentindo alguma coisa. Ela não queria ir ao médico e ela falava assim, 'ó Rita vem cá, vamos ali na fonte comigo'. Já estava assim pertinho da bica. 'Ah, se apanha um ramo, você me benzer'. 'Mas eu não sei benzer'. 'Não, você vai me benzer, você fala assim, assim, assim que eu vou ficar curada'. Aí eu fazia, molhava o ramo, jogando nela, fazendo a

---

<sup>5</sup> Benzer;

<sup>6</sup> Benzeção: <sup>1</sup> Os termos "benzeção", "benzedura" e "benzer" possuem o mesmo significado no contexto das práticas populares de cura e proteção espiritual. "Benzeção" e "benzedura" referem-se ao ato de realizar a benzeção, enquanto "benzer" é o verbo que designa a ação de realizar o ritual. A escolha entre esses termos pode variar de acordo com a região e o uso popular.

oração que ela mandou eu fazer, né? Aí dizia três vezes, foi assim. ‘Agora Rita da benzido’. Assim foi.”

Por muito tempo, Maria Rita guardou em silêncio o pedido de Dona Lilia e as palavras que recitou foram esquecidas apenas com a lembrança do ramo de alecrim e da água que utilizou. Não se considerava especial, tampouco via o que fazia como algo grandioso. Mas o chamado para essa missão parecia seguir seus passos, encontrando-a nos momentos mais inesperados.

Tentou manter o dom adormecido, mas quando se mudou para o Rio de Janeiro. Não demorou para que ele se manifestasse, uma vizinha, aflita com a doença de seus dois filhos, pediu ajuda a Maria Rita. Sem poder recusar, ela cedeu. Pegou o que tinha: sua fé e suas orações. Repetiu com fervor a Ave Maria e Maria Concebida, como aprendera em casa, com a certeza de que o ato precisava ser feito. Um homem que foi visitar as crianças viu o ato de Maria Rita e ficou impressionado pelo seu dom. As crianças melhoraram, e a notícia se espalhou pelo bairro. Maria Rita, ainda surpresa, começou a compreender o significado do que carregava. Não era apenas uma prática ou um hábito aprendido. Era uma missão, uma forma de amor e cuidado que a conectava com algo maior, algo que, mesmo em silêncio, transformava as vidas que tocava.

A partir desse momento, o ato de benzer tornou-se uma prática constante em sua vida. Com leveza e determinação, Maria Rita tornou-se uma figura de confiança para aqueles que a procuravam, oferecendo cura e conforto, sempre guiada pela devoção e pela força silenciosa que ela própria ainda descobria em si.

“Depois... É, foi assim. Eu benzia só ela só, é, escondido da filha. Depois, assim que eu casei, eu fui lá pro Rio de Janeiro, já mesmo, eu não lembro. É como é que essa dona me descobriu. Eu sei que eu cheguei na casa dela, ela tava com os dois meninos, assim, doentinho. Ela falou assim: ‘Oh! Rita, foi bom você chegar aqui. Eu falei assim: ‘Por que, dona Augusta?’, ‘Você beze esses meninos pra mim?’ Ela falou, dona Augusta, ‘eu não sei, eu não sei. Eu não benzo, não.’; ‘Você benze, você sabe, assim, você é muito católico, e você é muito religiosa. As pessoas religiosas sabem rezar. Você vai rezar isso pra mim’. Falei, ‘Oh gente, como é que eu vou rezar. Eu tenho essa prática de rezar.’, Aí eu rezei lá com os dois meninos. Acho que eu rezei, foi Ave Maria e a Maria Concebida, nós dois meninos. Aí chegou, chegou o outro lá. ‘Uai, uai, você faz benzeção?’, Eu só olhei pra ele, ele não falou, né? Quando tá benzendo, tinha que ficar calado, né? Assim ele esperou, depois ele falou: ‘só faz benzeção?’. ‘Ah, não sei fazer não, mas a Dona Augusta pediu para mim benzer aos meninos dela, soube que estavam enjoadinhos e tal’, ele foi e falou assim: ‘a senhora não tem prática de benzer,’ eu falei ‘Não’, ele falou assim: ‘A senhora sabe que a senhora é uma ótima benzedeira?’ ‘Nunca fiz esse teste não’, ele foi e falou: ‘Não precisa teste não, a senhora

já é ótima benzedeira, porque a senhora não me descobriu nem o sabe, observar pra senhora a ver.

Aí o pessoal descobriu, né, um vinha, o outro vinha, né. Aí continuei a benzendo, aí quando eu vim de lá pra cá, ninguém sabia lá. Fiquei calada, falei, não. Também não sei como é que foi que descobriram, olha que as pessoas descobrem. Um passa pro outro. Assim foi, passando com um e outro. Aí o moço falou assim. 'Só ela tem um anjo de guarda muito bom. Mãe da senhora. O anjo da guarda da senhora é muito bom. Pode benzer criança. Pode benzer adulto. Pode benzer animal'. E eu acho que lá no Rio de Janeiro o povo é feio nas coisas, né? Fiquei com aquilo na cabeça. E foi benzendo um e outro. Um e outro, assim, escondido. Até que eu pratiquei.

Maria Rita sempre sentiu uma conexão especial com as crianças. Quando começou a benzer, era nelas que depositava sua maior confiança, sentindo que o processo fluía de maneira mais natural. Sua dedicação e sensibilidade tornavam esse momento único, como se, ao benzer, ela também estivesse oferecendo um cuidado que ia além das palavras, um gesto de amor e proteção.

Com o passar do tempo, Maria foi ganhando conhecimento e segurança em seu dom. Uma nova etapa começou quando aprendeu uma oração especial para incluir também os adultos em sua prática. Ela lembra com carinho do momento em que alguém lhe ensinou: "Não sei quem foi a outra pessoa que me ensinou. Outra oração. 'Vou dizer, eu vou ensinar essa oração. Você faz benzeção nos adultos e nas crianças'.". Assim, gradualmente, Maria Rita foi ampliando sua atuação. Inicialmente hesitante em benzer adultos, encontrou coragem e desenvoltura para atender a todos que buscavam sua ajuda. "Até pouco tempo eu só benzia criança. Eu não gostava de benzer adulto. Assim eu fui indo até desenvolver, benze todo mundo."

Com a chegada da pandemia, o dom de Maria Rita encontrou um obstáculo inesperado. O medo do vírus e as restrições impostas pelo contexto sanitário trouxeram um silêncio forçado ao seu trabalho de cura. Acostumada a receber aqueles que buscavam conforto e alívio, Maria se viu impedida de exercer sua prática. A família, zelosa por sua saúde, insistiu que ela evitasse visitas e mantivesse o isolamento.

Essa pausa não foi fácil para Maria Rita, que sempre encontrou sentido em seu dom de ajudar os outros. Apesar da distância imposta pelas circunstâncias, sua espiritualidade permaneceu intacta. Embora não pudesse benzer fisicamente, seu coração continuava em oração por aqueles que precisavam de sua luz, carregando a esperança de que, um dia, poderia retomar sua missão.



Mesmo com o retorno gradual à normalidade após a pandemia, Maria Rita se viu presa em sua casa, agora não mais pelo medo da doença, mas pelas limitações impostas pela idade avançada. A energia que antes a levava a cuidar de tantos foi substituída por um ritmo mais tranquilo, mas sua missão de ajudar não cessou.

Maria Rita encontrou uma nova forma de continuar sua prática: a benzeção à distância. Para ela, a força da fé e das palavras não tem fronteiras, e o gesto de cura continua mesmo sem o toque presencial. “Agora eu estou benzendo de longe. Deixa nome. O nome e o endereço. O endereço que eu peço assim. O bairro e a rua. Envia aquelas orações para aquele local. Todos que eu tenho benzido, vêm agradecer, porque deve estar valendo, né. Assim que eu vou desenvolvendo.

Com muito pesar, Maria Rita reflete sobre o momento de encerrar sua missão. “Agora já está na hora da gente parar, né?”, diz com um misto de melancolia e aceitação. O trabalho de uma vida inteira, dedicado à cura e ao cuidado, agora encontra sua continuidade no desejo de passar o dom para as próximas gerações. No entanto, como ela mesma ressalta, “[...] ainda não encontrei ninguém que tivesse esse carisma. Tem que gostar, né. Tem que ter amor, tem que ter paciência. Você tem que benzer com amor. Se você não tiver amor ou não gostar, não deve benzer.”

Para Maria Rita, o ato de benzer vai muito além de um simples gesto. É um ofício que carrega dedicação, entrega e uma ciência própria. “É assim, aí tem uma ciênciazinha, né, para a gente praticar. Você tem que gostar de benzer, ter amor, confiança e confiança também na pessoa”, explica. Para ela, a prática não é apenas técnica; é uma conexão profunda com o outro e com as energias que cercam o momento de cura.

Maria Rita relata que, muitas vezes, sente em seu próprio corpo o que a pessoa benzida está sentindo. “Às vezes, o que a pessoa está sentindo, você sente. Se você está benzendo, a pessoa tem confiança, tem fé, o que está na pessoa manifesta em você. Uma dor de cabeça, uma dor no ombro, uma disposição. Às vezes, uma dor mais forte.” Apesar disso, ela decidiu se manter fiel à simplicidade de sua prática, evitando se envolver com forças que considera mais intensas ou ligadas a outras crenças. “Eu não quero mexer com coisas fortes. Só mesmo a bênção de Deus.”

Ao longo dos anos, Maria Rita adaptou seu modo de benzer. No início, usava ramos de arruda ou alecrim, mas hoje prefere confiar apenas na força de suas mãos, que, para ela, representam a mão de Deus. “Minha oração, minha benção é assim. Só eu, não uso nada. É só a mão. A mão de Deus.” Ela acredita que a prática deve ser conduzida com amor e discernimento, especialmente porque nem todos que procuram a benzedura vêm com fé

verdadeira. “Porque tem gente que às vezes vem benzer, por benzer. Não tem fé, não é religiosa, se lembra de você na hora da dor. Às vezes, eu costumo não pegar.”

“Às vezes o que a pessoa está sentindo, você sente. Se você está benzendo, a pessoa tem confiança, tem fé, que está na pessoa manifesta em você. Uma dor de cabeça, uma dor no ombro, uma disposição. Às vezes uma dor mais forte. Eu não procurei lugares para praticar, porque eu falei, ‘eu não quero mexer com coisas fortes. Só mesmo a benção de Deus’. Mas tem outras pessoas mexendo com o umbanda, feitiçaria, essas coisas”. “Eu falo às vezes pras pessoas, e aí eu falo, ‘a minha oração, a minha benção é assim. Só eu, não uso nada. Eu não uso o ramo, não uso nada. É só a mão. A mão de Deus. É só isso. É isso. Então deixa como a senhora gosta. Mas antes, quando eu comecei com o ramo de arruda, o ramo de alecrim, agora a gente não acho nada, tudo é com dificuldade e melhor não usar.”

“Dependendo da pessoa, quando você não conhece, ou de alguma pessoa estranha, você duvida de qualquer coisa, você traz um copo de água e um paninho branco. Você coloca na mesa, um paninho em cima, e reza no copo, na água. Pedre proteção. Aquela proteção pra você. O que tiver é ruim, não parar. Vai embora. Então eu peço a proteção assim, a gente tem que proteger a gente, né, se não sabe o que é”.

A proteção também faz parte do ofício. Quando está diante de alguém que não conhece ou sente uma energia incerta, Maria Rita recorre a rituais de cuidado, como rezar sobre um copo d’água com um paninho branco. “Pedre proteção. Aquela proteção pra você. O que tiver de ruim, não parar. Vai embora.” Assim, ela preserva sua integridade enquanto continua a cumprir sua missão com dedicação e fé.

Os cuidados médicos, na época, eram limitados, e a medicina tradicional nem sempre era capaz de tratar as enfermidades que surgiam. Diante disso, muitas famílias, como a de Maria Rita, recorriam a alternativas como a benzedura para encontrar alívio. Foi em um momento de desespero, causado pela doença de sua irmã Rosária, que Maria Rita demonstrou coragem e dedicação extraordinárias. Rosária sofria de inchaço nas pernas, acompanhado de dores intensas e de uma secreção de líquido que os médicos não conseguiam curar, mesmo após receitarem pomadas. Desesperada ao ver o sofrimento da irmã, Maria Rita tomou a decisão de carregá-la nas costas até a casa de um benzedor que havia se mudado para as redondezas, enfrentando uma longa e exaustiva caminhada.

Eu fui com a minha irmã, a Rosária. Um dia, é engraçado ver coisas na gente, aquilo vem. A gente não procura, vem. Deus, acha é manda, né? A Rosária estava com dor nas perna, ela tinha as pernas grossas, né. E aquelas pernas muito ruins. Aquela doença que saiu água, tinha inchado, nós já tava sem lugar, o que que ia fazer que aquelas pernas não melhoravam. Tinha mudado uma pessoa aqui pra ferrovia, né? Tinha as casas, tudo. Não sei quem tinha me falado pra mim, porque o senhor mexia

com macumba, benzia, curava. O que que eu fiz? Meu Deus, Rosaria chorava pela dor nas pernas. Já tinha levado no médico, tinha passado umas pomadas, mas nada melhorava. Eu falei, ‘eu vou levar ela lá embaixo, eu não sei se era Seu Joaquim. Nesse, eu vou levar ela lá’. ‘Vai não, Maria, você não dá conta não’.

Ela tava muito pesada, ela era grande e gorda. Passei a mão nela, coloquei a roupa nela e joguei ela assim nas costas. Há uma hora andando, assim. Ela não aguentava mais chorar. Aí cheguei lá, falei com o moço e tal, ele mandou sentar assim na mesa. Sentei com ela e foi benzer as pernas dela.

Apesar das dificuldades, a esperança depositada no benzedor, chamado Seu Joaquim, foi recompensada. Ele realizou o ritual de benzedura utilizando água e ramos, enquanto Maria Rita segurava Rosária no colo, buscando alívio para a dor da irmã. Já estava escurecendo quando Seu Joaquim “[...] ele falou, agora eu não vou benzer mais não, porque está ficando de noite, só mora lá em cima, a gente não tem gente para levar. Aí o pôs ela nas costas, aí eu fui embora com ela”. Maria Rita retornou para casa com Rosária e seguiu as orientações de Seu Joaquim, “[...]Chegar lá, fala pra sua mãe, para ela dar qualquer coisa para comer, e depois para a dormir’. Eu acho que ela nem quis, tomou um mingauzinho e foi dormir[...]”. Na manhã seguinte, Rosária já apresentava melhora significativa; o inchaço e a secreção haviam diminuído, e a dor tinha cessado. A mãe de Maria Rita ficou impressionada com a determinação da filha que não mediu esforços para ajudar a irmã, “[...] A minha mãe falou, ‘você tem é coragem nossa, né? Pega essa menina grande, pesada, levar e trazer no colo’.

A mãe de Maria Rita, tocada pelo gesto de dedicação e carinho da filha, assumiu a responsabilidade de levar Rosária para concluir as sessões de benzedura nos dias seguintes. “Ah não, mas deixa que eu vou, aí eu peço pra me benzer”, dizia, reconhecendo que muitas vezes o mal-estar de alguém na família era reflexo de algo que todos compartilhavam. Como Maria Rita reflete, “É preciso também, né? Às vezes estava na gente.” Esse episódio reforçou a fé da família na prática da benzedura, e mostrou que o cuidado com o outro é uma forma profunda de amor e conexão.

Maria Rita, também lembra dos objetos que Seu Joaquim utilizou, compreendendo que a prática do uso do pano branco com o copo de água. “[...] Pegou lá no copo, eu uso também. homem veio o corpo da água, o paninho forrou a mesa, pôs o copo, mandou sentar ela no colo assim, e foi benzendo a perna da perna e ela inquieta de dor.”

A trajetória de Maria Rita ao despertar e aceitar seu dom de benzer carrega profundas reflexões sobre o papel das práticas tradicionais de cura na sociedade e as dimensões subjetivas que essas práticas evocam. No momento em que cede ao pedido da vizinha aflita, Maria Rita não apenas descobre o poder de sua fé e de suas orações, mas também compreende que o ato

de benzer transcende a dimensão do aprendizado ou da técnica. É uma prática situada em um território simbólico, onde a relação entre o material e o espiritual é mediada pela intuição, pelo amor e pela crença.

Maria Luiza Machado (1988) descreve esse universo como "o mundo da magia", um espaço em que as provas documentais não têm lugar e onde o saber é legitimado pela experiência direta. Essa lógica escapa às estruturas racionais e científicas que dominam o pensamento ocidental, valorizando a sensibilidade e a conexão espiritual como fontes de conhecimento e poder.

“Este é um território demarcado por uma outra ordem de relações e de poder. O que realmente conta é de um lado a fé e de outro o dom de curar, a premonição, a intuição e a sensibilidade aflorada, enunciada. É o mundo da magia expresso por códigos de linguagem, pelo ritual em que o simbólico, o gestual reinaugura o contato entre o material e o espiritual. Não existem testemunhos documentais, provas. É preciso antes de tudo experimentar, ver para crer”. (MACHADO, op. cit, p. 234)

O poder manifestado por Maria Rita por meio do ato de benzer é um poder que desafia e rompe as estruturas tradicionais de poder. Ele não se apoia na imposição, no controle ou na autoridade formal, mas se alicerça na simplicidade, na honestidade e na conexão genuína com o outro. Esse poder emerge da relação de confiança mútua e da fé compartilhada entre a benzedora e quem a procura, criando um espaço de cuidado que é profundamente humano e espiritual.

Diferente das hierarquias convencionais, o poder de Maria Rita não busca submeter ou dominar; ao contrário, ele se realiza ao servir, ao aliviar, ao acolher. É uma força que não exige riqueza, títulos ou status, mas que se baseia na autenticidade e na abertura para compartilhar o que tem: sua fé e suas orações. Assim, esse poder subverte as relações de dominação ao revelar que a transformação e a cura podem ser alcançadas por caminhos que privilegiam o amor, a simplicidade e a entrega. É, ao mesmo tempo, uma resistência e uma afirmação de que existem outras formas de agir e de se conectar, onde o cuidado e a solidariedade têm mais força do que qualquer estrutura de poder impositiva.

Para Maria Rita, o dom de benzer não é apenas uma prática isolada, é uma prática comunitária, “uma prática coletiva de um grupo social do qual faz parte” (MACHADO, p. 335), um chamado que a integra em um sistema de relações pautado pela confiança, pelo cuidado e pela troca. Assim, ao abraçar sua missão, ela se torna um elo entre o visível e o invisível, transformando vidas por meio da força simbólica e emocional que permeia seu gesto. A benzedura, nesse sentido, é tanto um ato de cura quanto uma afirmação do valor das práticas populares, que resistem ao tempo e continuam a iluminar aspectos essenciais da humanidade.

O relato de Maria Rita sobre o chamado para benzer evidencia como sua prática está profundamente entrelaçada com a intuição, a empatia e a disposição de servir ao próximo. O ato de benzer não é algo que ela busca ativamente, mas uma resposta a uma conexão que se manifesta espontaneamente, quase como um sussurro divino que a guia até aqueles que precisam de conforto. Conta que quando foi para o ensaio do coral de idosos no Clube da amizade sentiu que havia uma pessoa precisando de sua ajuda, Maria Rita exemplifica essa sensibilidade ao sentir, mesmo à distância, a aflição de uma senhora que estava chorando pois teria que se afastar do coral o último dia que poderia ir, estava doente e precisava fazer repouso por ordens médicas. "Mas assim, eu estava assim lá na porta, eu senti que eu devia ir lá. Ela estava lá dentro da sala, mas estava mais para lá de mim. A gente sempre sente. Aí eu cheguei lá perto dela, falei, 'Que foi? que está nessa choradeira, você é tão alegre, tão bonita e chorando',

Sentir o chamado para ajudar os aflitos sempre está à disposição de quem precisa e sem cobrar nada pelo seu benzimento, "benzer é um dom gratuito de Deus" e, portanto, não pode ser cobrado. Uma dádiva divina para servir às pessoas que deles necessitam. "E a gente sente assim, aquela, se você vê uma pessoa que às vezes precisa benzer e não sabe, você sente aquele chamado pela vontade de Benzer". "Ai Pus a mão para a cabeça dela. Pediu aquele... chamado assim, parece que me chamou, *Benze ela*, né? No instantinho, a mulher parou de chorar, e ela estava lá. Aí, dona, 'a gente é engraçado, né?' Eu falei, 'É engraçado'." "A gente sente a necessidade de cuidar da pessoa. Então, eu acho que não é uma coisa que a gente quer. É que a gente já nasce porque é lindo. A intuição de fazer aquilo bem.

Maria demonstra o seu cansaço de uma vida de cura e cuidado mas rejeita qualquer forma de instrumentalização do seu dom para fins egoístas ou maliciosos. Sua prática é regida por uma ética do cuidado e pelo compromisso com o bem-estar das pessoas. Mesmo diante do cansaço acumulado por uma vida dedicada a curar e cuidar, ela demonstra uma profunda gratidão e contentamento por cumprir o que acredita ser sua missão. Ao recusar a ideia de forçar ou explorar seu dom além do necessário, ela reforça a autenticidade e a humildade que permeiam sua trajetória. Para Maria Rita, o benzer não é apenas uma habilidade, mas uma expressão de amor e responsabilidade que transcende as obrigações terrenas, conectando-a com algo maior e mais significativo. "Não faço nada mal, eu só faço bem. Mesmo se eu mexer com outras coisas, só aí mexer para o bem. Não ia fazer coisa errada. Mas eu não quis forçar nada. A gente não tinha nem tempo também. Mas eu acho que o que eu faço já é suficiente".

Em outro momento Maria Rita para ajudar a sustentar os filhos começou a revender produtos de porta em porta. A AVON é uma empresa de cosméticos que foi criada em 1886 se

inserida na vida de varias mulheres que precisavam ter uma renda, no início não tinha as revista de forma abuntande era necessário realizar a venda de porta em porta. Maria, explica que foi escalada para vender no bairro Eldorado, “comecei a vender AVON lá para cima. Era tudo assim, tratando, né? Passando na terra. Já tinha bastante casa. E lá que a promotora escalou. Mas tinha escala tudo direitinho. Durante sua escala passou por uma certa casa que havia um homem passando mal e Maria sentiu o chamado para benzê-lo, e logo vez:

“Só pus a mão na cabeça dele. Eu falei assim, ‘mas... o senhor está passando mal... que que foi, tá? Mas isso passa. Deus cura. Eu pus a mão na cabeça dele. “Deus te cura”. Não fica preocupado que o senhor vá sarar, vai ficar bom. O senhor vai ver. Fui vender AVON para a mulher. Aí passou uns 15 dias. A mulher apareceu aí, mas eu não estava em casa. ‘Eu vim cá, foi para fazer um agradecimento à sua mãe, para eu ver. No outro dia, meu marido levantou e foi para o trabalho. Eu falei, ‘o que é isso? Ele esta va tão ruinzinho’, ‘para a senhora ver, só ter sua mão na cabeça dele, ele sarou’. Então, ‘fala com ele, tal, para vim aqui a gente rezar direito’, ‘Não, tá rezado, a senhora rezou direito.

O momento em que Maria Rita decide benzer adultos marca uma virada em sua trajetória, uma conquista de confiança em seu próprio dom e em sua conexão com o divino. Até então, o ato de benzer adultos parecia algo distante, talvez até intimidador, mas a experiência de cura e alívio que proporcionou mostrou-lhe que seu papel como benzedeira não tinha limites etários. Ao colocar a mão na cabeça daquele homem e vê-lo melhorar, Maria Rita não apenas validou suas habilidades, mas reafirmou a ideia de que o poder da fé e da oração transcende barreiras e pode atingir qualquer pessoa que esteja aberta a esse cuidado. “Foi o primeiro adulto que eu benzi. Me ensinou, eu botei a mão na cabeça dele, e o homem sarou. Às vezes estava mesmo precisando de Deus, né? É, aí, eu falei, então quer dizer que eu posso me benzer um adulto, né? É, mas Deus está em todo momento.

Essa experiência também reforçou sua percepção de que o ato de benzer não é algo limitado a ela como indivíduo, mas uma manifestação da presença de Deus em cada momento e em cada gesto. A partir daí, Maria Rita ampliou sua missão, encarando o desafio de benzer adultos como uma extensão natural de sua prática, sem medo ou hesitação. Esse episódio demonstra que sua fé era um alicerce tão sólido que não apenas sustentava suas ações, mas também a encorajava a expandir os limites do que acreditava ser capaz, sempre com a certeza de que não estava sozinha em sua jornada de cura e cuidado.

### 3.3 “Mas tem tanta coisa. A gente não pode duvidar”

Maria Rita nunca esteve sozinha, pois, em cada passo de sua caminhada, carregava consigo a presença viva de sua avó, Maria das Dores. Mesmo após sua partida deste mundo, a

avó permaneceu como uma guia espiritual e emocional, oferecendo força e coragem em momentos de incerteza. Era como se a voz e os ensinamentos de Maria das Dores ecoassem na alma de Maria Rita, lembrando-a de que, por mais desafiadoras que fossem os caminhos, ela jamais estava desamparada. “Costumava muito, e a minha avó, a minha avó das dores, mãe do meu pai. Gostava muito de ver ela. Parece que ela me acompanhou por um bom tempo. Não sei se é porque eu ficava muito lá com ela. Ela gostava muito de ver ela. Então, eu achava que ela estava assim do meu lado. Sempre do meu lado.”

Essa conexão com sua avó era especialmente significativa nos momentos em que Maria Rita precisava enfrentar a solidão ou a vastidão de uma cidade em transformação. A presença da avó dava-lhe segurança e a certeza de que não era necessário ser grande ou ter poder para fazer a diferença. Essa presença simbólica não apenas fortalecia Maria Rita em sua jornada, mas também moldava sua visão do mundo como um lugar onde os vínculos afetivos e espirituais eram tão importantes quanto os visíveis e materiais. Maria Rita relata a primeira vez que sua Avó veio até ela, foi em um sonho.

“Quando foi uma ocasião, eu sonhei com ela. Sonhei com ela, carregando o meu avô. Ela chegou assim perto de mim, carregando o vovô muito pesado, e eu falei assim, ‘Oi, vovó, o que é que a senhora está carregando o vovô? Ela falou assim, ‘O seu avô está doente, ele não está aguentando andar, estou pelejando para chegar lá na casa da sua mãe, para me colocar lá. Eu falei, ‘Vovó, vai depressa com ele lá’. E eu num sei o que eu estava fazendo, estava andando para arrumar algo. E assim, desde essa ocasião, eu fiquei... Eu pensava assim, às vezes eu estava num lugar, e eu achava que ela estava assim, se eu sentisse o medo, ou falta de uma coisa, eu olhava assim e parecia que eu via ela. Então esse dia que ela estava com o vovô, quando chegou assim na casa, tinha uma porteira, ela parou com ele e falou assim, ‘Oh minha filha, eu vou pedir o cê uma coisa. Você faz pra mim, mas não é agora, não. É quando você tiver moça, que você estiver trabalhando’. Eu quero pra mim, mas o seu avô, só uma missa. Eu falei, ‘Mas tem que ser, quando eu estiver trabalhando, não, eu vou arrumar o dinheiro e vou mandar celebrar a missa.’ Ela falou, ‘Não, num quero. É com o seu dinheiro. Quando você trabalhar, se você receber, você manda celebrar a missa pra mim e o seu avô’. E eu fiquei com aquilo na cabeça, até que eu arranjo emprego, até que eu capô de crescer, né, para celebrar a missa. Mas sempre, sempre eu andava, mãe falava assim, ‘Você vai em Bernardo Monteiro para mim e buscar fubar. Agora você vê a distância que é sozinho, eu ia. Mas eu achava que eu não estava sozinha, e ela estava comigo. Eu percebi que ela estava assim de lado. Mas eu não falava nada também. Eu ia, pegava lá o fubar, vinha para casa, chegava, e pronto.

Quando Maria estava trabalhando na Fazenda das Samambaias, sua avó, Maria das Dores, mesmo já falecida, demonstrou sua inquietação diante da injustiça que a neta enfrentava,

pois ainda não havia recebido o salário pelos serviços realizados. Em uma tarde, para encorajar Maria Rita a reivindicar o que era seu por direito, sua avó decidiu agir de forma inusitada: causou fenômenos que assustaram todos os moradores da casa.

Aí, quando eu arrumei um emprego lá na fazenda, mas não esqueci, não. Fiquei com aquilo na cabeça, aí tinha vergonha hein. Tem aquele negócio na cabeça, eu tenho que mandar celebrar a missa para a vovó. Como é que eu faço, pedi dinheiro, não sei como é que ela vai pagar, não sei se minha mãe está recebendo, o que está acontecendo. Foi ficando, foi ficando, foi ficando. Aí, o dia estava na despensa, que a gente tinha tudo assim lá fora, separado, moendo café. Fazia o café, torrava, né, depois moia. Estou lá, estou lá, moendo café.

Estou lá, moendo café. De repente, parece que a prateleira caiu, fez aquele barulhão, olha não caiu nada. A dona veio correndo, ‘Meu Deus do céu. Se a parede caiu, matou Maria, porque ela estava de pé, moendo café, a Rita deve ter morrido.’ Chegou correndo, ‘porque tinha esse barulho aí’. Eu olhei para ela se espantare falei, ‘olha, não caiu nada, não?’, ‘Não caiu?’ Eu falei, ‘não, não caiu nada, não’. Aí eu não queria falar. ‘Mas o que que foi?’

E eu olhava para cima, lá em cima eu via ela. E ela lá em cima, mas eu não falava nada. Aí eu falei assim, ‘ó, Dona Lilia, só sabe porque é isso e vovó e que jogou a prateleira no chão de mentira para assustar a senhora, né?’ Deve ter sido. ‘Mas a comadre Das Dores’, eu falei, ‘É’, ‘Mas comadre das dores faz uma coisa dessa comigo?’, ‘Olha, ela está precisando falar, porque não consegui, ninguém faz barulho, né? Para assustar’. Aí eu fui e falei, ‘Só sabe o por causa de quê? Ela me pediu uma missa. Antes de eu empregar, eu não mandei celebrar’. ‘Mas não é possível, porque você não fala isso, Maria manda celebrar uma missa para a sua avó’. ‘Há tanto tempo ela falou isso comigo, mas ela quer com o meu dinheiro enquanto eu estiver trabalhando’. ‘Mas você não está trabalhando? Então, porque você não falou que eu te dava o dinheiro?’ Na mesma hora, ela já foi procurar o padre Ribeiro, já foi mandado hoje mesmo marcar a missa, marcaram a missa no outro dia.

‘E quem que ela falou que era para assistir a missa?’ Eu falei, ‘Ela não falou quem ia assistir a missa, não, só queria receber a missa’. ‘Mas você vai, você vai à missa. Vê se sua mãe vai, quem é que pode ir com você, você não ir sozinha’, que a missa era sete horas. Aí eu fui, fui eu, foi mãe, foi uma colega minha. Aí quando terminou a missa, que o padre deu a bênção, tudo direitinho, eu olhei lá para cima assim, lá vai ela embora. Lá vai ela embora. Fui embora assim. Devagarinho, devagarinho. Até que sumiu. ‘Aí mamãe, a vovó foi embora’. Falei. ‘Você viu a vovó?’, falei, ‘vi? Vi, ela foi embora, estava lá telhado’. Agora ela não vai voltar mais. E não voltou. Só queria a missa. Você viu? E sempre mandava celebrar a missa para ela. Ela queria a minha. Aí eu falo assim. O pessoal não acredita, não?



Maria Rita tem suas dúvidas sobre o ocorrido e acredita que a Missa não era apenas para ela, mas sim para seu avô. Ela crê que sua avó, Maria das Dores, estava tentando ajudá-lo de alguma forma, pois se recorda que no sonho via sua avó carregando o avô com cuidado e muita dificuldade. Essa lembrança traz a conexão espiritual que Maria Rita sente com seus antepassados, mesmo em outro plano, eles continuam presentes, auxiliando e protegendo sua família nos momentos de necessidade.

Maria Rita recorda com carinho da casa dos pais, situada no antigo terreno onde hoje residem filhos, netos e sobrinhos. A casa original já não existe mais, substituída por novas construções, mas as memórias permanecem vivas. Sua mãe, apaixonada pela cozinha, sempre sonhou em ter um fogão a lenha. Para agradá-la, o pai de Maria Rita encomendou um, que foi cuidadosamente construído ao mesmo tempo que a casa ganhava forma. A obra chamava atenção de muitos vizinhos e conhecidos, que frequentemente passavam para observar a construção.

Quando o fogão ficou pronto e sua mãe finalmente pôde usá-lo, algo inesperado aconteceu: ela começava a passar mal sempre que tentava cozinhar nele. Preocupada, Neuza Maria, a irmã mais velha de Maria Rita, acompanhava sua mãe em idas constantes ao hospital, mas os médicos não conseguiam descobrir o que a afligia. Sem respostas da medicina, o tio José sugeriu que procurassem um benzedor renomado, que vivia em um local distante, mas era conhecido por sua habilidade em lidar com casos difíceis. A decisão de seguir esse conselho marcou o início de uma busca por soluções que transcendem o conhecimento convencional, recorrendo ao sagrado e à tradição.

“Aí levaram ela, o moço benzeu ela e falou, ‘assim, oh, o problema tá e no fogão. Não era nela, é no fogão. Fizeram uma coisa no fogão para ela’. Ela gostava muito do fogão de lenha, e queria um fogão bonito e bom. E o fogão bonito daquele, a pessoa fez porque estava com inveja. Aí o nosso falou, ‘olha, foi uma pessoa que fez uma coisa no seu fogão, para você não cozinhar no fogão. Eu vou, já te benzi, mas se você quiser, se vocês não acreditar, eu vou tirar. Eu sei aonde que tá. Vou tirar, vou lá com o meu guia e tirar com vocês. Se vocês querem, vou tirar na presença de vocês, quero todo mundo lá’.”

A família estava toda reunida na cozinha, acompanhando com curiosidade e apreensão o trabalho do benzedor. Assim que chegou, ele não perdeu tempo e começou a benzer o fogão com orações e gestos precisos. Em seguida, pediu ao pai de Maria Rita um machado e, sob o olhar atento de todos, começou a abrir um buraco em um dos lados do fogão. O som do machado ecoava pela cozinha, e o clima de expectativa crescia.

Ao terminar, encontrou algo que deixou a todos espantados: um embrulho escondido dentro do fogão, contendo objetos que indicavam a realização de um feitiço. O benzedor explicou que aquilo havia sido colocado ali para prejudicar a mãe de Maria Rita, causando os males que a afligiam. Maria conta que era muito pequena, mas era intrometida e estava presente, mesmo com pouca idade. “É a gente, quando é criança, é engraçado. Tudo a gente presta atenção. É qualquer criança, eu acho”.

Aí marcou o dia que foi. Lá ficou meu pai, minha mãe, e eu não sei se eu era intrometida. Mas tudo tinha que estar. Eu sei. É carisma mesmo, né? Eu estava naquela roda. E o homem começou a benzer o fogão e fez o trabalho dele no fogão. Benzeu a mãe, pediu ao meu pai uma enxada. Meu pai tem um enxadão. Ele falou, ‘agora eu vou abrir o lugar. Para você ver, você vai ficar olhando’. ‘Você vê que eu não sou mentiroso e não estou falando mentira e nem estou botando as coisas lá para falar que eu estou fingindo’. Aí chegou assim uma paredinha da parede, assim do fogão, foi com enxadão. Aí ele as vezes parava, não sei se rezava, e aí a confusão, todo mundo. Aí quando estava no lugar, não estava fundo não. O que estava lá, até os guias, foi lá, me afirmou, passou a mão naquele embrulho, jogou lá.

‘Oia, aqui onde é que está a porcaria dele? Aí está a coisa ruim, onde é que está a porcaria dele’. Aí foi lá e abriu o embrulho, já estava, meio amassado, né, que abriu o embrulho. Olha que vocês veem o que que é, Só Otaviano, Vem cá para você ver. Tinha tanto trem dentro do embrulho, tanta porcaria, vela era, a gente nem sabe falar o que que era, tanto trem. ‘É isso que está atrapalhando sua mulher, é isso que está fazendo ela ficar meia doida, sem destino das coisas, mas agora, o que ele vê se ele vai fazer?’. Agora ele vai fazer mais, me perguntou, ‘o que você quer, o que você quer receber? Para desaparecer daqui, dá sossego’. Aí a gente ouviu só ouvi a voz, né, a voz falou lá, o trem pediu, não sei se era cachaça, dinheiro. Pois é, aí eu vou mandar para você, não volta aqui não. Aí eu sei que meu pai arrumou as coisas para ele, veio fazer a bandeja, né, no prato, e colocar na encruzilhada. ‘Depois eu quero saber a notícia da dona, se ela melhorou ou não. Então a gente vê. E se ele voltar aqui, vocês vão lá e me contem. Eu venho dar umas veiadas nele. Mas tem tanta coisa. A gente não pode duvidar.

Dos 11 filhos de Seu Otaviano e Dona Quinita, apenas Maria Rita e Maria Dionizio permanecem nesta vida. Infelizmente, o tempo, sempre implacável, não foi generoso o suficiente para permitir que todos vivessem neste momento ao nosso lado. Ainda assim, suas memórias vivem nas histórias contadas, nos gestos lembrados e nos traços herdados. Me lembro das risadas da Tia Neuza, sempre cheias de alegria, e do sabor inconfundível das empadas que ela fazia, um verdadeiro carinho em forma de comida. O Tio Orlando, mesmo enfrentando a fragilidade da doença, nunca perdeu o humor e arrancava sorrisos de todos com suas piadas e brincadeiras.

Os outros irmãos, infelizmente, não tive a oportunidade de conhecer, mas, como minha avó sempre me contou, cada um era especial à sua maneira. Cada um tinha uma personalidade única, um brilho particular, e juntos compunham um retrato familiar cheio de amor, união e histórias marcantes. As lembranças, transmitidas com tanto carinho, mantêm vivos os laços que o tempo não conseguiu apagar. É como se, de alguma forma, eles continuassem presentes, preenchendo os espaços vazios com suas risadas, gestos e ensinamentos.

Maria Rita sempre teve um apego especial por sua irmã mais nova, Maria Dionisio dos Passos, apelitada de pituca. Quando Pituca era pequena, enfrentou uma gastroenterite severa, que a levou ao hospital várias vezes. Nessas ocasiões, Maria Rita e seu irmão Crispim se uniam para cuidar dela, enfrentando as dificuldades que surgiam. No hospital, com poucos leitos disponíveis, Maria Rita precisava segurá-la no colo enquanto Pituca recebia soro. Esse cuidado constante criou entre elas uma conexão profunda, marcada por afeto e proteção.

Com o passar do tempo, Maria Rita passou a levar Pituca para o trabalho na Fazenda, onde atuava como sua acompanhante. Quando Maria retornou do Rio de Janeiro, Pituca foi morar com ela, e Maria estava decidida a dar à irmã a oportunidade de estudar e construir um futuro diferente. Contudo, o pai delas interveio novamente, impedindo esse plano e enviando Pituca para trabalhar na casa de uma mulher chamada Dona Emília, onde permanece até hoje. Atualmente, o contato entre as duas irmãs é escasso, limitado a raros momentos de lembranças compartilhadas. Ainda assim, a saudade e as boas memórias guardadas no coração de Maria Rita mantêm viva a ligação especial que construíram durante os anos difíceis de infância.

“Ela adoeceu, como era muito difícil para tratamento, né? Eu mas o Crispim cuidamos delas. É uma gastroenterite que a gente falava, né? Ficou muito ruim. Precisou tomar soro, o soro era agitado no colo da gente. Naquele tempo não existia aparelho com a criança no colo, né? Injetava na bundinha, você ficava com a criança no colo. Até acabar. E assim eu levava, acho que nós levamos três dias de carreiro. Eu não sei se ela apanhou o gosto, o que foi.

Depois não podia desgrudar de mim, não. Aí ficava lá onde eu trabalhava, a dona gostava muito dela. Ficava aquela coisinha lá. E as minhas patroas a pegaram amor com ela. A gente ia lá para a cidade, tudo levava a ela. Aí quando eu mudei para aqui, ela veio. Quando eu casei, a mãe não me deixou levar ela. Não sabia como é que era lá, como é que dava. Então eu mudei e ela ficou. Quando eu vim embora, ela putucou lá para casa, quando eu mudei. Ficou aqui, estudou... Estudou... Tirou o quarto ano. Quando eu estava arrumando pra ela fazer a dimissão no Helena Guerra, fazendo a matrícula para ela apareceu essa bendita dona Emília e meu pai pegou deu ordem para ela ir. E não devia dar, não é? Deu ordem para ela que ela podia ficar com ela. Ela foi e ficou até hoje. Não veio embora mais, não.”

### 3.4 “Achei que a aluna não ia vir hoje.”

O maior sonho de Maria Rita era concluir os estudos e se tornar professora. “Eu tinha loucura e fascínio para aprender, porque já estava no meio do terceiro ano. Com o quarto ano, a gente já começava a lecionar”, lembra ela com brilho nos olhos. No entanto, seu pai não permitiu. Na época da plantação e da colheita, os braços de Maria eram indispensáveis para o trabalho no campo, mesmo havendo outras pessoas que poderiam realizar a tarefa. O cultivo de feijão e milho demandava muito esforço, e Maria foi chamada a ajudar. “A gente, plantando, valia mais do que o dinheiro, naquela época a gente também comia o que colhia, né”. O trabalho era importante para o sustento da família.

Maria e Dona Edith, uma mulher que entendia o potencial de Maria, insistiram com o pai para que ele deixasse a jovem concluir os estudos. Dona Edith argumentou que, sendo professora, Maria poderia contribuir muito mais para a família do que trabalhando na roça. “Ela vai te ajudar mais do que ir pra roça”, dizia Edith. Porém, o pai de Maria, ignorante não por maldade, mas pela falta de conhecimento, foi irredutível. “Não teve nada que eu fizesse, só seis meses, né, seis ou três só, faltaram. Não deixou. Mas também, fiquei muito sentida, mas aí esqueci, passou a vontade”, recorda Maria com um misto de saudade.

A verdade, porém, é que o desejo de ensinar nunca realmente passou. Maria apenas aprendeu a aceitar que o destino a levaria por outro caminho. Mesmo assim, a educação continuou sendo um valor central em sua vida e em como orientava suas filhas, netos e bisnetos. O sonho de ser professora permaneceu, ainda que transformado em um carinho pelo conhecimento e pelo aprendizado que ela sempre incentivou nos outros. “Mas o que a gente vai fazer, né? Estava nas mãos de Deus. A vida é assim, né? A gente faz uma coisa e daí a outra”.

“Então a gente não teve esse tempo. Teve chance para estudar e não teve tempo. Eu ia estudar. Eu ia estudar sério. Eu falava que ia ser professora. Tinha loucura para ser professora.

Mas, meu pai, ah não, a dona, minha professora, a chamava Dona Edith, falou com meu pai, ‘Se não vai levar a marinha pra Rita, pra Roça, porque ela vai formar agora no fim do ano, e ela quer ser professora, deixa ela atirar o diploma, que ela vai te ajudar mais do que ir pra Roça’.

‘Não, ela tem que ir, porque não tem quem vai, porque não sei o que que tem, e ela tem que ir pra poder ajudar, cuidar dos irmãozinhos dela, ajudar a criar os irmãozinho, então ela tem que faltar, depois ela volta’. ‘Mas ela para, depois pra começar de novo, é ruim, deixa ela ir, que eu vou arrumar o diploma pra ela, ela vai, ela sabe muito bem, ela gosta de criança’. Disse Dona Edith

Tinha que plantar mesmo, mas tinha outras pessoas, mas tinha que ser eu, ‘Maria que vai plantar, porque ela planta feijão muito bem, ela planta milho. Não vai,

não vai pronto'. Disse seu pai. Mas a dona Edith também ficou sentida, e foi tirando mesmo na escola”.

Esse desejo nunca foi plenamente realizado, mas sua essência como educadora se manifestava em gestos simples e profundos do cotidiano. Em uma tarde especial, ao chegar atrasada na casa de minha avó, fui recebida na garagem com a sua típica mistura de doçura e firmeza: “Achei que a aluna não ia vir hoje.” Não consigo lembrar o motivo do atraso, mas jamais esquecerei o sorriso que ela deu ao me ver.

Maria Rita, com sua sabedoria afetuosa, continuou: “Eu sou a professora, e você a aluna.” E, de fato, como poderia discordar? Para mim, ninguém no mundo seria mais qualificado para assumir esse papel. Com suas histórias, sua força, e sua capacidade infinita de ensinar pelo exemplo, foi a maior professora que eu poderia ter. Apesar de não ter tido a oportunidade de exercer a profissão dos seus sonhos em sala de aula, ela ensinou lições valiosas sobre a vida, o amor e a resiliência a todos que tiveram o privilégio de conviver com ela. Minha avó não precisa de diploma para ser a professora mais importante que já conheci.

A experiência com minha avó ressoa diretamente com a perspectiva da interseccionalidade de Kimberlé Williams Crenshaw no "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color", publicado em 1991, trago novamente esta autora para dialogar com a trajetória de como mulher negra e de origem popular pode revelar as múltiplas camadas de desigualdade que moldaram suas oportunidades, inclusive o sonho não realizado de ser professora. O fato de ela não ter tido acesso à docência formal não diminuiu sua autoridade como educadora, mas evidencia como gênero, raça e classe atravessam a estrutura do ensino, definindo quem tem legitimidade para ocupar determinados espaços de saber. Sua trajetória dialoga com a noção de "escrevivência" de Conceição Evaristo, no livro "Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo", organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, publicado em 2020, pelo Itaú Social, que ressalta como as histórias e experiências de mulheres negras são formas legítimas de conhecimento, mesmo quando não reconhecidas pelas instituições formais. Ao mesmo tempo, sua forma de ensinar, baseada na oralidade, na experiência e no afeto, reflete práticas pedagógicas que fogem dos moldes acadêmicos tradicionais, mas que possuem um valor inestimável. Como aponta Evaristo, a transmissão do saber ocorre nos gestos cotidianos, nos relatos compartilhados e nas vivências coletivas, subvertendo as hierarquias do conhecimento e reafirmando a potência dos saberes ancestrais e comunitários. No trabalho de campo, essa percepção transformou minha relação com a pesquisa antropológica

Esse momento com minha avó ressoa de maneira profunda na minha trajetória como pesquisadora, aluna, neta e antropóloga. Quando ela afirmou seu papel de professora e o meu de aluna, algo em mim se transformou. O medo e a insegurança que carregava sobre o trabalho de campo começaram a se dissipar, como se, naquele instante, ela tivesse me concedido não apenas o seu saber, mas também a confiança para seguir adiante. A hierarquia implícita entre pesquisador e interlocutor, muitas vezes naturalizada na produção do conhecimento. Dessa forma, sua presença e ensinamentos reafirmam que saberes construídos em contextos de subalternidade não são menores, mas fundamentais para uma compreensão mais ampla e interseccional do mundo.

A pesquisa antropológica carrega consigo uma tensão inerente entre quem observa e quem é observado, entre quem escuta e quem narra. Existe uma relação hierárquica implícita entre pesquisador e objeto de estudo, que pode facilmente reforçar distâncias e assimetrias. No entanto, ao longo das entrevistas, percebi que essa hierarquia se desfez, e até mesmo se inverteu. Minha avó, que eu buscava compreender como sujeito da pesquisa, tornou-se minha guia, minha mestra. Naquele instante, não era eu quem a estudava, mas ela quem me ensinava, me moldando não apenas como antropóloga, mas como pessoa.

Ao reconhecer minha avó como professora, entendi que a relação entre pesquisador e interlocutor não precisa ser marcada pela distância acadêmica, mas pode ser construída na reciprocidade, no aprendizado mútuo. Se na academia nos ensinam a escutar, foi com minha avó que aprendi o que significa verdadeiramente ser ensinada.

#### 4. AGUECER A VOZ

O bairro Água Branca foi sendo formado com a construção de Contagem. Os lotes foram vendidos aos poucos, sem muito planejamento. Nos sábados à tarde, após o almoço, o bairro se enchia de alegria. Seu Hermes e seus amigos Zé Carlos, Zizi e outros se encontravam na esquina da rua para tocar e cantar. Cada um tinha seu instrumento desafinado, mas não perdiam o ritmo. Entoavam músicas e brincadeiras, e os vizinhos iam se aproximando aos poucos. Entre o batuque e o pandeiro, eram recitadas piadas sem graça, mas que faziam todos rirem alto. Assim, as tardes passavam, com um gole de pinga para "aquecer a voz" e esquecer os problemas da semana. “O tempo era bom”, diz Vó Rita. A noite chegava, e cada um retornava para sua casa com a alma mais leve, prontos para descansar.

“Gostava de cantar aquela... aquela música, ‘Bem feito, quem é que te mandou enfiar a mão no buraco do tatu. Buraco do tatu não é... é muito perigoso...’”

Na esquina da Padaria Harley havia um curso d’água onde os bois bebiam. Era usado por todos para se refrescarem no calor. “A gente também pegava, mas só que a água era branca, da cor de argila. Não tinha gosto nem nada, mas todo mundo apanhava um pouco, para o descanso do boi e do povo.” O progresso trouxe o asfalto, expulsou os bois e as pessoas, e o curso d’água foi coberto. Vó Rita sabe que isso não será bom para o futuro de quem mora ali.

“Aí eles ficam preocupados quando chove, ficam preocupados lá. Não podem esquecer que nascemos da água, né? Se facilitar, uma hora a água vai querer o lugar dela. Já tamparam tudo, mas não era para tampar. Era para conservar em volta, né? Não sair tampando tudo. Depois não tem para onde a água ir.”

A sina do trabalho sempre acompanhou minha avó, desde a infância até a velhice. Era uma luta constante por sustento, sempre na tentativa de melhorar as condições de vida daqueles que a rodeavam. De buscar água na cabaça para as mulheres que batiam o babatimão, até conquistar a carteira assinada, ela nunca desistiu. Cada etapa de sua trajetória foi marcada pela força e determinação de quem entende que o trabalho é, muitas vezes, o único caminho era seguir em frente.

Com o início do processo de industrialização em Contagem, surgiram as primeiras oportunidades de trabalho fora das fazendas, especialmente nas fábricas de cimento Itaú e na RHI Magnesita. As moças da região, cheias de entusiasmo, correram para se inscrever. Maria Rita, apesar de já trabalhar na fazenda, também decidiu fazer sua inscrição, embora o trabalho em uma fábrica não despertasse nela grande interesse.

Com o passar do tempo, as moças começaram a ser chamadas para ocupar os cargos. Quando chegou a vez de Maria Rita, ela cedeu sua vaga a uma de suas amigas. Para suas companheiras, o trabalho na indústria era uma chance de se libertar das tarefas que aprenderam

desde cedo – limpar, cozinhar, plantar, colher e vender, em uma rotina exaustiva de muitos afazeres. Insistiam com Maria Rita para ir trabalhar na indústria com a promessa de um salário melhor e a garantia de uma aposentadoria. Mas ela gostava mesmo era do ar livre.

“Você vai ver como é que você vai ficar pobre, sem dinheiro, não vai aposentar, não vai ter nada. Deus sabe, eu não quero ir, não vou. Vou ficar lá na fazenda mesmo. Depois, só resolver, eu vou. Aí, passei minha inscrição para a outra, não sei para quem é. E ficou elas trabalhando lá. E eu trabalhei cá, na fazenda. Aí, ficavam me chamando. ‘Essa aí é, é Camargos. Maria dos Camargos’, olha o que faziam comigo? ‘Então, você vai ver como é que você vai ficar’. Por aí, eu fico assim mesmo, se eu não tiver dinheiro, de Deus virar o recurso, né?”

O tempo passou. “Magnesita ficou velha, eu fiquei velha, e eu, com minha serenga toda”, conta Maria Rita. Ela vê, com serenidade, que os caminhos guiados por Deus lhe trouxeram o que era necessário. Não trabalhou na Magnesita, mas conseguiu se aposentar. Edith, uma de suas amigas mais próximas, nem teve a mesma sorte: tirou a aposentadoria em um dia e, no outro, já não tinha forças. E as outras? “Minhas amigas, amigas mesmo, tudo ficaram no mesmo ou até pior do que eu”, diz Maria Rita. Elas sonhavam em mudar de vida, mas os planos não se realizaram como esperavam.

Maria Rita tem orgulho da vida que construiu. Com paciência mesmo enfrentando dificuldades, conseguiu realizar o que desejava. “Eu não quis. Fiquei. E, olha só, acabei conseguindo tudo: casei, criei minha família, e depois de criados, empreguei os filhos. Agora você vê, trabalhei muito. Cheguei até na odontologia, sabe? Quase fui pra Cometa, ia trabalhar lá. Mas deu que a odontologia foi onde fiquei e segui minha vida. E tá bom, viu? Tá bom assim.”

#### 4.1 “Bateção de tambores”

Com o retorno do Rio de Janeiro, a construção da casa e os filhos que nasciam a cada dois anos, Maria Rita precisava ajudar nas despesas do lar. Seu marido, Simão, não gostava que ela trabalhasse fora, mas ela sempre encontrava uma forma de contribuir. Ora fazia doces para o filho vender, ora lavava roupas para a Secretaria de Saúde. Às segundas-feiras pela manhã, ela pegava o ônibus até a Secretaria, onde buscava uma trouxa de roupas para lavar e passava a semana se dedicando a esse trabalho. Na sexta-feira, devolvia tudo impecável e trazia uma nova carga. “Aventar o branco. Vinha no ônibus. Lavava, passava, passadinha e levava. Levava uma mala e trazia outra.”

Na ferrovia, também havia muito trabalho. Naquela época, a linha férrea funcionava a todo vapor sob a gestão do Estado, mas ainda carecia de organização. Era comum o governo não liberar verbas semanalmente e, em alguns casos, nem mesmo ao longo de um mês. Isso



dificultava o pagamento das lavadeiras que cuidavam das roupas dos ferroviários. No entanto, para tudo se dava um jeito. A ferrovia possuía um armazém repleto de mantimentos, e para evitar desperdício, iniciou-se uma forma de negociação: o valor das roupas lavadas passou a ser pago em sacos de arroz, feijão, leite Ninho e outros produtos essenciais. Assim, mesmo sem dinheiro em mãos, as lavadeiras conseguiam garantir o sustento de suas famílias.

“Pessoal da ferroviária era assim, porque antigamente o estado não soltava dinheiro, não. Eles tinham uns armazém, onde faziam compras. Ali comprava de tudo. Roupa, sapato, mantimento, tudo o que precisava. Então, dinheiro era pouco, e eles não tinham dinheiro. Aí a gente lavava roupa e as donas falavam assim, só posso pagar com o mantimento. Porque nós não tínhamos dinheiro. Aí as fazia, por exemplo, tanto uma mala, uma trouxa de roupa. Aí você entregava roupa e elas pagavam com o que você quisesse. Ou uma lata de leite, o arroz, o feijão, o que você falava. Aí falava, a trouxa é tanto, né? Então eu vou te dar tanto disso. Era assim.”

As mulheres se reuniam com as bacias equilibradas na cabeça, seguindo juntas até o córrego, onde começava a “bateção de roupa”. Maria Rita fazia tudo com esmero, narrando o processo como se tivesse as instruções escritas em um caderno, detalhando cada passo da lavagem precisão.

“[...]Era um batestão de roupa, né? E a gente punha roupa na bacia, tinha tanto. Passa sabão, estreja bem e depois poem na pedra e bate, vira do outro lado e bate denovo. Depois passa na água, torna a bate. Passa na água, torna a bate. Aí poem para guará. Também as roupa ficavam cheirosa, né? Botava na grana pra guará. E jogando água, até dar um ponto de enxaguar. A roupa que dava um ponto. Lavava aqui embaixo, o córrego agora tá debaixo da terra. Aquele tanto de mulheres, ficava guarando a roupa. Aí a gente torcia a roupa e pondo os ramos, se tivesse cerca, colocava na cerca. Para trazer um pouco já seca e um pouco úmido. Chegava aqui punha para secar. Aquele baciada de roupa. Foi bastante difícil, mas a gente conseguiu superar.”

O córrego, que um dia foi cenário das suas histórias, agora está escondido sob a terra, encoberto pelo avanço da urbanização. Mas a memória das roupas sendo batidas na água, do som ecoando entre as árvores, permanece viva, resistindo acima do solo. É como se cada lembrança de Maria Rita trouxesse à superfície um fragmento daquele córrego invisível, perpetuando-o na história e na saudade.

Mas a bateção que Maria realmente gostava era a dos tambores que anunciavam a passagem do congado. O som ritmado ecoava pela comunidade como um chamado, avisando que o Quilombo dos Arturos estava organizando a grande festa. Todo mundo ficava na expectativa de acompanhar a procissão, uma celebração que reunia fé, cultura e tradição.

Os tambores não apenas preenchiam o ar, mas também os corações. As crianças, ouvindo o rufar, saíam correndo da escola para se juntar ao cortejo, fascinadas pelo Rei e pela Rainha do Congado, que seguiam à frente com majestade. Era mais do que uma festa; era um momento em que a comunidade inteira se conectava à sua ancestralidade, e Maria Rita, entre as pessoas, sentia o orgulho de fazer parte daquele pulsar coletivo.

“Aí vinha batendo aqueles tamor, e aquelas donas com aqueles vestidos grandes, longos e rodados, né? Aí elas viam atrás dançando. Dançando, rodado. Os homens tinham uma coisa de bater pau, um cabo de vassoura e batia de la, o outro batia de cá. [...] Tinha a casa que parava para fazer a refeição, né, já tinha as cozinheiras que servião o almoço. Eles almoçavam e quem estava acompanhando também podia almoçar, tinha comida para todo mundo. Descasava e depois seguiam em frente batendo os paus e passando na casa das pessoas, as donas dançavam iam recebendo umas moedinhas até chegar na igreja. Agora não tem mais, tem mais não e mais bonito como antigamente, era lá no quilombo dos arturos”

A verdade é que as memórias, por mais que sejam cuidadosamente guardadas, acabam se entrelaçando, formando uma só narrativa com o passar do tempo. Em seus relatos sobre as festas da infância, Maria Rita costura dois eventos marcantes: a Folia de Reis, que ocorre em janeiro, e a Congada, que tem início em maio. Ambas as celebrações carregam o sincretismo religioso e a resistência do povo negro, ecoando fé e luta em cada canto. O Quilombo dos Arturos, localizado em Contagem, Minas Gerais, é um dos mais emblemáticos redutos de resistência negra no Brasil. Fundado por Artur Camilo Silvério e sua família, descendentes de pessoas escravizadas, o quilombo preserva vivências ancestrais por meio de suas celebrações, práticas religiosas e modos de organização comunitária. O Congado, festa de devoção a Nossa Senhora do Rosário, é o ponto alto da tradição, reunindo batuques, danças e cânticos que reafirmam a identidade e a história do povo quilombola. Mais que uma celebração, a festividade mantém viva a memória da luta e da espiritualidade que sustentam a comunidade há gerações.

Além dessas festas tradicionais, outra alegria preenchia os dias de Maria Rita e suas filhas: a chegada do circo itinerante às redondezas. Quando a tenda começava a ser armada, o entusiasmo tomava conta. Contudo, uma amiga foi logo bate no portão de sua casa para avisá-la: “Toma cuidado com esse povo, Maria, não pode confiar. Dizem que roubam tudo o que a gente tem em casa.” Maria Rita, que nunca gostou de julgar sem conhecer, não deu ouvidos.

Sua amizade com os artistas do circo cresceu a ponto de Dona Avelina, uma das integrantes, tornar-se madrinha de sua filha Conceição. E ainda havia o privilégio: Maria Rita e sua família podiam assistir aos espetáculos sem pagar. “Eram ótimas pessoas, muita gente boa e alegre”, ela dizia. Infelizmente, Dona Avelina, inocente e de bom coração, confiou demais

em quem não devia. Deixou de tomar o remédio para o coração seguindo os conselhos de um pastor e pagou um preço alto: sua vida.

Maria Rita sempre ensinava que é importante ter Deus no coração, mas fazia questão de lembrar: “Cada um precisa fazer a sua parte, ai bateu as botas”

“A Dona Invelina morreu. Ela veio aqui no sábado. E falou assim. ‘Ah, ah, cumadre eu agora sarei, graças a Deus. Não tem nada mais do coração.’, Falei: ‘graças a Deus, cumadre. Que bom. O remédio foi bom?. O remédio que o medico receitou’. ‘Ah, o remédio foi bom. Mas eu não tomei, foguei tudo fora. Aí eu fui lá na igreja. Ó pastor, mandou eu jogar tudo fora e joguei.’ Ficou sem tomar o remedio, quando foi o ourto dia estava esticada la.”

O trabalho guiava a vida de Maria Rita, como se fosse a linha mestra de sua história. Lembro-me com carinho do dia em que minha avó me presenteou com o livro da Cinderela. Talvez, de certa forma, ela fosse a própria Cinderela — só que sem a ajuda de uma fada madrinha. “Ela trabalhava dia e noite sem descanso” (O sonho de Cinderela, 2005). A verdade, porém, é que minha avó foi a nossa verdadeira fada madrinha. Com suas mãos incansáveis e seu coração generoso, ela apenas sonhou, mas trabalhou arduamente para ver os nossos sonhos se tornarem realidade. “Mas eu já lavei muita roupa. Engraçado, não faltou serviço pra mim. Parava um pegava outro, pegava um parava o outro. Foi até terminar. Para poder romper a vida e pras meninas estudar um pouquinho, senão nem quarto anos não dava pra elas tirar, né?”

De saia de saco tingido, limpinho e bem passadinho, e blusa de saco com a golinha engomada, as filhas de Maria Rita iam para a escola, sempre arrumadinhas e impecáveis. O esforço e o zelo de sua mãe eram refletidos nelas, que se destacavam nas aulas. Foi assim que ganharam o primeiro lugar e uma medalha na aula de higiene. Como minha tia Conceição sempre diz: “Pobres e pretas, sim. Sujas e mal arrumadas, não.”

Todas estudaram até onde era possível, enfrentando os limites impostos por uma sociedade que lhes negava oportunidades. Maria Regina, ainda jovem, precisou ir para um internado por conta de uma doença que a acometeu muito cedo. Já as outras filhas — Maria Emília, Maria Helena, Maria Conceição, Maria Badia, Ana Maria, Alda Maria e Ricardo Jacinto — concluíram o ensino secundário. Apesar disso, a vida nunca foi fácil. A falta de oportunidades fazia com que a sociedade as olhasse com desprezo, como se tivessem nascido para sonhar, mas fossem obrigadas a servir.

Cada uma delas é única e especial, com suas próprias características e histórias. Há até um poema que chama “As Tias”, e quando eu era criança, minha irmã e eu brincávamos de imaginar quais delas cada uma de nossas tias eram. A filha mais nova, Cláudia Maria, conseguiu alcançar um feito que marcou a família: formou-se na graduação, abrindo um novo caminho

para que as netas também pudessem sonhar e conquistar espaços que antes pareciam impossíveis.

“As tias  
*A tia Catarina*  
*cata a linha.*  
*A tia Tereza*  
*bota a mesa.*  
*A tia Ceição*  
*amassa o pão.*  
*A tia Lela*  
*espia da janela.*  
*A tia Dora*  
*só namora.*  
*A tia Cema*  
*teima que teima.*  
*A tia Maria*  
*dorme de dia.*  
*A tia Tininha*  
*faz rosquinha.*  
 (...)
 *A tia Salima*  
*fecha a rima”*

*Elias José. Namorinho de portão. São Paulo, Moderna, 1986. Coleção girassol*

#### 4.2 “Maria é minha secretária.”

Tudo era mata. Para onde Maria seguisse, os caminhos eram cercados de verde, com a sombra das árvores e o som dos bichos que ali habitavam. E onde há mata, há cobras. Naquela região, era comum encontrar serpentes, grandes ou pequenas, cruzando o caminho. Maria recordava-se de uma dessas aventuras quando ainda era pequena. Juntava-se com as amigas e o irmão para ir até os coqueiros em busca de favo, um tipo de feijão branco, e coquinhos que vendiam no mercado. Todos seguiam mata adentro, conversando, cantando e brincando pelo caminho, com a alegria inocente de quem não tem medo do mundo.

Quando chegaram à porteira, porém, deram de cara com uma visão assustadora: uma cobra enorme estava ali, estirada no caminho. “Aquele tal de jiboia,” Maria contava, com olhos arregalados, como se revivesse o momento. As desventuras da mata faziam parte da vida dela, e sua coragem sempre foi uma marca. Mas naquele dia, ao ver a cobra, Maria não pensou duas vezes. O susto foi maior, e tudo que lhe veio à mente foi correr. Correr para longe do perigo, como narra Maria:

“[...] gente foi pra abrir a porteira veio de aquele, cobram, com a cabeça desse tamanho e buff em cima da porteira, a gente sumiu todo mundo. ‘Corre, corre, corre a cobra vai pegar, a cobra vai pegar nos!’. Ela abriu aquele bocão, acho que cabia uma de nós dentro, aquele tal de jiboia, né. A gente correu para tudo quanto foi lado, o Arthur estava também, ele perdeu, o moço achou ele e levou ele em casa, agora correu para o meio do marto correu para o meio das cobras, né, invés de correr para trás. Eu vim embora, cada um foi para um lugar de medo, voltei para trás, foi eu as outras voltaram e as outras sumiram, nós não achávamos. Aí, depois que eu cheguei em casa, que eu falei, ‘Mãe do céu, a cobra quase que comeu nós, mãe, uma cobra grande com a cabeça desse tamanho’.

‘E cade as meninas Maria’, ‘As meninas sumiu, as meninas sumiu não vi ninguém’. ‘Aí, meu Deus do céu, como é que vai fazer, como é que vai fazer?’ Mãe foi do lado de fora assim, sem saber se vinha a procura -las. ‘A cobra está em tal lugar, em tal porteira’. Aí nós estávamos esperando, foi esperando que as meninas estivessem aparecendo, uma foi dando notícia. Não tinha telefone, não tinha nada pra você falar, tinha que mandar outra pessoa, vai na casa de fulano, avisa ela que já apareci.

E aí, é que foram aparecendo de repente, já estava assim de noite, uma hora assim, que chegou o senhor com o Arthur. ‘O dona, eu vim entregar esse menino aqui ele saiu perdido, a cobra ia morde eles, eles correram e perderam’. Os aperto que a gente passava e a gente não voltou lá na porteira, de medo, não sei se eles mataram a cobra, nem tinha jeito de matar. Era muito mato, a gente não se importava não, as idades da gente dava aquela coragem, vai ver que ela ficava lá no coqueiro né,

E nesse lugar tinha uma casinha bem lá em baixo, a onde nós iam mesmo que tinha muito coqueiro, tinha essa casinha, e nessa casinha morava a Jovita, minha madrinha de representar, não sei se era de consagrar ou de representar. Morava lá em baixo, a gente lá ia, dia de apanhar coco e passar na casa da madrinha de Jovita. Eu pensei ‘Deus do céu, ela mora perto, essa cobra vai perto da casa dela e se entrar lá dentro’.

As cobras faziam parte da rotina de Maria Rita. Na infância, ao ajudar o pai na plantação, era preciso cuidado constante com esses animais. Seu pai, sempre atento, ia na frente abrindo as covas para o milho, enquanto os filhos vinham atrás, plantando. Ele alertava com seriedade: “quieta aí, passa por longe, joga um milho e não chega lá perto, que tem uma coisa lá de baixo.”

Maria e os irmãos obedeciam, andando em silêncio e com cautela, mas não sem a curiosidade de lançar um olhar para o que estava escondido. “Aí nós olhamos assim e via lá, fazia uma rodilha assim, né, que era rodilha a cabecinha, ó. A gente olhou assim, ah, parece que era uma cobra. [...] Se fez barulha, pulava na gente, deixava lá. Respeitar o espaço das cobras era regra para que ninguém se machucasse. Essas memórias vinham sempre acompanhadas de um carinho profundo pelo pai, que, mesmo sem estudo formal, tinha uma maneira de falar que encantava Maria., “Ó, cuidado aí, cuidado aí que tem um bicho aí. Aí ele falava, meus filhos, meu pai tinha um dizer assim, mas é bonito, sabe, não tinha gravador pra gravar, né, ele falava bem, um povo antigo falava bem.”

As filhas da patroa Lília estudavam em Belo Horizonte e, ao crescerem, casaram-se e por lá permaneceram. Raramente voltavam à Fazenda Samambaia. Maria, entretanto, não era vista apenas como a empregada da casa — era chamada de secretária. Nos domingos, feriados e festas, dona Lília costumava visitar uma de suas filhas, que morava no bairro Calafate, em Belo Horizonte, e sempre levava Maria como companhia, embora o verdadeiro motivo fosse o auxílio que ela prestava nos afazeres da casa. Nada era dito diretamente, mas tudo estava subentendido. Quando questionada se Maria era sua empregada, dona Lília sempre se apressava em corrigir: “Maria é minha secretária.”

Maria recorda com clareza:

“A dona Lília não gostava que falava empregada não. O pessoal dela chegava. ‘Ah! tia Lília e a sua empregada?’ ‘Não, lá em casa não tem empregada, não. Essa aqui é minha secretária’. Eles fizeram tudo sem graça. Era o modo de falar, né? Todo mundo fala, é minha empregada, é minha empregada. Ela falava ‘Não é minha empregada, e minha secretária, Rita é minha secretária’. Se ela fosse apresentar para as pessoas? Aí ela pegou o ‘Fulano de tal. Essa aqui minha secretaria’, ‘Ah, muito prazer’. Eu tinha que ficar séria, né? Ela era muito boa.

Maria sentia-se orgulhosa com o status que dona Lília lhe conferia. Ser chamada de secretária parecia elevar sua posição. E mesmo que fosse uma secretária que cozinhava, lavava e passava, que, durante a semana, ia até o centro da cidade para entregar a lista de compras à filha de dona Lília — incluindo itens como sal, fósforos ou outras coisas que não eram produzidas na fazenda — o título tinha significado. Maria voltava no fim da tarde com as compras e o mesmo pensamento: era, sim, uma secretária. E isso bastava para lhe arrancar um sorriso.

O trabalho árduo, pesado e acompanhado de muitas horas de caminhada foi o percurso de vida do povo negro, cujas mãos construíram cidades inteiras, enquanto seus corpos eram explorados por longas jornadas e salários irrisórios. Em uma cidade em expansão, a força dos

negros foi usada e usurpada. Simão, marido de Maria Rita, esteve entre os que ajudaram a erguer a fábrica de cimento Itaú. Quando criança, sempre que passávamos de ônibus em frente à fábrica já desativada, minha mãe apontava as imponentes chaminés e dizia: “Olha, o seu avô ajudou a construir aquilo.” Eu me enchia de orgulho, mas também de uma tristeza que só compreendi mais tarde.

O grande feito de Simão teve um alto preço. Ainda jovem, ele adoeceu, vítima de problemas cardíacos que os médicos associavam aos anos de esforço físico extremo. Mas como evitar? Sustentar a família era a prioridade. Incapaz de continuar trabalhando fora, ele passou a cuidar da casa e plantar verduras para complementar a renda. Foi então que Maria Rita, corajosa e determinada, decidiu que era sua vez de assumir a responsabilidade financeira da família.

Após dias de busca e desânimo, Maria Rita conseguiu emprego como auxiliar de limpeza no prédio da Odontologia da UFMG. Começou trabalhando meio período, enquanto todos se adaptavam à sua ausência em casa. Depois, passou a jornada completa, conquistando a tão necessária carteira assinada e a segurança financeira para criar os filhos. Naquela época, os mais velhos já estavam crescidos e também buscaram seus primeiros empregos. Maria Rita trabalhou anos na UFMG até ser transferida para o Tribunal de Justiça, onde atuou em diferentes prédios antes de se estabelecer definitivamente.

“Aposentei do lado de cá. Da odontologia passei para o tribunal. Aí o tribunal mudou da Cidade jardim para o Calafate. Foi no mesmo serviço, mas fazendo o serviço lá no Carafate. Aí eu fui pra lá pra tomar conta do serviço lá. Pessoal só vai reclamando, né? Aí o So Zezim me levou pra lá. Nesse predio eu trabalhei bem meses lá. Depois, lá, eu descí para o NPS da avenida Amazonas. Do NPS, eu passei pro Tribunal de Justiça. na esquina da Goiais com Amazonas. Lá eu fiquei lá, fiquei é ate sair. No tibunal de alcada eu era copeira, atendia o juiz. O juiz era muito atencioso com a gente, muito repetador.”

Maria Rita era tratada com muito respeito por todos que conviviam com ela, sendo carinhosamente chamada de "tia Rita". Sempre prestativa, quando alguém precisava de um chá, ela já se prontificava a preparar. Nas ocasiões de festa, Maria Rita também sabia aproveitar. Ela bebia um chope, sorria, dançava e se divertia com todos ali. “É bom mexer com esse povo. Eu gostei, achei ótimo”, recordava com alegria.

No entanto, não podia permanecer muito tempo nas festas. Havia o horário do ônibus, um compromisso inescapável. Embora o transporte público tivesse melhorado em comparação à sua infância, o último horário do ônibus ainda era às meia-noite. Nessas noites, Maria Rita e seus colegas desciam correndo para não serem deixados para trás. “Foi bem forçado, sofrido, mas é assim, dei conta de chegar”, dizia, orgulhosa de superar os desafios com determinação.

“Eles me apelidaram de Tia Rita, tudo era comigo. ‘O Tia Rita, eu to com um dossicido faz um cha pra mim. Então, me dá melzinho’ Mas foi muito bom, eles faziam muita festa, né? Na otonologia também tinha muita festa. Um rapaz fazia muita choppada. No sábado, eles eram doido com choppe.

“E a gente tinha que sair rápido porque o último ônibus era meia noite. Saindo da minha noite acabou. A gente fica por la. A gente arrumava tudo correndo pegava o onibus e na Olegario Machiael. E até os motoristas vão acompanhando a gente, vai conhecendo as pessoas, chegava naquele lugar, a gente não tava, esperava um pouco.”

Quando Maria Rita alcançou uma idade mais avançada, não perdeu tempo. Com a ajuda das filhas, organizou toda a documentação para dar entrada na sua tão merecida aposentadoria. Era chegada a hora de encerrar sua jornada de trabalho formal e iniciar um novo capítulo em sua vida. Logo foi se matriculando em um projeto social que acontecia no seu bairro, queria aprender a tocar violão, a fazer moisaico, a cantar, aperfeiçoar a costura. Queria viver os sonhos, não pode estudar quando era nova, mas podia agora já com 60 anos aprender tudo que queria. Mas como e dito naquele ditado popular “sonhar não é pecado”. Logo veio os netos, e as filhas e filho, necessitavam de sua ajuda para criar as crianças.

E assim se fez, Maria Rita aprendeu a fazer moisaico, entrou para o coral, mas não pode aprender tocar violão, mas o mais importante não poder ser livre para viver os seus sonhos e aprender tudo que queria. “Depois deram o violão, se tivessem deixado, ia sobrando um tempo e aprendendo. Mas eu fiquei sem o violão”, lamentava. O seu sentimento de perda era semelhante ao que sentira na infância, ao lembrar da boneca que a chuva levou. Sonhos como o violão e o de estudar para se tornar professora ficaram para trás, deixados de lado pelas responsabilidades da vida.

Mas o cuidado que Maria Rita dedicou aos filhos e netos não foi apenas um gesto de amor espontâneo. Ele foi, muitas vezes, uma imposição silenciosa, fruto de uma cultura que sempre atribuiu às mulheres a responsabilidade pelo bem-estar dos outros, mesmo quando isso significava abdicar de seus próprios sonhos. Ainda que não quisesse assumir um segunda maternidade, as circunstâncias e as expectativas sociais a empurraram para ele, como tantas outras avós que, ao invés de desfrutarem da velhice com autonomia, são convocadas, sem opção real de recusa, a seguir cuidando.

Maria Rita, assim como muitas mulheres de sua geração, não foi ensinada a ter voz para reivindicar o que era seu por direito: o tempo, os desejos, a liberdade de escolher. E, ainda assim, ela continuou, transformando em afeto aquilo que, muitas vezes, foi peso. Seu legado não é apenas de amor e dedicação, mas também um reflexo das renúncias impostas às mulheres



que vieram antes, para que as que vêm depois possam, talvez, escolher diferente. Transformando cada pequena vitória dos filhos e netos em sua própria realização.

“Quando eu aposentei, com 60 anos, eu já tinha dado um dado entrada na papelada. Não fiquei esperando fazer 60 anos. Ai logo que eu aposentei a Ritinha nasceu. Ai eu estava fazendo umas atividade aprendo do violão, estava feliz. Ai já não tinha jeito de sair, nessa época era so eu e Maria Regina. Regina ficava na casa da avó, cuidado dela. Era particamente eu sozinha, tive que larga tudo. Dava trabalho, ai larguei, depois eu aprendo, ai parei de vez. E ruim começare parar, depois não acha a hora de voltar.

Para não ficar em casa sendo responsável apenas pelo zelo de cuidar, Vó Rita encontrou na feira municipal uma oportunidade de complementar a renda e manter-se ativa. Começou a confeccionar panos de prato, toalhas e outros artesanatos, que vendia com sucesso. Toda sexta-feira, fazia questão de estar presente na feira, saindo de manhã e retornando apenas à tarde. Era um momento de interação e trabalho que ela apreciava muito.

Com o passar dos anos, a idade começou a pesar. Antes da pandemia, os organizadores da feira decidiram realizar uma seleção, e as participantes mais idosas, incluindo vó Rita, foram orientadas que já estava na hora de para. Contudo, ainda poderiam enviar seus trabalhos para serem vendidos por colegas. Após a pandemia, aos 91 anos, vó Rita passou a permanecer mais em casa, já que sair passou e preciso sempre a companhia de alguém.

“Depois eu fiquei uns tempos sem trabalhar, comecei a fazer uns pano de prato, vender, pra não ficar sem dinheiro. Ai apareceu a feira, a feira municipal perto do colegio Armaldo. Toda sexta feira, mais de um ano. Levava pano de prato toalha, comprava alguma coisa para revender. Comecei com pouca coisa, fazia bastante pano de prato, toalha de mesa e aquela de batemão. Toalhas de bebe de limpar a boquinha, esse eu fiz muito”.

“Parece que o povo estava com uns meninos na escola naquele ano. As mães gostava bordadinhas né?. Eu saí de lá, foi logo no negócio da pandemia. O que foi também, a idade foi vencendo, né? Eles foram fazendo seleção das idades, e eu estava na hora de para. A gente sempre tem uma coisinha para fazer, né. Eu fiquei fazendo e a dona Francisca passava aqui, pegava e levava. Agora era também, parou”.

Simão Jacinto, marido de Maria Rita, foi um homem e pai exemplar. Trabalhava fora e, mesmo cansado, ajudava nas tarefas de casa. Ele tinha uma predileção especial por passar roupas, deixando tudo impecável para os filhos.

Criar os filhos recém-nascidos naquela época era um trabalho árduo. Vó Rita lembra que, ao contrário de hoje, quando as netas possuem uma facilidade, ela precisava preparar as mamadeiras do zero. Dependendo da idade do bebê, fazia creme de arroz, creme de milho ou aveia. "Hoje é só sacudir, fazia um negócio", ela comenta, comparando as facilidades de hoje

com os desafios de antes. Tudo era preparado no fogão a lenha, abastecido pela madeira que suas filhas mais velhas buscavam. Maria Emília gostava da tarefa, mas Maria Regina, nem tanto.

À medida que cresciam, os filhos assumiam responsabilidades em casa. "Crescendo e ajudando a lavar vasilha, arrumar cozinha. Sempre faziam juntas, não tinha reengueira, não. A sorte foi essa, que elas eram muito unidas. Uma fazia, a outra ajudava." Enquanto um grupo estava na escola, o outro cuidava das tarefas da manhã ou da tarde. Assim, a rotina seguia com trabalho dividido e cooperação.

A casa era sempre cheia de crianças, pois Maria Rita não deixava as filhas frequentarem a casa dos outros. Assim, as amigas vinham para a casa delas, e o quintal virava palco de brincadeiras. "Era gramado, né? Elas ficavam ali jogando bola, peteca, correndo de pegador." Festas de aniversário não eram grandiosas, mas nunca passavam em branco. Maria Rita sempre preparava algo simples, mas cheio de carinho. "Às vezes, um bolinho, um docinho, docinho de abóbora, pé de moleque... Era o que dava. Eu mesma fazia o bolo. Não sei se fiz de todos, mas parece que fiz de todos."

A família grande de Maria Rita viveu em uma casa que foi sendo construída aos poucos, acompanhando as necessidades de todos. No início, não havia quartos suficientes para acomodar as crianças. Carlinhos, o filho mais velho e único menino durante muito tempo, dormia na sala para que suas irmãs tivessem mais conforto e pudessem ficar juntas nos quartos. No entanto, isso não era fácil. Ele só podia se deitar depois que todos estivessem quietos, respeitando a rotina da casa.

Havia um quartinho construído do lado de fora da casa que tinha outro propósito, como todo capricho ensinado por Maria Rita, Carlinhos organizou e arrumou o quarto para ele, passou a dormir lá, ganhando privacidade e um espaço só seu. Suas irmãs dividiam os quartos da casa principal, onde as condições também foram melhorando. "Era só os dois quartos, né? Ali era cheio de cama. Depois fez esse o maior. Aí já colocava mais cama, beliche, um jeito que acomodava. Foi assim." No quarto grande, foram providenciados beliches para otimizar o espaço, e as irmãs dormiam de duas em duas.

"O sofa, tinha um sofa grande, foi a ter o patrão do seu avô que deu. O sofá grande e bom, durmia no sofa. Aí o pai dele fez um quartinho ali na frente. Ele fabu que ia fazer um açoque. Acabou que não fez. Aí ele já estava grandinho e falou, 'Ah! mamãe, quer saber de uma coisa? Vou por uma cama la no quarto pra mim'. Assim ele fez. Arrumou lá direitinho e ele ficava no quarto. Foi apertando aqui dentro, elas foram ficando mocinhas, e ele rapazinho, né? Aí a gente fechou a porta de lá, que dava lá pra fora e fez o quarto dele. Melhor do que ficar na sala, né? As vezes chegava ao alguém

e tinha que ficar até tarde, esperando para poder dormir. Dava a hora ele ia para o quartinho dele e pronto. Se chegava tarde, deixava as coisas a ponta pra ele. Ele trabalhou muito, trabalhou bastante.”

Cada filho de Maria Rita seguiu o seu caminho, mas todos permaneceram próximos a ela. Uns casaram, outros não; alguns tiveram filhos, enquanto outros optaram por não tê-los. Maria Rita, com sua sabedoria, tentava orientar as filhas em suas primeiras escolhas. Ela acreditava que era importante encontrar “rapazes que tivessem futuro” e insistia que o namoro deveria ser conduzido com respeito. Os encontros aconteciam geralmente na sala de casa, sob sua supervisão, ou em uma lanchonete para conversarem, mas sempre dentro dos limites que ela considerava adequados.

Embora desse conselhos e demonstrasse preocupação com o futuro de seus filhos, Maria Rita sabia respeitar as escolhas de cada um. Ela acreditava que sua função era orientar, mas não impor. Assim, mesmo quando as decisões de suas filhas não coincidiam com suas expectativas iniciais, ela deixava que cada uma seguisse seu próprio caminho. “Cada um escolhe o que acha melhor para a vida”, dizia, reforçando a confiança que cultivava dentro da família. Com esse equilíbrio entre cuidado e liberdade, Maria Rita contribuiu para que seus filhos e filhas trilhassem seus caminhos com autonomia, mas sempre sentindo o acolhimento de sua mãe como um porto seguro.

“As primeiras escolhas, eu não gostei muito não. Até os meninos, é muito bom. Todos muito respeitados. Todos trabalhadores. Mas eu achava, eram os meninos que a gente viu nascer, que eu andava junto, conhecia todo mundo. Não é que a gente não fala e por mal, mas eu via que eram os meninos assim sem futuro, sem trabalho. Eu falava pra eles assim, ‘Olha isso não vai dar certo, Não ia dar certo’. Eles gostavam muito de mim, gostava muito delas. A gente saía muito, aí tinha um bar, a quem cima, uma lanchonete. A gente ia lá tomar lanches, tudo junto. Aí de repente elas mesmo. Até que arrumaram o certo.

Maria Regina, a segunda filha de Maria Rita, enfrentou na infância o desafio de viver com epilepsia, o que tornava a rotina escolar difícil. “Às vezes, ela passava mal no caminho. Tinha que estar sempre junto”, recorda Maria Rita, necessitando constantemente de acompanhamento. Sua irmã Maria Emília era quem a acompanhava na escola, mas, com o tempo, a direção sugeriu que Maria Regina fosse para um internato onde pudesse receber cuidados adequados. “Aí eu falei com a dona Lilia, né?”, lembra Maria Rita, referindo-se à sua antiga patroa, que a ajudou nesse momento crucial.

Com o apoio de Dona Lilia e suas conexões, Maria Rita conseguiu uma vaga para Maria Regina em um colégio dirigido por Dona Adelina. “Aí arrumou o colégio, foi melhor. Ficava a

semana inteira, vinha dia de sábado, voltava domingo, na segunda-feira, certo”, conta, aliviada por saber que sua filha estava em um ambiente que oferecia estabilidade e suporte. Maria Regina se formou no colégio aos 18 anos e retornou à casa da mãe. Para se ocupar, ingressou no Clube da Amizade, uma organização ligada à igreja que acolhia idosos e pessoas em necessidade. Lá, aprendeu a bordar, uma prática que se tornou difícil de manter com o avanço da demência.

Além disso, ainda criança Maria Regina passou por tratamento para epilepsia no Hospital das Clínicas, um esforço que envolveu toda a família, que se unia para levá-la às consultas. Após voltar para casa, foi cuidar de sua avó paterna, que estava doente, auxiliando nas tarefas da casa. Quando a avó faleceu, Maria Regina retornou definitivamente para a casa da sua família.

“O tempo todo lá. Aí, senão, eu não tinha sossego. Você ia trabalhar, né? Ela aprendeu muita coisinha. Não sei, esqueceu, sei. Depois que ela saiu de lá, ela foi lá para o clube da amizade. Ela aprendeu bastante a bordado. Mas fazíamos bordado para fora. Foi esquecendo, devagarinho. Agora não está fazendo nada. Faz a vontade de Deus, né? Só dela sara desse desmaios, não entendo isso. Aí fazia tratamento lá no Hospital das Clínicas, medico, muito bom. Deu certo, né? Também todo mundo ajudava, né gente? O avô Otaviano, a Neuza, a minha sogra. Aí ela ficava lá com a vô dela aqui, minha sogra já tava debilitada, e lá ela tomava conta da casa toda, e tudo arrumadinho. Minha sogra só fazia comida. Depois deu, quando ela morreu, deve de vim pra casa de novo.”

#### 4.3 “É o violão para cantar de ti”

A primeira filha a se casar foi Maria Badia, ainda com 18 anos. Seu pai, Simão, assumiu a responsabilidade de organizar cada detalhe do casamento. Planejou a data, cuidou da documentação na igreja e até escolheu a música que acompanharia a entrada de sua filha: a oração de Ave Maria. Na época, não havia recursos para contratar músicos, então um homem com uma vitrola comparecia ao dia do casamento para tocar as músicas selecionadas.

Nos dias que antecederam o casamento, porém, a saúde de Simão deteriorou de forma repentina. Ele passou mal e precisou ser internado. “Deixou tudo arrumado, os papéis, tudo organizado. Foi de repente, a doença, o coração dele assustou todo mundo”, lembra Maria Rita. Um erro no documento exigiu que o escrivão do cartório fosse até o hospital para que Simão pudesse assinar novamente. A família tinha esperanças de que ele saísse do hospital a tempo de acompanhar o casamento da filha, mas, infelizmente, isso não aconteceu.

Simão faleceu 20 dias antes da cerimônia, vítima de um problema cardíaco que não resistiu nem mesmo ao descanso imposto pela doença. Sua ausência deixou um vazio profundo. O casamento aconteceu, mas sem grandes celebrações. A família, ainda abalada pela perda, optou por um pequeno lanche após a cerimônia. O ambiente carregava a tristeza pela ausência do pai e marido, cuja dedicação e amor marcaram a vida de todos que ficaram.

“Quando ele... ele faleceu, tava arrumando o casamento da Badia. Badia casou muito nova, teimosa também, né? Casou muito nova. Acho que já tava com 17 ou 18 anos. Casou 20 dias depois que ele morreu. Tava com os papéis tudo ensinado. Só faltava assinar uma coisinha, que o escrivão errou lá no hospital. Aí a gente não fez nada também, mas o casamento fez um lanche que foi interessante e ele deixou tudo arrumado até a música da entrada do casamento.”

Maria Rita relembra a ocasião com uma mistura de saudade e incredulidade. Apesar de Simão ter organizado tudo com tanto cuidado, incluindo a música da Ave Maria, o toca-discos simplesmente não quis tocar no momento da entrada de Maria Badia. Aquele era um detalhe importante, cuidadosamente planejado, mas que acabou não acontecendo como esperado.

Logo após o casamento da filha, aconteceria outra cerimônia, e o mesmo homem encarregado do toca-discos foi até lá para continuar seu trabalho. De longe, Maria Rita pôde ouvir a Ave Maria, que não tocara no casamento de sua filha, sendo reproduzida sem problemas. “Nossa, para ver como é as coisas, né? A gente acha assim, que não acontece, mas acontece. O moço pelejou de todo jeito, foi outra pessoa, mudava daqui. Não tocou. Porque não queria ouvir a música, tava triste, né? Era só a Ave Maria para tocar. Não tocou, não.”

A lembrança é carregada de simbolismo, como se o silêncio da música refletisse a tristeza que pairava no ar, causada pela recente perda de Simão. Mesmo assim, Maria Rita reconhece esses momentos como parte do mistério da vida, em que pequenos gestos e acontecimentos carregam significados maiores do que aparentam.

“Você vê que engraçado, deixou tudo arrumado. Mas quando chegou na hora do casamento, toca disso que não é touco. Antigamente, é tocar disco que a gente fala. Disco de vinil. É, eu tinha o moço que saí com aquele negocio e você pagava para ele tocar. Sei lá como é, tocava na hora da ave maria, o que a gente quisesse, então. Arrumou tudo, arrumadinho, bonitinha a igreja. Aí chegou na hora da entrada, cade que o toca disco canta? Não cantou, nem a ave maria. Assim que o casamento da Badia saiu, entrava outro, né? Assim que saiu o outro entrou, tocou”.

Depois da morte de Simão, Maria Rita se viu sozinha com a responsabilidade de guiar a família. Embora as filhas já fossem crescidas, o peso da casa recaía sobre ela, que precisava manter a força para sustentar todos, mesmo diante das dificuldades. Em suas mãos, Maria Rita carrega duas alianças: a sua e a de seu marido, um símbolo do amor eterno que os unia.

Em uma ocasião especial, após um dos casamentos das filhas, enquanto terminavam de arrumar a festa, recolhendo copos e limpando mesas, um episódio marcante aconteceu. Maria Helena, que adorava tocar violão e acompanhava as irmãs em quase tudo, chegou correndo eufórica. “Mamãe, mamãe! Vem cá, vem cá! Olha isso!” Ela chamava Maria Rita para o quarto. Ao chegar lá, viram o violão, deixado sobre a cama, com as cordas sendo dedilhadas sozinhas.

Maria Rita, com sua sabedoria e calma, respondeu: “Ah, não precisa espantar não. Isso é seu pai aí, tocando violão para você. Ele gostou do casamento.” Mesmo sem enxergar Simão, ela sentiu sua presença, sabia que ele continuava cuidando das filhas e da família. “É o violão para cantar de ti”, completou. Para Maria Rita, esses pequenos momentos eram certezas de que o amor que unia sua família transcendia o tempo e a vida. “Meu Deus do céu, que coisa, né? Aí, aí. Uns fatos que a gente não esquece, né? Aí, acho que as meninas esqueceram”.

A memória, às vezes traiçoeira, tenta falhar, mas Maria Rita ainda guarda fragmentos dos casamentos de suas filhas e de seu filho. Alguns optaram por se casar na igreja, enquanto outros escolheram não oficializar suas uniões, preferindo viver solteiros ou em relações informais. Maria Rita lembra com carinho do casamento de sua filha Ana, que foi uma celebração especial. A igreja São Sebastião estava lindamente decorada por uma profissional, e o evento contou com muitos convidados. “Foi bonito, gostei muito”, recorda-se, com um brilho nos olhos ao falar sobre aquele dia.

Seu filho Carlinhos, por outro lado, teve uma cerimônia mais simples. Casou-se rapidamente durante a semana, pouco tempo após o nascimento de sua primeira filha. Por ser em um dia útil e sem grande aviso, Maria Rita não pôde estar presente, o que a deixou com um sentimento de ausência. Já o casamento de sua filha Alda foi outro momento marcante: também realizado na igreja, foi igualmente belo e significativo. Com o passar dos anos, as histórias de amor tomaram caminhos diferentes. Ana e Badia, após reconhecerem que o amor em suas relações havia se transformado, optaram pela separação. Já Carlinhos e Alda seguiram firmes em suas promessas matrimoniais, permanecendo ao lado de seus parceiros até que a morte os separasse. Uns deu certo outro não deu, mas vai levando.”

“São Sebastião. Era outra igreja, né? Igreja que desmanchou. Foi muito bonito o casamento dela. Ela enfeitou, veio a moça, ela decorou. ‘Ela não mostrou o álbum do casamento’, ‘Parece que foi comido pelas traça’. ‘Eu tinha o meu, sumiu aqui em casa. Pouco dias eu fiquei pensando no retrato.’ Tinha muita gente no casamento. Tinha gente de fora, as colegas do Focolares. Gostaram muito. Foi muito bom o casamento.

Foi simples e rápido e bom. Da Alda também foi muito bom também. Agora do Carlinhos, eu não assisti. Eles casaram depois já tinha Flávia. E foi dia de semana, fizessem um almoço. Foi lá na igreja casaram, vieram, acho que ela mesmo fez almoço.

Foi bom também. Sua mãe deve a bênção das alianças na igreja. E agora foi o casamento do Ricardo”. “Uns deu certo outro não deu, mas vai levando.”

#### 4.4 “Eu vou lá pra ver Sacralia sentada no toco”

Maria Rita também se lembra de uma história curiosa que ouviu enquanto esperava o trem para voltar para casa. Ela, ainda criança e naturalmente curiosa, prestava atenção em tudo. Naquela ocasião, ouviu a conversa de duas senhoras conhecidas, que falavam sobre um casamento recente. “A gente, quando é criança, é engraçado. Tudo a gente presta atenção. É qualquer criança, eu acho”, reflete Maria Rita.

A mãe de Maria José estava organizando o casamento de uma das filhas e, por educação, decidiu convidar os vizinhos e conhecidos do bairro Água Branca, apesar de não acreditar que compareceriam. O evento seria realizado no centro da cidade de Contagem, longe do bairro, e a anfitriã supôs que a falta de roupas adequadas e de transporte impediria os convidados de irem. Contudo, para sua surpresa, todos apareceram na cerimônia. “A dona ficou espantada! Não achava que eles iam, mas foram mesmo assim”, recorda Maria Rita. A dona achou que Maria por ser criança não ia gravar a conversar ou contar para alguém, mas Maria era um criança muito esperta que gravou tudo. “Ela viu que eu estava prestando atenção, acho que ela pensou que eu não ia guardar, ou não ia contar.”

“Teve uma vez, a mãe dessa menina aqui da Maria José. Ela fez o casamento da filha dela. Fez lá em contagem, que tudo aqui é muito difícil. Mas ela convidou o pessoal aqui da Água Branca.

Mas não queria que as pessoas não fosse, o pessoal mais pobre. Não ia bem arrumado, né? Então ela convidou. Passou o casamento todo mundo aqui do Agua Branca foi, o caminhão cheio. Eu não sei, se eu fui, mas no dia da conversa eu tava.

Eu tava esperando o trem. Ela comentando com a outra dona. ‘Mas a cê precisa de ver fulana. O casamento foi muito bom. E eu convidei o pessoal do Agua branca, mas não era para eles ir, não. Eu convidei por convidar, porque todo mundo mal - arrumado, nas roupas feias, e vieram assim mesmo. Eu até assustei quando eu abri a porta, que estava aquele caminhão cheio de gente da Agua Branca. Meu Deus do céu!’.”

A primeira coisa que Maria fez quando chegou em casa, foi contou toda a situação à sua mãe, não conseguindo conter as gargalhadas. Mesmo sua mãe chamando atenção dela, não tinha muito o que fazer, Maria ria de toda a situação. “Aí eu saí rindo e falei assim: ‘Uai, engraçado, se não queria que fosse, não chamasse! Não chamasse ninguém, né? Pra quê que vai chamar os outros?’” A história ficou gravada em sua memória como um exemplo da espontaneidade e imprevisibilidade das pessoas, que sempre encontra graça ao recontar.

“Aí eu cheguei em casa, e contei pra mãe. ‘Só que eu preciso de ver, porque a Dona Mita falou que convidou o pessoal de Agua Branca, mas não era para eles ir, não. Então para que ela convidou, só tinha o casamento dela. Ela falou que foi convidar por convidar, mas pensou que ninguém ia, porque ninguém não tinha roupa direito, todo mundo mal-arrumado, e foram assim mesmo’. Ela até assustou quando abriu a porta, que estava chegando, o caminhão cheio de gente lá de Agua Branca. Tudo mal arrumado. E é que ela ia fazer, ela deixou ir assim mesmo.

Mãe falou, ‘Maria, deixa dessa moda. Tudo você escuta, tudo você vê, você fica falando, não vai falar com ninguém não, não vai contar pra ninguém do Agua Branca, não contei mesmo, não, contei só ela.’”

Ir à igreja era um ritual importante na vida de Maria Rita e de sua família. Todos os filhos foram batizados, e, aos domingos, ela era acompanhada pelas filhas para a missa das 18h. Naquele tempo, a igreja da comunidade era simples e foi destruída e contruída em outro local: “Não tinha uma igreja direito, não é? Uma igreja ali, desmancharam e fizeram outra.” Ainda assim, a fé de Maria Rita não era abalada pelas mudanças.

A vida social da família estava profundamente ligada à igreja. Participavam ativamente das festas, mutirões e outros eventos organizados pela comunidade. Maria Rita e suas filhas contribuíram de várias formas, até mesmo costurando as batinas dos padres. “Até das roupas para padre eu já fiz. Quando foi começar para formar a igreja foi muito difícil. Mas nós demos conta. Era tudo muito difícil aqui. Até que chegou nesse ponto”, lembra Maria Rita, com orgulho do esforço coletivo que ajudou a construir a base da comunidade religiosa.

Embora as dificuldades tenham sido vencidas, o envolvimento de Maria Rita na igreja mudou com o passar dos anos. Hoje, ela prefere um ritmo mais tranquilo. “Só vou à missa. A missa agora estou indo mais na televisão”, conta, revelando como adapta a prática da fé à sua rotina atual. Suas novenas são feitas em casa, muitas vezes sozinha, mas às vezes acompanhada por uma amiga que aparece para rezar com ela. A força de sua fé permanece inabalável, mesmo que o formato tenha se transformado com o tempo.

Maria Emília, uma das filhas, seguiu os passos da mãe e chegou a atuar como catequista durante alguns anos. Mas, com a mudança de bairro e o nascimento de suas filhas, precisou se afastar da função, apesar de haver quem contasse outra versão dessa história. Como a mãe, Maria Emília tinha pouca paciência para conversas maldosas, especialmente se envolvessem seu nome. “E igreja não é lugar de fofoca”, ensinava Maria Rita, com sua sabedoria simples e direta, reafirmando a importância de cultivar a fé sem se perder em distrações.

Maria Rita, com o espírito de dedicação, encontrou na igreja um espaço para reafirmar seus valores e contribuir para a comunidade. Decidiu se inscrever em uma conferência



organizada pela igreja, um evento voltado ao cuidado dos mais necessitados. Para ela, esse trabalho era uma extensão natural de sua religiosidade, que sempre guiou suas ações e reforçou seu compromisso com o próximo. Mais do que um simples gesto de caridade, sua participação era uma maneira de fortalecer sua conexão com a fé e de colocar em prática os ensinamentos que acreditava profundamente.

Além disso, Maria Rita encontrou no Clube da Amizade, uma organização da igreja, um espaço de acolhimento e troca. Todas as sextas-feiras, ela participa do coral do clube, onde ensaia com suas amigas. Essas reuniões não apenas nutrem sua paixão pela música, mas também fortalecem os laços de amizade e de comunidade que sempre foram tão importantes em sua vida. Para ela, cantar no coral era mais do que entoar melodias; uma celebração de sua fé e um momento de alegria compartilhada. O clube se tornou um refúgio de afeto e solidariedade, um lugar onde Maria Rita, já com idade avançada, continua a inspirar e a ser inspirada.

Durante anos, Maria também integrou a Pastoral da Criança, desempenhando um papel importante no apoio às famílias e no cuidado das crianças da comunidade. Porém, aos poucos, os desafios cresceram e o grupo foi se desfazendo. No final, restaram apenas ela e sua amiga Célia, fiéis à causa, mas incapazes de manter o trabalho sozinhas. Mesmo assim, Maria nunca se lamentou. Para ela, a missão cumprida, ainda que breve, era um sinal de que sua fé estava viva em suas ações.

“A conferência ali de baixo do viatudo. Tem as casas ali de baixo. Agora o pessoal não mora lá mais, não. A gente fica só lá no salão das reuniões. Para ajudar os que necessitam. Começou. Até bom, também estava... Eu não fiz inscrição, né? Trabalhava na conferência também. Na pastoral. Mas acabou. Não sei. foi parando, parando até ver que ficou eu e a Célia, a dona que mora lá, ali no alto, so nós duas.”

Com um coração generoso e uma devoção que transcende as adversidades, Maria sempre acreditou que fazer o bem, por menor que fosse, deixava marcas profundas nas vidas que tocava. Essa mesma crença a acompanhava em todos os momentos, da criação de seus filhos ao cuidado com os netos, sempre com o mesmo fervor que a movia nas missões da igreja.

Minha avó, lembra com carinho de Dona Clara, uma senhora que vivia na região e era conhecida por todos como “Sacrália” — fruto do sotaque mineiro que transforma as palavras em algo próprio e único. Dona Clara era uma figura peculiar, uma senhora idosa que passava as tardes sentada em um grande toco na varanda de sua casa, sempre vestida com um paletó.

Maria Rita, ainda menina, se encantava com Sacrália. “Eu falava com a mãe: ‘Eu vou lá pra ver Sacrália.’ E ela respondia: ‘O que você vai fazer lá, menina?’, ‘Eu vou lá pra ver

Sacrália sentada no toco’. E Maria ia mesmo, com curiosidade e fascínio. Passava as tardes conversando com Sacrália, sem nem saber ao certo por que gostava tanto de estar ali, mas gostava. As conversas se alongavam até o entardecer, e então Maria pegava o caminho de volta para casa, sem medo do boi ou de qualquer outra coisa que pudesse assustar uma criança naquela época.

Hoje, a casa de Sacrália não existe mais; no lugar dela, ergueu-se um galpão. Mas, na memória de Maria Rita, Dona Clara continua viva, sentada em seu toco, com sua presença simples e marcante. “Você vê, bobeira, né? Criança. Mas tinha aquele monte de casa até ali onde hoje tem o galpão. Dona Clara era Sacrália.”

Aí tinha a mãe da Ana clara, o que todo mundo chamava, é a Dona Clara. Sacrália, a palavra mesmo era Sacrália. Aí eu gostava muito de vir cá, só pra ver ela, ela já estava muito velhinha, a Sacrália, né? Mãe da Ana clara, muito velhinha, ficava sentadinha assim, lá de fora, na varandinha da casa, tinha um toco redondo grande assim, que ela ficava sentada em cima daquele toco. E sempre com paletó, acho que o paletó até era de homem. [...] Aí eu chegava lá conversando com ela, eu não sei o que conversava, um tempão. Depois eu ia embora, que a casa era lá na frente, Mãe da Ana clara, ‘Você vem sozinho, menina? É perigoso, minha filha? Não tem perigo não, de boi de pegar no caminho’. Medo de boi nada, só se fosse um boi mesmo.

Naquela região, havia muitas casas, mas o progresso chegou de forma inevitável, convidando os moradores a se realocarem. Aos poucos, as famílias vendiam suas casas, cedendo espaço aos galpões que passaram a dominar a paisagem. Maria Rita ainda se lembra de alguns nomes de antigos vizinhos e personagens marcantes daquela época: “Dona Clara, Só Límpio... Ah, esqueci o nome da outra dona. Depois tinha o Só Antenor. Esqueci o nome do outro... São Jorge, São Antenor... E tinha o outro, o do sapato errado, que só calçava um pé de um, um pé de outro. Casou assim, casou com o sapato assim.”

Maria Rita se diverte ao relembrar a história de Seu Chico, conhecido pelo jeito peculiar de viver e pelo fato de não gostar de fazer as coisas "do jeito certo". Seu Chico, ou “Só Chico da Ilária”, como o chamavam, sempre fazia questão de ser o contrário. “O Mitão falou com ele: ‘Ô Chico! Você tá com o sapato errado, tem que trocar.’ Ele olhava um pé, olhava o outro e dizia: ‘Ah, mas eu gosto assim, gosto assim!’ E casou com o sapato errado mesmo. Meu pai contava isso, casou com o sapato errado. O que era certo pra gente, pra ele era errado. O errado era o certo.”

Essas lembranças de figuras únicas e suas histórias mostram um tempo em que a simplicidade e as peculiaridades das pessoas marcavam a vida da comunidade. Hoje, com os galpões ocupando o espaço das antigas casas, restam apenas as memórias, vivas na mente de

Maria Rita. Os filhos criados, os netos já crescidos, os bisnetos correm no terreiro da casa, e os tataranetos não ficam para trás.

A memória, frágil e seletiva, guarda com mais nitidez os traços da infância do que os acontecimentos recentes. O ontem se dissolve na monotonia dos dias, onde tudo parece igual e sem cor. Para Maria Rita, a passagem do tempo trouxe não apenas a perda de amigos e familiares, mas também o esvaziamento da própria rotina, agravado pelo isolamento da pandemia de Covid-19. Sair de casa tornou-se um desafio, não apenas pelas limitações físicas, mas pela ausência de um mundo que já não a reconhece – um mundo onde as relações que a sustentavam se romperam uma a uma. Hoje, restam apenas ela e sua irmã, enquanto os outros, embora alguns ainda existam, não fazem mais parte do seu cotidiano.

Essa solidão não é apenas circunstancial, mas também consequência da subalternização que marcou sua trajetória. Desde cedo, Maria Rita foi ensinada a se doar, a cuidar, a colocar os outros à frente de si mesma. Agora, quando o tempo deveria lhe devolver um pouco de descanso, sobra apenas o silêncio de uma casa que já foi cheia. Sua história reflete a de tantas outras mulheres que, depois de uma vida de renúncias, descobrem que o mundo não lhes reserva nada além da espera. Uma espera que se alonga, feita de lembranças que resistem ao esquecimento, mesmo quando o presente já não se fixa na memória. Em uma conversa, minha avó falou abertamente sobre a corrida que enfrenta com sua irmã: quem cruzará primeiro a linha de chegada da morte. Mesmo insistindo que ela ainda viverá muitos anos, ela me olha com olhos cansados e afirma que, cedo ou tarde, sua vez chegará.

Naquele momento, observei minha avó e pensei em tudo o que me contou—sua vida, seus sonhos—e percebi que nunca a vi chorar. Sorrir, sim, muitas vezes, mas chorar, nunca. Isso me lembrou a incrível música de Milton Nascimento: *"De uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta"*. Maria Rita viveu muito, sempre com um sorriso no rosto. Aguentou a perda dos pais, do marido, de filhos, de netos. Passou por tanta dor.

Mas a vida de Maria Rita não é feita apenas de tristezas. Esta semana, vi um vídeo em que o narrador contava sobre sua mãe, que escolheu a si mesma em vez da maternidade— escolheu os sonhos, os desejos, e foi feliz. Essa é apenas uma outra realidade que não existe. Na realidade, minha avó não escolheu, mas sua vida não foi infeliz. Ela construiu muito uma casa cheia de sonhos. Se eu pudesse parar o tempo e ficar só mais um pouco aqui, eu não ficaria. Sei que não é isso que minha avó deseja para nós. Ela não quer nos ver presos ao passado, mas sim seguindo nossos caminhos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na última reunião de 2024, antes do recesso das festas, me encontrei com o professor Anaxsuell para conversar sobre o que eu já havia entregado e sobre os próximos passos do trabalho. Uma das ideias sugeridas foi ler os capítulos escritos para minha família durante o almoço de Natal, no dia 25 de dezembro. No momento, aceitei a proposta, mas assim que desliguei o computador comecei a pensar em como faria isso: no meio de tantas pessoas, em qual momento, em qual lugar?

Os dias foram passando e, por medo, fui deixando essa ideia de lado, sempre com aquele pensamento de autossabotagem: "Isso não é importante", "O trabalho não está bom o suficiente", "Nem finalizei ainda". No dia 24, às 11 horas da manhã, eu ainda não tinha impresso o trabalho, como se quisesse criar um motivo para não realizar a leitura. Mas, sem pensar muito, saí correndo e encontrei um dos últimos lugares abertos. Mesmo pagando caro, imprimi os textos, sem saber exatamente como tudo aconteceria.

No dia seguinte, acordei cedo e, junto com minhas irmãs, preparei o prato que levaríamos para o almoço. Quando cheguei à casa da minha avó, me deparei com um grande número de pessoas, o que me assustou profundamente. Quanto tempo eu havia passado longe da família para que ela tivesse se multiplicado assim? Em que momento eu leria o texto? Tudo aconteceu muito rápido: o almoço, a sobremesa, minha prima Denise fazendo algodão doce, crianças correndo, adultos conversando, um vai e vem incessante pela casa.

Pedi à Denise o microfone e a caixa de som dela para conseguir falar mais alto que todo mundo. Estava tão nervosa que, sem querer, fui mal-educada com minha prima Raquel e, no turbilhão do momento, esqueci de pedir desculpas. Decidi que leria na sala, o único espaço grande e relativamente tranquilo que restava. Fui para lá e fiquei esperando minha avó chegar; só começaria quando ela estivesse presente. Minha irmã Vitoria e seu namorado Gustavo foram os primeiros a chegar seguidos pelas minhas primas Gabriela e Ana Clara. Depois disso, só me lembro de ver minha avó entrando na sala.

O medo e a vergonha eram tão grandes que nem percebi quando o espaço foi se enchendo de gente. Mas, no final das contas, minha família é assim: um pouco caótica, completamente amorosa e, acima de tudo, maravilhosa.

Comecei a leitura pelo início: o nascimento, a boneca que se desmanchou na água. Não me lembro do rosto, mas reconheço a voz da minha prima Juliana comentando: "E tia Maria perdeu a boneca e teve oito filhas para poder brincar de boneca." Todos riram. A perda da boneca era

trágica, mas, ao mesmo tempo, havia algo cômico na forma como a história era contada e ressignificada ali, naquele momento.

A narrativa seguiu para o namoro e o casamento, e logo alguém brincou: “Quero ver as partes picantes!” Mas, como antropóloga, cujo trabalho se entrelaça à biografia familiar, compreendo que meu papel não é invadir a mais subjetiva intimidade da minha avó. A biografia, dentro da Antropologia, não se trata apenas de uma exposição de eventos individuais, mas de um instrumento metodológico que nos permite entender os contextos sociais, culturais e históricos que moldam uma vida.

Ao utilizar o biografema, recuperamos fragmentos de uma trajetória, buscando compreender como determinados momentos, por mais singulares que sejam, revelam estruturas coletivas mais amplas. A etnografia multisituada, por sua vez, nos permite acompanhar os deslocamentos dessas narrativas, observando como as memórias são reconstruídas em diferentes contextos e interações. Assim, na Antropologia, a biografia não é um fim em si mesma, mas um meio para investigar relações de poder, gênero, raça e classe.

Em outras áreas do conhecimento, a biografia pode assumir diferentes funções. Na História, por exemplo, é frequentemente utilizada para iluminar processos sociais a partir da vida de indivíduos notáveis ou comuns, destacando sua inserção em determinados períodos e acontecimentos. Na Literatura, a biografia pode se mesclar à ficção, criando narrativas que, embora baseadas em fatos reais, ganham nuances subjetivas e estilísticas próprias. Já na Psicologia, a análise biográfica pode auxiliar na compreensão de traumas, padrões comportamentais e processos de subjetivação.

Dentro da Antropologia, entretanto, a biografia nunca se fecha em si mesma. Ela é sempre um ponto de partida para pensar o coletivo, as relações intergeracionais e as permanências e rupturas que atravessam a vida de um sujeito. Ao contar a história de Maria Rita, não falo apenas dela, mas também das mulheres negras que, como ela, tiveram seus destinos moldados por imposições sociais e, ainda assim, encontraram formas de existir e resistir.

Ao continuar a leitura e falar sobre a morte do meu tio Carlim, percebi que havia esquecido de registrar a data. Na verdade, eu não me lembrava. Foi então que algumas das minhas tias falaram juntas, quase em coro: “Foi dia 12 de novembro.” Curiosamente, lembro que, no dia em que conversei com minha avó, ela também não se recordava exatamente do dia. Na verdade, nem os nomes de sua mãe e de sua sogra ela lembrava corretamente. A memória, por mais que guarde lembranças, sempre carrega lacunas — pequenos detalhes podem ser esquecidos, desbotados pelo tempo.

A etnografia multisituada oferece a possibilidade de pensar coletivamente esses detalhes e reconstruí-los em diferentes contextos de interação. Mais tarde, minha tia Cláudia e minha prima Juliana compartilharam comigo os nomes e as datas que faltavam. Não que essas informações sejam de extrema importância para a escrita do biografema em si, mas elas possuem um valor simbólico para a família. O ato de lembrar em conjunto se torna uma forma de reforçar laços e reafirmar pertencimentos.

O biografema, enquanto fragmento singular da existência de um indivíduo, tem se revelado um dispositivo fundamental para a Antropologia, pois permite compreender as dinâmicas sociais, históricas e culturais a partir das trajetórias individuais. Na confluência entre memória e identidade, essa metodologia oferece não apenas um olhar sobre o sujeito, mas também sobre os contextos que o atravessam. Através do biografema, não apenas narramos uma história pessoal, mas revelamos as estruturas que a moldaram.

À medida que a leitura avançava e eu falava sobre a mudança e o retorno do Rio de Janeiro, as memórias sobre a construção da casa também se tornavam coletivas. Minha mãe compartilhou comigo, naquela noite, que ela e suas irmãs dormiam em beliches e que seu pai era um homem maravilhoso e carinhoso com todas elas. Ao mencionar meu avô, surgiu um misto de saudade entre as filhas, que sempre o admiraram e reconhecem nele uma figura de aprendizado e proteção.

Minha família carrega em sua essência um sincretismo religioso profundo. Todos têm fé em algo – ou em diversas crenças simultaneamente. Dentro desse contexto, a benzedura é vista com naturalidade, um saber ancestral que se entrelaça ao cotidiano. No entanto, o que ainda impressiona é a magnitude do dom de minha avó. Naquela noite, minha irmã Vitória expressou sua surpresa ao perceber a força e a relevância desse conhecimento.

A benzedura, na trajetória de Maria Rita, transcende um simples ritual; é um espaço de potência, onde a espiritualidade se converte em força, ação e cura. Para muitas mulheres negras subalternizadas, essa dimensão espiritual representa não apenas um alicerce de vida, mas também uma ferramenta de autonomia e resistência contra estruturas que historicamente buscam apagá-las.

Ao relatar o episódio envolvendo a mãe de minha avó e seu fogão de lenha, percebi as expressões de espanto ao meu redor. Não era um espanto de medo, mas de reconhecimento – como se, por um instante, todos ali fossem transportados no tempo, visualizando minha avó ainda menina, compartilhando aqueles momentos com sua mãe.

Como destaca Gilson Xavier de Azevedo (2016), as benzedoras ocupam um papel essencial na medicina popular, pois oferecem um cuidado que integra corpo, espírito e emoção,

preservando saberes ancestrais que desafiam o tempo. A benzedura não é apenas expressão de fé, mas um sistema complexo de conhecimento e cura, profundamente enraizado nas comunidades que essas mulheres assistem. Assim, Maria Rita não era só uma benzedeira dentro da família, mas uma guardiã desse legado, que, como enfatiza Azevedo (2016), se perpetua através da oralidade e da prática cotidiana.

O dom de Maria Rita ultrapassa sua própria existência. Ele atravessa gerações, moldando relações e fortalecendo laços comunitários. Sua prática não se esgota em si mesma, mas se expande, ecoando a relevância dos saberes ancestrais que resistem e persistem, mesmo quando suas histórias são marginalizadas ou invisibilizadas.

Dessa forma, o biografema de Maria Rita permitiu iluminar as trajetórias de mulheres negras subalternizadas, cujas vozes frequentemente são silenciadas pela história oficial. Como discutido por Gayatri Chakravorty Spivak (2010), em *“Pode o subalterno falar”*, a subalterna raramente tem espaço para falar, já que suas vivências são filtradas por estruturas que negam sua autonomia e protagonismo. Entretanto, a história de Maria Rita, ao ser narrada, subverte esse silenciamento, transformando sua existência em um testemunho vivo da resiliência das mulheres negras, que, através da luta diária, sustentam suas comunidades e mantêm vivas suas tradições.

Ao me aproximar do final da leitura, mencionei o sonho de minha avó de estudar. Ao olhar ao redor, percebi que a maioria das mulheres reunidas naquela sala eram formadas, estavam em processo de formação ou haviam retomado os estudos após anos afastadas. Foi inevitável perceber como os desejos interrompidos de minha avó agora se materializavam na realidade de suas filhas e netas, que conquistaram o direito de trilhar seus próprios caminhos.

Como expressa minha tia Conceição: "Só existiram três homens que mandaram na minha vida: meus dois avôs e meu pai. Agora sou livre, ninguém me manda." Suas palavras ressoam uma profunda transformação geracional. O que foi um sonho inalcançável para minha avó tornou-se uma possibilidade concreta para nós. Seu anseio por educação não se perdeu, mas encontrou novos caminhos – caminhos que agora percorremos com autonomia e liberdade.

A partir da perspectiva da escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo (2005), a história de Maria Rita insere-se em um movimento maior de autoinscrição das mulheres negras na narrativa histórica. A escrevivência não é apenas um ato de registro, mas uma afirmação de existência e experiência. Por meio da escrita e da oralidade, essas mulheres recontam suas histórias com suas próprias vozes. Maria Rita, ao narrar sua vida, não apenas resgata sua memória, mas também ilumina os caminhos de suas filhas e netas, que encontram reflexos de suas próprias trajetórias em sua história.

As lembranças individuais podem contar a história de um lugar e de um povo. A oralidade tem sido, historicamente, um instrumento de resistência e transmissão de conhecimento entre mulheres negras, garantindo que suas vivências não sejam apagadas. Assim, ao contar sua própria história, Maria Rita proporciona às gerações futuras um espelho para compreender suas trajetórias. Seu relato se torna um elo entre passado, presente e futuro, reafirmando a importância de registrar e compartilhar histórias que, de outra forma, poderiam ser engolidas pelo silêncio. Dessa maneira, sua memória não apenas perpetua sua existência, mas também fortalece a compreensão coletiva sobre a história das mulheres negras no Brasil.

Por muitas vezes, fui questionada sobre minha identidade racial. E, de fato, não sou negra. Sou uma mulher parda, filha de uma mãe negra e de um pai branco. Minha vivência é atravessada por essa dualidade, marcada pela proximidade com as experiências das mulheres negras da minha família, ao mesmo tempo em que reconheço que minha trajetória não é idêntica à delas. Muitas das violências e desafios enfrentados por minha avó e minhas primas eu não vivi da mesma forma. No entanto, isso não significa que minha experiência esteja isenta das marcas do racismo estrutural – ele se manifesta de outras maneiras, em nuances que também precisam ser debatidas.

Afinal, a branquitude não pertence aos corpos pardos. Ela é um lugar social de privilégio consolidado, historicamente reservado àqueles que não precisam provar sua humanidade ou reivindicar espaço. Os corpos pardos, por sua vez, ocupam um território ambíguo, frequentemente oscilando entre a exclusão e a concessão parcial de direitos. Esse deslocamento constante, essa sensação de nunca pertencer totalmente a um lado ou a outro, também é uma experiência racializada que precisa ser compreendida dentro das dinâmicas do racismo no Brasil.

As questões de gênero e classe atravessam este biografema de forma intensa. Em minha família, mulheres sempre foram ensinadas que servir e trabalhar era um dever, pois "o trabalho dignifica" – ainda que esse trabalho se desse em condições de exploração. Nossa pobreza nunca foi uma justificativa para que tivéssemos autonomia, mas sim um argumento para nos manter no lugar de força de trabalho barata e descartável. Muitas das minhas tias, assim como eu, trabalharam como empregadas domésticas, ocupando uma posição historicamente relegada às mulheres negras e pobres. Como Angela Davis (1981) aponta em *Mulheres, Raça e Classe*, o trabalho doméstico não é apenas uma forma de sobrevivência, mas também um mecanismo de opressão que sustenta as desigualdades raciais e de classe, mantendo mulheres negras em condições de subalternidade enquanto possibilita a ascensão de outras mulheres.



Durante esta pesquisa, percebi que essa realidade atravessa gerações. Minha avó, por exemplo, viveu sob uma estrutura familiar em que os homens tinham a última palavra, e ela precisou se impor para conseguir um trabalho formal. Se tornou a principal provedora da casa, mas, antes disso, enfrentou inúmeras recusas e tentativas frustradas de emprego. Quando, enfim, conseguiu uma vaga, ninguém ousava lhe dizer diretamente que seu lugar era dentro de casa, mas o silêncio e a falta de apoio falavam por si. Esse é um destino comum a muitas mulheres.

Este biografema revela a complexidade das relações de gênero e classe, especialmente no contexto das mulheres negras e da classe trabalhadora. Ele denuncia a forma como o trabalho doméstico, uma das principais ocupações das mulheres da minha família, se configura como um mecanismo de opressão estrutural. Como Angela Davis (1981) sublinha, o trabalho doméstico não é apenas uma forma de sobrevivência, mas também uma chave para entender como as desigualdades raciais e de classe se perpetuam, mantendo as mulheres negras em posições subalternas. Ao mesmo tempo, evidencia a luta silenciosa de minha avó, que, mesmo diante das dificuldades e das barreiras, conseguiu se impor como a principal provedora da casa. Essa trajetória, embora não enfrente mais a opressão explícita de outrora, ainda carrega as marcas do silenciamento e da falta de apoio, um destino comum a muitas mulheres.

Além disso, a obra de Kimberlé Crenshaw (1991), especialmente sua teoria da *interseccionalidade*, pode aprofundar ainda mais essa análise, ao ressaltar como as opressões de gênero, classe e raça não podem ser entendidas de forma isolada. Em vez disso, essas opressões se cruzam, formando experiências únicas de discriminação que são invisibilizadas quando analisadas de forma separada. O conceito de interseccionalidade ajuda a compreender como a experiência de minha avó, e de tantas outras mulheres, não pode ser reduzida a uma única categoria de opressão, mas deve ser entendida como o resultado de uma intersecção complexa de fatores sociais e históricos. A interseccionalidade de Crenshaw (1991) expande a análise de Davis (1981), oferecendo uma compreensão mais ampla da estrutura de poder que mantém as mulheres negras e pobres em situações de subordinação e resistência.

Ao longo deste trabalho, também enfrentei estigmas. Minha capacidade foi questionada e meu esforço minimizado, ao mesmo tempo em que colegas da universidade me procuravam para desabafar sobre suas dificuldades acadêmicas, esperando de mim um acolhimento quase maternal. Mas eu não sou mãe. Eu também estou atravessando esse processo, tentando me equilibrar entre os desafios do presente e o peso de uma história que insiste em nos aprisionar em um ciclo de exploração e invisibilidade. Assim como minha avó e tantas outras antes de mim, sigo lutando para afirmar meu valor em um mundo que só nos enxerga quando precisa de

nosso trabalho – mas nunca quando reivindicamos nosso direito ao reconhecimento e à dignidade.

No final da leitura, quando as palmas ecoaram pela sala, senti um alívio imediato. Havia superado mais um desafio para realizar este trabalho. No entanto, essa sensação passou rápido, e logo me voltei para minha avó, ansiosa para saber sua opinião. Perguntei se ela havia gostado, mas ela me respondeu com outra pergunta: “Como você lembrou de tudo isso?” Sem pensar muito, respondi: “Como não lembraria? Eu gravei tudo.” Ela então comentou, surpresa: “Mas é muita coisa, sua memória é boa.”

Essa troca me acompanhou pelos dias seguintes, enquanto organizava as ideias para escrever o último capítulo. Refletindo sobre as entrevistas realizadas no trabalho de campo, percebi como a memória de Maria Rita se estrutura em diferentes formas narrativas. No início das conversas, ela adotou uma organização linear do tempo, relembrando sua vida em ordem cronológica. Essa linearidade marcou a primeira parte do relato. No entanto, conforme a entrevista avançava, sua narrativa começou a transitar entre passado, presente e futuro, especialmente ao falar sobre momentos marcantes, como o nascimento e a morte de seu filho mais velho. Como Paul Ricoeur (1994) em “*O Tempo e a Narrativa*” aponta, essa transição nas narrativas pessoais reflete não apenas a vivência do tempo, mas também a transformação da própria identidade ao longo da vida, à medida que as experiências se conectam e se reinterpretam ao longo do tempo. Já na terceira parte, sua fala parecia buscar um desfecho, focando nos filhos já crescidos, mas também revelando um esvaziamento das lembranças. O esquecimento de certos detalhes e a repetição de algumas histórias mostravam como o tempo e as experiências de vida moldam a forma como recordamos e contamos nossas memórias. Esse fenômeno é algo que Michel de Certeau (1998) também observa, sugerindo que as práticas cotidianas e as narrativas pessoais revelam uma resistência silenciosa ao apagamento das experiências vividas.

Ao olhar ao redor daquela sala, vi minhas tias, minha mãe, minhas primas, as filhas de minhas primas – gerações inteiras reunidas ali. Foi nesse instante que compreendi, com profundidade, a importância desse trabalho. Cada uma delas carregava um pedaço da história que eu buscava contar. Ali estavam não apenas mulheres, mas vidas entrelaçadas pelo tempo, pela luta e pelo afeto. Hoje, ao finalizar esse texto, sinto o cheiro da casa da minha avó, broa de fubá sendo assada, e lembro da minha infância, um momento de nostalgia. A verdade é que minha irmã estava fazendo broa de fubá, e mais uma vez minha avó se fez presente em nossas vidas com suas receitas, que foram passadas adiante. Como Marianne Hirsch (2012) em *The Generation of Postmemory* discute, as memórias de uma geração são vividas pelas que a

seguem, mesmo sem tê-las experimentado diretamente. Isso pode ser visto nas mulheres da minha família, que, mesmo não tendo vivido diretamente as mesmas experiências de Maria Rita, ressoam com suas memórias, as absorvem e as retransmitem de uma geração a outra. E, no centro de tudo, Maria Rita – filha, mulher, mãe, esposa, avó, benzedeira. Acima de tudo, Maria Rita.



Fotografia 2: Vó Maria Rita  
Fonte: acervo Família

## 6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

**AZEVEDO, Gilson Xavier de.** *As benzedeadas na tecitura da cultura, religião e medicina populares*. 2017. 172 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

AZEVEDO, Rebeca de. *Católico, gay e soropositivo: um biografema sobre a vida*. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em: repositorio.ufms.br. Acesso em 14 de março 2025

**BARTHES, Roland.** *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

**BOVET, Jeanne.** *A mulher e o trabalho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

**CERTEAU, Michel de.** *A invenção do cotidiano: artes de fazer (1998)*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

**MARCUS, George E.** *Etnografía en/del sistema mundial: el surgimiento de la etnografía multilocal*. In: GUBER, Rosana (Org.). *La etnografía: método, campo y reflexividad*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2001, p. 113.

**CLIFFORD, James.** *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008

**Crenshaw, Kimberlé.** "Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color." (1991) *Stanford Law Review*, vol. 43, no. 6, 1991, pp. 1241-1299. *Stanford Law Review*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039>. Acesso em: 11 fev. 2025.

**DAVIS, Angela.** *Mulheres, raça e classe.(1981)* Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

**EVARISTO, Conceição.** *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.

**EVARISTO, Conceição.** *Olhos d'Água*. 3ª. ed. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2014

**EVARISTO, Conceição.** *Becos da Memória*. 3ª ed. 9ª reimpressão. Rio de Janeiro: Pallas, 2024.

**EVARISTO, Conceição.** A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrivivência: a escrita de nós*. São Paulo: Itáu Social, 2020. p. 28-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

**FREYRE, Gilberto.** *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

**FEIL, G. S.** *O método biografemático: escritura nova em educação*. Educação, [S. l.], v. 44, p. e63/ 1–15, 2019.

**Hirsch, Marianne.** *The Generation of Postmemory: Writing and Visual Culture After the Holocaust*. New York: Columbia University Press, 2012

**Janotti. Maria de Lourdes Monaco,. Queiroz. Suely Robles Reis de.** Memória da escravidão em famílias negras de São Paulo. *Rev. Inst. Est. Bras.*, SP. 28:77-89,1988

**MACHADO, Maria Luiza.** *O mundo da magia: fé, sensibilidade e o saber mágico*. 1. ed. São Paulo: Editora X, 1988.

**Margarete F. Nunes, Magna L. Magalhães e Ana Luiza C. da Rocha.** *Trabalho negro, memória negra na Vale do Sinos (RS)*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 269-292, jan./jun. 2013

Barthes, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Difel, 1971

**RIBEIRO, Paula Christina Pegado; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas.** *Reflexões acerca dos vínculos de cuidado entre avós e netos na atualidade*. *Polêm!ca*, v. 17, n. 4, p. 17-29, out./dez. 2017. DOI: 10.12957/polemica.2017.34309. Disponível em: <[https://www.academia.edu/88139407/Reflex%C3%B5es\\_Acerca\\_Dos\\_V%C3%ADnculos\\_De\\_Cuidado\\_Entre\\_Av%C3%B3s\\_e\\_Netos\\_Na\\_Atualidade](https://www.academia.edu/88139407/Reflex%C3%B5es_Acerca_Dos_V%C3%ADnculos_De_Cuidado_Entre_Av%C3%B3s_e_Netos_Na_Atualidade)>. Acesso em: 5 fev. 2025.

**Silva, A. F. (2014).** *Poética da existência: Rubem Alves, história de vida, tramas e narrativas*. Campinas, SP: [s.n.].

**Silva Souza, K., de Cerqueira Castro, J. L., Fernandes de Araújo, L., & de Oliveira Santos, J.V. (2018).** *Representações sociais do envelhecimento: um estudo com avós idosas que cuidam dos netos e avós que não*. *Ciencias Psicológicas*,12(2), 293-297. doi: <https://doi.org/10.22235/cp.v12i2.1693>.

**Ricoeur, Paul.** *O Tempo e a Narrativa*. Tradução de Maria Rita Peixoto, 3 volumes. São Paulo: Editora Loyola, 1994.